

Estado vai oferecer proteção a defensores de direitos humanos

Programa cria rede assistencial com a participação de órgãos de segurança, Ministério Público e sistema judicial. **Página 7**

Foto: Arquivo pessoal

Entrevista



LGPD Renato Leite destaca as punições previstas na legislação para quem violar privacidade. **Página 4**

Economia

PB se mantém como o 2º maior produtor de abacaxi do país

Estado responde por quase 19% do que é cultivado no Brasil e qualidade faz fruto paraibano ser mais caro. **Páginas 17 e 18**

Paraíba

Casa da Pólvora tem as marcas da resistência dos colonizadores

Das três edificações construídas na Cidade de Nossa Senhora das Neves do século 18, só restou uma. **Página 5**

Estado possui 18 pistas de pouso registradas pela Anac

Do total, 11 são públicas e sete, privadas; a grande maioria serve apenas para aeronaves de pequeno porte. **Página 6**



Coleta seletiva preserva o meio ambiente e gera renda

Saiba como separar corretamente o lixo, afinal reciclagem é cidadania e dá emprego a quem precisa. **Página 20**

Foto: Divulgação

Cultura



'Moagem' Em produção há 10 anos, documentário registra a resistência dos antigos engenhos da PB. **Página 9**

Foto: Marcus Antonius/Arquivo

Protestos geram clima de confronto no 7 de Setembro

Além do tradicional Grito dos Excluídos, será realizada este ano, na capital, uma manifestação em apoio a Bolsonaro. Forças de Segurança do Estado estão preparadas para evitar possíveis conflitos. **Página 3**



Foto: Reprodução

Almanaque



Expectativa x realidade Conheça as razões que levaram Pedro Américo a retratar, com muito mais pompa do que realmente foi, a Independência do Brasil. **Página 25**

Colunas

/// A exceção da verborragia de alguns falastrões, a cúpula das Forças Armadas mostra-se contrária à tomada do poder por vias antidemocráticas. São as 'vivandeiras alvorçadas' da história republicana... **Página 2**

Rui Leitão

/// O povo do maracatu tem coragem de viver – assim foi vencida a escravidão na longa noite senzala, no horror do cativo. Daí a galhardia com que enfrenta a pária da vida. **Página 2**

Sitônio Pinto

/// Melhor se sairão deste momento de dificuldades que vivenciamos atualmente, aqueles municípios, estados, regiões ou nações que compreenderem e exercitarem a cooperação como alternativa qualificada. **Página 17**

Chico Nunes



Correio das Artes Matéria de capa traz histórias e fatos que cercam músicas, livros, crônicas, pinturas e produções audiovisuais baseadas no povo e nos lugares de João Pessoa.



Editorial

Dissenso

Não se deve tentar impor ornamentos à realidade, de maneira a vender uma imagem bonita, porém falsa, do contexto social, tanto no que diz respeito às gerações contemporâneas como às do futuro. O Brasil vive um momento de intranquilidade institucional, e o maior teste, para a solidez do regime democrático, talvez seja a próxima terça-feira, 7 de Setembro, data em que o país comemora 199 anos da independência do jugo de Portugal.

O desfile tradicional, de militares e estudantes, por exemplo, não ocorrerá, devido à crise sanitária sem precedentes, ocasionada pela pandemia de coronavírus. No entanto, insuflados pelo próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, manifestantes deverão sair às ruas não para cantar loas aos mártires da Independência, mas para fazer coro aos apelos golpistas de quem foi eleito justamente em consonância com as regras do jogo democrático.

Da mesma forma, nas ruas estarão os críticos de Bolsonaro e de seu governo, certamente também em um grito uníssono a favor da preservação da ordem democrática, cuja quebra estaria representada por cataclismas institucionais, como a invasão ou o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF). Espera-se que não haja confrontos de maior gravidade, entre os partidários de bandeiras de cores tão destoantes.

Somente em situações extremas, nas quais haja, de fato, comprometimento da ordem pública e da paz social no país, reza a Constituição Federal que pode o presidente da República, após ouvir o Conselho da República e o Conselho de Defesa Nacional, “decretar estado de defesa para preservar ou prontamente restabelecer, em locais restritos e determinados, a ordem pública ou a paz social ameaçadas por grave e iminente instabilidade institucional”.

E o que são os Conselhos da República e de Defesa Nacional? São órgãos de elevada estatura, integrados por representantes diretos do povo e dos Poderes constituídos, além das Forças Armadas. Cabe uma pergunta: que justificativa teria uma eventual convocação dessas instâncias, pelo presidente da República, com vistas a reparar situações críticas criadas justamente por aqueles que, como ele, atentam contra o Estado Democrático de Direito?

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

As “Vivandeiras alvoroçadas”

Tenho ouvido, com alívio e orgulho, informações de que vários oficiais de alta patente das Forças Armadas brasileiras recusam audição a algumas vozes de alienados clamando por intervenção militar. Manifestações, acima de tudo, patrióticas e revelam o quanto estão cientes de suas responsabilidades em defesa da Pátria e da garantia dos poderes constitucionais, bem como da lei e da ordem, quando convocados. Essa é a função de Estado que lhes cabe de acordo com o artigo 142 da Carta Magna vigente.

À exceção da verbosidade de alguns falastrões, a cúpula das Forças Armadas mostra-se contrária à tomada do poder por vias antidemocráticas. São as “vivandeiras alvoroçadas” da história republicana, como chegou a afirmar o ditador Castelo Branco, tentando voltar a “provocar extravagâncias do poder militar”. O agravamento da crise política nacional não justifica que se pretenda “matar a democracia” estabelecendo a instalação de um regime ditatorial. A Constituição de 1988 retirou dos militares o poder de decisão intervencionista, não lhes concedendo, portanto, nenhum mandato emergencial para a solução de crises políticas. A situação, então, difere das circunstâncias em que se deu o golpe de 1964.

Esse ensandecido movimento intervencionista é uma manifestação de desejo masoquista de viver sob o império do arbítrio e do autoritarismo, abrindo mão da liberdade de agir e de pensar, em nome de uma equivocada tese de que estamos contaminados ideologicamente por teorias de esquerda que oferecem risco de nos tornarmos uma nação comunista ou bolivariana. Esse é o discurso antiquado dos que estão nas ruas defendendo a intervenção militar. Tem muita gente disseminando o ódio e o medo para conquistar adeptos a essa campanha.

Os oficiais que se declaram contra a intervenção mostram-se estar à altura do

país e do povo brasileiro. Graças a Deus percebe-se uma mudança de mentalidade na cúpula das Forças Armadas. Nelas existe a compreensão de que o importante é garantir um Estado que preserve os seus valores morais e éticos, com a manutenção de um sistema político adequado à nossa formação cultural. Aplaudamos o afastamento do fantasma da ditadura militar e caminhemos em busca do fortalecimento de nossa democracia.

Essas “vivandeiras alvoroçadas” sonham em golpear a ordem constitucional e a democracia, atacando as instituições e tomando o poder. Ainda bem que são minoritários nos quartéis. Há um entendimento dominante de que as Forças Armadas não serão mais usadas para empreendimentos antidemocráticos. Não comungam com o discurso de emparedamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Os intervencionistas são barulhentos, mas são poucos.

Chegam alguns a deturpar o espírito definido pelos constituintes no artigo 142 da nossa Carta Magna, tentando impor às Forças Armadas o “poder moderador”. A quase unanimidade dos juristas brasileiros diz: “O art. 142 da CF coloca as Forças Armadas a serviço da manutenção da lei e da ordem a pedido de qualquer um dos três Poderes. Não dá prerrogativa de o Exército intervir no STF. O povo brasileiro não admite essa interpretação golpista”. A confusão analítica desse preceito constitucional não encontra amparo legal.

No seu livro “O Militar e a Política”, o general Santos Cruz afirma que “as Forças Armadas são instituições permanentes do Estado brasileiro e não participam nem se confundem com governos, que são passageiros, com projetos de poder, com disputas partidárias, com discussões e disputas entre Poderes ou autoridades”. Portanto, elas não podem ser utilizadas para objetivos ilegítimos contra a Nação e o povo brasileiro.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Baque virado

Quem sabe onde pode se comprar uma gravação de desfile de maracatu? De nação? É um folguedo que pode e deve ser visto o ano todo, e não apenas durante do Carnaval. De preferência “irradiado”, com uma locução explicando ao telespectador as minúcias da roupa tão rica, da coreografia tão rica, tudo é rico no maracatu! Menos o povo, que o veste, canta, dança, ora e chora, pois tudo no maracatu é sincrético - a partir da dança e dos cantos que o envolve.

E dançam armados. Com longas lanças que sublinham os cantos corajosos como seu povo. Estou falando do maracatu rural, pois a prodigalidade dos seus brincantes ainda deu vez ao Maracatu urbano, encontrável nas ruas do Recife e da Zona da Mata pernambucana - aquela de boas aguardentes. O povo do maracatu tem coragem de viver - assim foi vencida a escravidão na longa noite senzala, no horror do cativeiro //

// O povo do maracatu tem coragem de viver - assim foi vencida a escravidão na longa noite senzala, no horror do cativeiro //

O maracatu parece ao terreiro da alegria brasileira com suas convicções inabaláveis. Por isso a cadência de seus passos não se altera com o ruflar de outros tambores.

O Brasil é fértil desses folguedos. A Paraíba até por osmose herdaria um

pouco da humildade de Pernambuco. Humildade não lhe falta. Houve um tempo em que pessoas disseram que o frevo seria original de Igarassu. Alguns defenderam essa tese, inclusive um maestro e professor de educação artística no clássico do Lyceu Paraibano, saudosamente falecido (o professor). Ele era de fora dessa província e, portanto, insuspeito. Paraibanidade de Pedro Santos.

A Paraíba tem um folguedo parecido. Como os cabocolinhos: as tribos de índios e as africanas. Quando eu era menino ficava apavorado ao ouvir os ensaios dessas tribos. Mais tarde, o medo voltou ao ouvir a banda tocar para o grupo dançar, o cacique montado num cavalo branco, magro. Ou melhor, rosilho e magro, pois não existem cavalos brancos, nem o de Napoleão, nem o de...

Eu ia contrariando uma regra minha, escrevendo o nome de um facinora. Nem o do cavalo dele. Sou mais o cavalo que atanzava Jorge Lima: “era um cavalo todo feito em lavas, / recoberto de brasas e de espinhos. Pelas tardes amenas ele vinha / e lia o mesmo livro que eu lia. / Depois, lambia a página e apagava / a memória dos versos mais doridos, / então o cavalo de fogo se encantava.

Mas o maracatu não está sozinho nessa luta depressiva do povo brasileiro. Começa pela multiplicidade das marcas e formação dos grupos.

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Manifestações do 7 de Setembro deixam Segurança em alerta

Polícia estará nas ruas com um contingente de 1.500 PMs para garantir a segurança em caso de confronto entre manifestantes

Lucilene Meireles e José Alves
lucilene@epc.pb.gov.br
zavieira2@gmail.com

O comandante-geral da Polícia Militar da Paraíba, coronel Euler Chaves, afirmou que está preocupado com as manifestações previstas para o 7 de Setembro, e anunciou que a PM estará nas ruas com um contingente de 1.500 policiais militares para garantir a segurança em caso de confronto entre os manifestantes. Mesmo sem o tradicional desfile, a data deve ser marcada por protestos por todo o Brasil. Na Paraíba, as entidades como a Central Única dos Trabalhadores

(CUT-PB) e apoiadores do presidente da República, Jair Bolsonaro, avisaram que farão protestos.

“Nós realmente temos a preocupação com um 7 de Setembro diferente, em que as pessoas anunciam manifestações para defender as suas ideias”, admitiu. Por isso, será estabelecida a colocação de disciplinadores no período da tarde. “A nossa missão é pacificar e isolar as torcidas organizadas pelos seus lados políticos e seus ideais”, disse.

Ele pede à população que não permita a desordem pública e que as pessoas ajam com civildade, respeito à democracia e às opiniões contrárias. “Se depender da Polícia Militar, estaremos pre-

sentes garantindo aos dois lados a possibilidade para que se manifestem dentro da lei e da ordem”, comentou.

O secretário da Segurança e da Defesa Social, Jean Nunes, afirmou que, assim como em outros eventos que são realizados no Estado, a Seds tem um planejamento com a Polícia Militar, Bombeiros Militar e Polícia Civil acompanhando e organizando esse planejamento operacional para que tudo transcorra em paz no feriado. Ele afirmou que as polícias e Bombeiros estarão de prontidão para qualquer eventual ocorrência nesse dia. “Nossa missão é cuidar da segurança da população do nosso Estado”, afirmou.



Foto: André Lúcio/Secom-PB

“A nossa missão é pacificar e isolar as torcidas organizadas pelos seus lados políticos e seus ideais”, disse o coronel Euler Chaves

+ Proteção também no interior

O esquema de segurança vale para os eventos de João Pessoa com maior ênfase, mas a Polícia Militar vai acompanhar as manifestações em Campina Grande, Patos, Guarabira e Cajazeiras. O coronel Euler Chaves afirmou que o problema maior está em João Pessoa, pela quantidade de pessoas que visam participar, por algumas lideranças políticas dos dois lados estarem baseadas na cidade.

“Se houver algum problema de ordem pública, será em João Pessoa, mas vamos fazer o possível com policiamento, disciplinamento, para que as pessoas se manifestem e estabeleçamos todos juntos a paz”, comentou.

Se ocorrerem confrontos, ele disse que poderá haver uso da força. Começa com policiamento preventivo a pé, mas se houver necessidade, entra a Força Tática, Batalhão de Operações Especiais e Choque. Se necessário, entram os Comandos de Operações Especiais vinculados ao Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) e, na zona rural, Geosac (Grupamento Especializado de Operações em Área de Caatinga). Porém, só em casos extremos.

O comandante observou que no Dia da Independência, as pessoas querem

dar o seu recado, sejam as mais vinculadas à esquerda ou à direita. Para ele, isso faz parte do processo democrático, e a PM vai dar o suporte para que tudo ocorra na tranquilidade.

A Polícia Militar iniciou, na sexta-feira (3), a Operação Independência com mais de 900 policiais e 414 viaturas operando com reforço no final de semana.

Participação de policiais

Em São Paulo, Distrito Federal, Pernambuco, Ceará, Pará, Mato Grosso e Santa Catarina promotores estão atuando para coibir a participação de policiais militares nos atos anunciados por bolsonaristas para o 7 de Setembro. Eles querem evitar a adesão de policiais militares nas manifestações. Na Paraíba, conforme o comandante-geral da Polícia Militar, Euler Chaves, não há proibição para que os policiais participem.

Ele explicou que os veteranos, que são da reserva, são cidadãos comuns e podem participar sem problema. O da ativa que resolver ir até o local deve manifestar-se com disciplina, na sua folga, sem ferir autoridades públicas, e sem qualquer ato de violência, também está liberado.

Grito dos Excluídos com 26 entidades

Para o dia 7 de Setembro está prevista em João Pessoa, a 27ª edição do Grito dos Excluídos. O movimento deve reunir cerca de 26 entidades de movimentos populares, religiosos, sindicais, estudantis e políticos. A concentração começa às 9h, na Praça das Muriçocas, no bairro de Miramar, e segue em caminhada, puxados por três trios elétricos, pela avenida Epitácio Pessoa até o Largo de Tambaú, às 11h.

Este ano, o tema do movimento é ‘Vida em primeiro Lugar’, repetindo um dos primeiros motes do Grito dos Excluídos que foi às ruas pela primeira vez em 1995, com a presença do Arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires. Para 2021, a estimativa é que mais de 5 mil pessoas participem.

Ciro Caleb Barbosa, militante do Levante Popular da Juventude e integrante da coordenação coletiva do Grito dos Excluídos, disse que os atos se unem ao ‘Grito’, que sempre acontece nessa data em todo o país. “Em João Pessoa, será um ato pacífico na luta pelo Fora Bolsonaro e por participação popular, educação, saúde, comida, moradia, trabalho e renda. Esse será o recado dado pelo povo paraibano neste dia”, disse.

O diácono da Arquidiocese da Paraíba, Josinaldo Dantas da Silva, um dos organizadores e animadores do movimento, ressaltou que o lema é ‘Na Luta por Participação Popular’. “Ou seja, será um movimento que tem como objetivo a luta pela vida, pela saúde, por moradia e por trabalho e renda já”, disse. Ele disse que, apesar de não ser um protesto contra o atual governo, certamente, nas diversas alas algumas pessoas vão soltar o grito ‘Fora Bolsonaro’.

O outro lado

À frente das manifestações em prol do presidente Bolsonaro, o deputado estadual Cabo Gilberto afirmou que o evento, realizado por vários grupos conservadores, começa às 15h. “Eu estarei em São Paulo, na Avenida Paulista, participando ao lado do presidente e os nossos apoiadores”, comentou. O deputado assegurou que não há qualquer preocupação sobre confrontos da parte dos conservadores. “Não temos nenhum medo disso, até porque fazemos movimentos desde 2013, na época contra Dilma Rousseff e nunca houve nenhum problema com relação a isso”, acrescentou.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

NO 7 DE SETEMBRO: MANIFESTAÇÕES DA DIREITA E DA ESQUERDA ESTABELECEM UM CLIMA DE TENSÃO

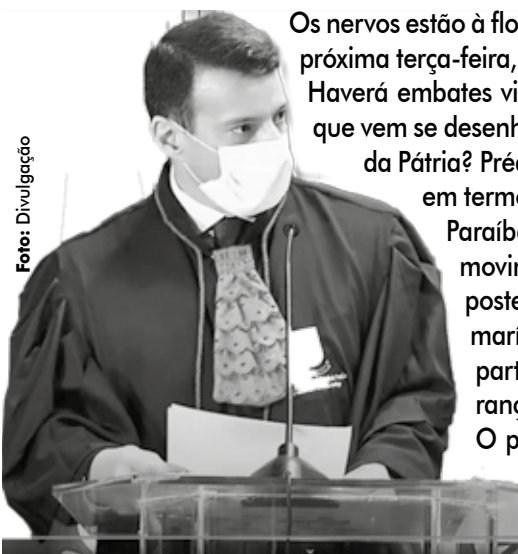


Foto: Divulgação

Os nervos estão à flor da pele. Há um clima de tensão no ar. Refiro-me à simbólica data de 7 de Setembro, na próxima terça-feira, em que estão marcadas manifestações públicas contra e a favor do governo Bolsonaro. Haverá embates violentos entre integrantes da esquerda e da direita? É possível que o clima beligerante que vem se desenhando nesta semana se manifeste, de fato, no dia das comemorações cívicas da Semana da Pátria? Prédios públicos de Brasília, por exemplo, onde as manifestações deverão ser mais robustas, em termos de adesão dos grupos rivais, estão com segurança extra para evitar depredações. Na Paraíba, as manifestações ocorrerão em horários diferenciados. Os partidos de esquerda e os movimentos sociais irão se concentrar, a partir das 9h, na Praça das Muriçocas, em Miramar e, posteriormente, os manifestantes irão sair em caminhada até o Busto de Tamarandé, na orla marítima. Coincidência ou não, partidos de direita ficarão concentradas no busto, só que a partir das 15h. Na Paraíba, o Ministério Público orientou que integrantes das forças de segurança pública se abstenham de participar de atos que contrariem o princípio da legalidade. O procurador-geral de Justiça, Antônio Hortêncio Rocha Neto (foto), afirmou que o órgão ficará atento no que diz respeito a “observar toda legalidade referente a esses atos e a qualquer tentativa de ameaça à democracia”.

EXPLICAÇÃO MINISTERIAL

Sabe o requerimento de Veneziano Vital do Rêgo (MDB), convidando o ministro da Educação, Milton Ribeiro, a explicar declarações segundo as quais “a universidade não é para todos” e que alunos com deficiência “atrapalham” os demais? Foi aprovado. Sendo assim, o titular da pasta será ouvido em audiência, na Comissão de Educação (CE), dia 16.

AUDIÊNCIA COM QUEIROGA

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, irá participar, quarta-feira, de audiência pública, no âmbito da Comissão Temporária da Covid-19 do Senado. Na pauta, debate sobre o Plano Nacional de Imunização (PNI) e o cumprimento de prazos de vacinação. As pessoas podem enviar perguntas pelo telefone 0800 061 2211 ou pelo Portal e-Cidadania.

PROPOSTA CONTESTADA

A proposta do novo Código Eleitoral, que será votada nesta próxima semana na Câmara dos Deputados, não é uma unanimidade entre os parlamentares. Há quem alerte que ela trará prejuízos à Lei da Ficha Limpa. “Quem renunciar antes de processo de cassação poderá manter os direitos políticos e disputar a próxima eleição”, diz o deputado Kim Kataguiri (DEM-SP).

SEM CONGELAMENTO

“Apresentamos esse projeto na intenção de evitar o sucateamento da educação”, afirma o deputado Frei Anastácio (PT), coautor do projeto de lei que retira a área da Educação Pública do Novo Regime Fiscal, instituído pela Emenda Constitucional 95, que estabeleceu o congelamento de investimentos em diversas áreas por 20 anos.

“É SÓ RETALIAÇÃO”

Anísio Maia diz que está sendo vítima de “retaliação” no PT, referindo-se ao julgamento, pelo Conselho de Ética, de uma suposta caso de infidelidade partidária - ele foi candidato a prefeito de João Pessoa à revelia da direção nacional. Lembrou que a divergência interna é uma característica da legenda: “Quem é petista está acostumado a ter sempre muita disputa”.

ANÍSIO DIZ QUE DIFERENÇA DE OPINIÃO É MARCA DO PT

Para Anísio Maia, as diferenças de opinião entre as distintas tendências internas no PT são uma prática normal dentro do partido. E deu um exemplo recente: “Assim como não achamos promissora a vinda de Ricardo Coutinho para o PT, existem aqueles que defendem o contrário. O verdadeiro petista tem que saber conviver com os impasses”, argumentou.

Renato Leite,
vice-presidente da Sucesu-PB

Novas sanções previstas pela lei entraram em vigor com o intuito de endurecer as obrigações das empresas para com o tratamento destas informações

“LGPD prevê consequências à exposição da privacidade”

Lei fornece proteção jurídica, processual e tecnológica para as empresas e, para os cidadãos, oferece os meios necessários para se reclamar na Justiça



Foto: Arquivo Pessoal

Carol Cassoli
Especial para A União

Associada a termos como proteção, segurança, privacidade e transparência, a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) foi criada para que os dados compartilhados em ambientes comerciais bra-

sileiros se tornem cada dia mais seguros. Em vigor há um ano, a LGPD exige que todas as empresas do Brasil assumam uma postura séria com relação à coleta e processamento dos dados de seus clientes.

No último mês, inclusive, novas sanções previstas pela lei entraram em vigor

com o intuito de endurecer as obrigações das empresas para com o tratamento destas informações. Segundo as sanções, o cidadão, como titular de seus dados, tem garantido o direito à transferência dos mesmos para outras empresas, por exemplo. Além disso, a Autoridade Nacional de

Proteção de Dados (ANPD) também pôs em prática a aplicação de penalidades (como advertências e multas) diante de infrações à lei, segundo o grau de impacto que as mesmas atingirem. Neste contexto, cada punição pode chegar a até R\$ 50 milhões.

A União procurou o vi-

ce-presidente da Sociedade de Usuários de Tecnologia da Paraíba (Sucesu-PB), Renato Leite para discutir o funcionamento da LGPD, suas novas sanções e seus impactos na sociedade. Renato atua há mais de 10 anos criando soluções para o mercado de transações eletrônicas, com

ênfase em captura e gestão estratégica de redes e é diretor de Tecnologia da empresa ServiceNet. Atualmente, Renato que já lecionou no curso de Tecnologia da Informação, também atua como pesquisador e é mestrando pelo Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco.

A entrevista

A LGPD foi sancionada em 2018 e entrou em vigor no ano passado. Como foi o processo de habituação para que as empresas se adequassem aos encargos da lei?

Assim como ocorreu em mais de 90 países, o Brasil se adequou às normas internacionais de armazenamento, processamento e proteção de dados pessoais. Desde a promulgação da lei, diversas empresas se movimentaram para adaptar seus pilares de proteção de dados: como a definição do responsável pela proteção dos dados, correção de possíveis vazamentos e ajustes de seus processos para utilização mínima e consciente dos dados de seus usuários. Eu diria que a LGPD pegou antes mesmo de entrar em vigor; a movimentação foi intensa. Na Europa apenas 30% das empresas estavam aptas quando a GDPR (Regulamento Geral de Proteção de Dados), a irmã europeia da nossa lei, entrou em vigor, em 2018. Hoje, no Brasil, esse número beira os 50%.

Devido a seu caráter transformador, a LGPD pode ser considerada um marco na proteção de dados dos brasileiros. O que mudou após a lei se tornar realidade?

Agora, os cidadãos brasileiros contam com uma legislação robusta, que prevê sanções ao compartilhamento, armazenamento e tratamento de dados não autorizados. Foi instituída a ANPD para tratar e indicar

“É possível acionar qualquer empresa que esteja de posse de seus dados e solicitar a indicação de sua total aceitação, em caso de não haver indicação clara da total anuência do usuário pode ser acionado a ANPD, Procon e até mesmo o Ministério Público para judicialização da questão”

multas que podem chegar a 50 milhões de reais ou 2% do faturamento da empresa. Neste contexto, uma grande barreira ao compartilhamento indiscriminado que vivíamos antes em nosso país foi, sem dúvidas, quebrada.

Sabemos que os cookies registram diversas informações sobre os usuários, como preferências e frequência de cliques, por exemplo. Com quais tipos de dados a lei atua?

A lei versa sobre dados pessoais, sendo eles qualquer um que seja criado ou fornecido pelo cidadão no uso de qualquer serviço. Os cookies são mecanismos digitais que armazenam dados e permitem rastreamento de usuários em sistemas de internet (sites, lojas virtuais ou aplicativos). Mas o

mundo físico também está repleto deles. Sabe aquela fichinha que preenchemos, à mão, no hotel? Ela também está protegida pela LGPD. Os dados devem ser protegidos, independente do meio em que se encontram.

Qual o benefício que a LGPD traz à população?

A LGPD traz para todos nós a garantia que haverá consequências quanto à exposição de nossa privacidade através do uso indevido de nossos dados. Penso que antes nossa vida era um livro aberto e, a partir de agora, a ideia é que este livro se torne um diário (com o cadeado da LGPD).

O que significa dizer que o cidadão é o titular de seus dados?

O cidadão terá que autorizar o armazenamento e compartilhamento de suas informações. E, se julgar necessário, também pode solicitar a deleção dos seus dados de todos os processos, bases e arquivos da empresa que os tenha armazenados. Esse processo está previsto na LGPD e exige um encarregado nomeado (conhecido como Data Protection Officer ou DPO) frente à ANPD para responder e garantir a remoção total dos dados pessoais solicitados.

De que forma a segurança assegurada pela LGPD se aplica?

Vejo muita desinformação sobre o que a LGPD garante juridicamente e o que ela garante na prática. Como

“Assim como ocorreu em mais de 90 países, o Brasil se adequou às normas internacionais de armazenamento, processamento e proteção de dados pessoais”

qualquer lei, ela existe para orientar e indicar sanções em caso de seu descumprimento, mas não garante que as empresas irão segui-la. Contudo, ela oferece para as empresas uma referência sobre o que deve ser observado e implementado na proteção de dados pessoais. Uma vez aplicada em sua totalidade, a LGPD fornece uma proteção jurídica, processual e tecnológica para as empresas que a seguem e ao cidadão, uma garantia que terá meios legais para reclamar seus dados perante a justiça.

Qual a importância de utilizar softwares especializados no gerenciamento de dados?

A utilização de software e processos em conformidade com a LGPD é fundamental para que empresas possam atender com agilidade às mudanças exigidas na legislação; além de tratar de tantos mecanismos distintos de armazenamento, tratamento e deleção de dados também. Tudo isso é impraticável sem soluções de software.

É interessante lembrar, também, que todos os processos que lidam com dados pessoais devem ser revistos e readequados com o uso de ferramentas de software ou não para garantir ao usuário a proteção esperada.

Com as sanções que entraram em vigor este mês, o que mudou? Na prática, o que acontece?

Na prática, todas as empresas que tratam dados pessoais devem estar atentas à definição do encarregado da proteção de dados e traçar medidas para constantemente resolver problemas e falhas em seus processos. Como, por exemplo, discriminar usuários pelo uso de seus dados pessoais sem autorização, vazamentos de dados sem tratamento, não cumprimento de solicitações de remoção de dados. Para o usuário? Total garantia legal que será respondido em juízo ao uso indiscriminado ou não autorizado de seus dados.

Se não gerenciados corretamente, os dados coletados com cookies podem ser vendidos. Nestes casos, o que pode acontecer com os dados desses usuários e o que é possível fazer?

É possível acionar qualquer empresa que esteja de posse de seus dados e solicitar a indicação de sua total aceitação, em caso de não haver indicação clara da total anuência do usuário pode ser acionado a ANPD, Procon e até mesmo o Ministério

Público para judicialização da questão. Em caso de assistência do usuário sobre um compartilhamento aceito previamente, a resposta é simples: solicite a remoção de seus dados e exija que o prazo legal seja cumprido.

Como uma empresa deve se organizar para entrar em acordo com a lei?

Sugiro sempre buscar um especialista. A Sucesu-PB faz um trabalho intenso de educação, consultoria e implementação da LGPD nas empresas usuárias das Tecnologias da Informação e da Comunicação da Paraíba. Os processos a serem adequados vão muito além de software e exigem uma orientação para otimizar os processos. Considero cinco passos fundamentais para este processo: conhecer a lei em sua totalidade; criar sua política de proteção de dados e torná-la pública; definir seu DPO; desenhar seus processos que tratam de dados pessoais, conhecer e corrigir as suas falhas e, finalmente, adequar seus contratos e indicar a conformidade à LGPD.

“Agora, os cidadãos brasileiros contam com uma legislação robusta, que prevê sanções ao compartilhamento, armazenamento e tratamento de dados não autorizados”



Casas da pólvora: marcos da resistência dos colonizadores

Paraíba teve três prédios - hoje, existe apenas um - onde eram guardadas armas e munição para os soldados

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Mesmo existindo hoje apenas um prédio remanescente, a Paraíba teve, na verdade, três casas da pólvora, marcos históricos e símbolo da luta e da resistência dos colonizadores europeus.

A primeira ficava nas imediações do Pavilhão do Chá, num lugar que, à época, era chamado 'Passeio Geral'. A localização exata era a Rua Rodrigues Chaves. A outra Casa da Pólvora ficava no número 21 da Rua Nova, hoje Rua General Osório, no Centro de João Pessoa. A terceira é a que hoje ainda existe, localizada na Ladeira São Francisco, no Centro Histórico de João Pessoa.

De acordo com o historiador José Octávio de Arruda Mello, as casas da pólvora não eram fortes, mas funcionavam como um mecanismo de defesa. A que restou era uma es-

pécie de quartel e lá eram guardados os armamentos. Primitivamente, se articulou com o Forte do Varadouro.

"As lutas, naquela época, não eram dentro dos fortes, mas nas trincheiras. No Forte do Varadouro, as trincheiras subiam e chegavam à Casa da Pólvora, tornando-se uma fortaleza, porque tinha o forte lá embaixo, tinha a Casa da Pólvora em cima e, entre os dois, as trincheiras", declarou. O historiador explicou que o Forte do Varadouro foi desativado, mas a Casa da Pólvora permaneceu. "Sinal de que era mais importante porque era no alto", constatou.

O historiador George de Henrique Vasconcelos afirmou que as casas da pólvora tinham uma grande importância para Portugal no contexto colonial. Aquele país precisava administrar e defender um imenso território ultramarino que ia das Américas até a Ásia. "Portan-

to, manter guarnições de soldados pagos, além de municia-los e dar condições para sua defesa em um litoral tão extenso como o do Brasil, não era uma tarefa fácil", afirmou.

Foi com este objetivo defensivo, segundo ele, que, no início do século 18, se iniciou a construção da primeira casa da pólvora. O 7º capitão-mor da Parahyba, João da Maia Gama, que governou de julho de 1708 a maio de 1717, a construiu. As ordens de Portugal vieram através de carta-régia datada de 10 de agosto de 1704, e a casa da pólvora foi concluída em 1710", relatou, explicando que a informação consta na obra O Governista Parahybano, de 1850.

Além da principal, que é a única que permaneceu até os dias de hoje, George Henrique reforçou que, de fato, há referências de outras duas casas da pólvora. "Uma delas estava localizada, segundo referência que apurei, 'ao poente da

Rua das Trincheiras", comentou.

Em 1888, a Câmara Municipal autorizou a venda do prédio, que provavelmente foi substituído por outro, como registrou o Jornal da Parahyba naquele ano. "Infelizmente, não há muitas informações sobre ele. Porém, a localização na saída da cidade à Rua das Trincheiras é uma boa pista: seria um possível local de ataque inimigo, caso uma força militar viesse pelo sul do litoral da capitania", comentou. Para ele, fazia sentido, portanto, haver uma casa da pólvora naquela localidade.

A União registrou

A própria referência às 'Trincheiras' traz consigo toda uma conotação militar. Em 1896, segundo o jornal **A União**, houve a arrematação em praça - Paço Municipal - dos antigos apetrechos desta segunda casa da pólvora das Trincheiras, avaliados em cem mil réis.

"Não havia detalhes sobre os objetos que foram arrematados, mas é de se supor que fossem antigos apetrechos utilizados para o armazenamento do precioso material bélico", observou o historiador George Henrique de Vasconcelos.

Segundo ele, Vicente Gomes Jardim, em 1889, na obra "Monographia da Cidade da Parahyba" publicada no jornal A Gazeta da Parahyba, em 1889, falava de duas casas da pólvora, uma existente na Cidade Alta (a atual), e faz referência a uma outra que ficava na Cidade Baixa. O autor diz: "Desta 'terceira' casa da pólvora também não obtivemos muitos detalhes. Das três, a única que restou permanece preservada na ladeira São Francisco. Mas, por muito pouco, ela não 'veio abaixo'. Na década de 1950 do século passado, houve quem quisesse sua demolição", conclui o trecho.



Paredes reforçadas e brasão do reino de Portugal acima da porta

No passado, a atual Casa da Pólvora, em João Pessoa, era conhecida por Casa da Pólvora e dos Armamentos justamente porque era ali que ficavam armazenadas as armas usadas nas batalhas. O imóvel histórico foi tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) - atual Iphan, em 24 de maio de 1938.

"A construção, em alvenaria de pedra calcária, tem paredes laterais robustas que suportam a abóbada de tijolos. Há um único cômodo, com três seteiras (nos fundos), que se comunica com o exterior pela portada (no frontispício)", diz o texto de Juliano Loureiro de Carvalho para a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

"Esta portada, encimada pelo brasão do reino de Portugal, do qual só restam vestígios, confere certa imponência à construção, de sobriedade tipicamente militar. Incorporada ao patrimônio público aquando da Independência, foi leiloada em 1902", continua.

Ainda de acordo com a publicação, em 1920, o proprietário iniciou a

demolição das paredes e da abóbada, na parte de trás do prédio. Assim, ele foi classificado pelo Iphan, em 1941, como ruína. "Depois de obras menores em 1964 e 1971, passou por uma recomposição de maiores proporções entre 1977 e 1979, completada em 1986, apresentando-se hoje íntegra", diz a publicação.



A Casa da Pólvora, localizada na Ladeira São Francisco, no Centro Histórico de João Pessoa, é a única remanescente dos três prédios construídos pelos colonizadores





Aeroporto Castro Pinto, localizado na Grande João Pessoa, e o João Suassuna, em Campina Grande, são os dois maiores do Estado e têm capacidade para receber grandes aviões, contudo, existem vários outros públicos e privados

Onde pousam os aviões que sobrevoam os céus da Paraíba

Estado possui 18 pistas de pouso registradas na Anac, a maior parte apta a operar aeronaves de pequeno porte

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Nem todos sabem, mas além do Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto, entre os municípios de Bayeux e Santa Rita, e do Presidente João Suassuna, em Campina Grande, a Paraíba conta com mais 16 pontos de pouso de aeronaves. Os aeródromos estão em cidades mais próximas à capital, como Santa Rita, e se espalham também pelo Sertão do Estado, permitindo um deslocamento mais rápido em relação ao transporte terrestre, especialmente em aeronaves de pequeno porte.

Do total de 18 aeródromos, 11 são públicos e os sete demais, privados, de acordo com informações da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). Cada um está localizado em um município diferente, garantindo a possibilidade de viagens a partir de diversos pontos do Estado.

Esses aeródromos estão no cadastro e homologados pela Anac, ou seja, estão abertos ao tráfego aéreo, mas nem todas as pistas têm sido utilizadas para voos. As de Conceição, Cuité e o Aeroclube da Paraíba estão interditadas.

Conforme a Anac, os aeródromos autorizados a realizar exploração comercial do transporte aéreo de passageiros e/ou cargas são de tipo de uso público, e seu cadastramento pela agência é chamado de homologação. No caso dos que são abertos ao tráfego aéreo apenas para fins particulares, mediante autorização de seu proprietário, são de tipo de uso privado, e o cadastramento pela Anac é denominado registro.

Aeródromos interditados, com restrição operacional ou impedidos de realizar operações temporariamente fazem parte dos dados, des-

de que sua homologação ou registro estejam válidos. A Anac reforça que a definição de tipo de uso como privado ou público não faz jus à natureza do explorador do aeródromo. Por isso, é possível existirem aeródromos públicos explorados pela iniciativa privada, e ter aeródromos privados registrados para uso de algum órgão público.

Região Metropolitana

Na Região Metropolitana de João Pessoa, o Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto, situado entre os municípios de Bayeux e Santa Rita, e distante 7,5 quilômetros de João Pessoa, foi fundado em 20 de agosto de 1957. É o principal do Estado, com rotas para destinos como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife (PE), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), além voos sazonais. Em 2018, mais de um milhão de passageiros passaram por lá.

O aeroporto ocupa uma área de 8.947,72 metros quadrados. A pista em asfalto possui 2.515 metros de comprimento e 45 metros de largura. Já a estrutura inclui dois pavimentos e amplo estacionamento, além de outros espaços de apoio, como restaurante, lanchonete, serviços de táxi, locadoras de veículos, guarda-volumes, lojas, guichês das companhias aéreas, entre outros.

Também localizado na Região Metropolitana, o Aeroclube da Paraíba atualmente está interditado. Inaugurado em 10 de novembro de 1940, tinha o objetivo de ser um espaço de formação de pilotos e também de paraquedistas. Capacitados, esses profissionais estariam preparados para fazer parte da reserva da Força Aérea do Brasil e poderiam atuar na defesa do Brasil durante a 2ª Guerra Mundial.

O Aeroclube da Paraíba sempre

foi bastante utilizado para pousos e decolagens de aeronaves de pequeno porte. Localizado a seis metros de altitude, possui pista de 782 metros de comprimento, em cascalho, e 18 metros de largura.

Patos ganha voo

Os voos disponíveis na Paraíba têm avançado para o interior. Recentemente, o governador João Azevêdo anunciou voo da companhia aérea Azul para Patos, no Sertão do Estado. As operações da companhia aérea Azul no município consistem num voo diário para Recife, permitindo conexão com toda a malha nacional e internacional da empresa. As aeronaves são da Azul Conecta, modelo Cessna Gran Caravan, com capacidade para até nove passageiros.

O voo diário parte do Aeroporto Regional de Patos Brigadeiro Firmino Ayres, a 263 quilômetros de João Pessoa. Inaugurado em 12 de dezembro de 1942, o aeródromo fica na rodovia estadual PB-228 e fica a apenas 12 quilômetros do Centro da cidade. A pista em asfalto tem 1.600 metros de extensão e 30 metros de largura.

Durante o anúncio, em junho de 2021, Azevêdo afirmou que o voo traz comodidade aos paraibanos. "Eu agradeço por todo o esforço da equipe do governo e da Azul que permitiu que chegássemos a um denominador comum para fazer com que esse voo fosse viabilizado com incentivos concedidos pelo Governo do Estado", declarou.

Ele agradeceu à Azul pela confiança depositada na Paraíba, e destacou o potencial econômico do Sertão, o que deve contribuir com o aumento de voos para a região. Lembrou também da construção do novo aeroporto de Patos, que terá investimentos acima de R\$ 35 milhões. A nova es-

trutura vai oferecer mais segurança e oportunidades de novos voos, com linhas internas ligando João Pessoa, Campina Grande, Patos e Cajazeiras.

Na ocasião, o presidente da Azul, John Rodgers, destacou que a companhia possui todos os tipos de aeronaves. "Se crescermos muito, podemos colocar uma aeronave maior e com mais frequências. Isso vai trazer emprego, contribuindo para que o Estado da Paraíba prospere ainda mais", ressaltou.

João Suassuna

Construído em 1963, o Aeroporto Presidente João Suassuna, em Campina Grande, localiza-se numa área a 500 metros de altitude. Apista em asfalto tem 1.600 metros de extensão por 42 metros de largura. Fica a 114 quilômetros de João Pessoa e a seis quilômetros do centro de Campina, atendendo, além do

município, cidades próximas. Ocupando uma área de 2.500 metros quadrados, o aeroporto também é utilizado para voos de instrução realizados pela Escola Superior de Aviação Civil (Esac).

Somente em 4 de novembro de 1980, o Aeroporto Presidente João Suassuna, passou a fazer parte da rede de aeroportos administrados pela Infraero que, em 2014, realizou a recuperação e alargamento da pista de pouso e decolagem. Passou a fazer parte da iniciativa privada em 2019 e está sob a gestão da Aena Brasil, assim como o Aeroporto Castro Pinto, na capital.

O Aeroporto João Suassuna conta com dois pavimentos, salas de embarque e desembarque, praça de alimentação, lojas, balcões de check-in, agência de turismo, estacionamento para 203 veículos, locadoras de veículos, serviço de táxi.

OUTRAS PISTAS DE POUSO PELA PARAÍBA

■ AERÓDROMOS PRIVADOS

Destilaria Tabu – Situado no município de Caaporá, a pista de terra possui 650 metros de comprimento e 30 metros de largura. Conforme a Anac, não está em operação.

Clube Estância Ouro Verde – A pista em asfalto fica no município de Santa Rita. Possui 953 metros de comprimento e 18 de largura.

Tabuleiro – A pista Tabuleiro, em piçarra – espécie de rocha em forma de grãos – fica no município de Bananeiras. Possui 900 metros de extensão e 20 de largura.

Pedra – Situada na cidade de Pedra Lavrada, a pista possui 880 metros de comprimento por 23 metros de largura. Assim como a pista Tabuleiro, é toda em piçarra.

Aeroclube de Campina Grande – O Aeroclube de Campina Grande tem pista em cascalho com 800 metros de extensão por 20 metros de largura.

Aeródromo Professora Francisca Cardoso – A pista de pouso localizada em São Miguel de Taipu é toda de terra. Tem mil metros de comprimento e 18 metros de largura.

Fazenda Antas – Situada no município de Sapé, a pista de terra da Fazenda Antas tem 522 metros de extensão e 18 metros de largura.

■ AERÓDROMOS PÚBLICOS

Jerônimo Sérgio Rosado Maia – Localizada no município de Catoilé do Rocha, no Sertão paraibano, a pista em asfalto possui mil metros de extensão por 18 metros de largura.

Conceição – Situada no município de Conceição, a pista de asfalto tem mil metros de comprimento por 27 metros de largura.

Lourival Nunes de Farias – Fica no município de Monteiro. Possui 1.140 metros de comprimento por 30 metros de largura. É toda em asfalto.

Itaporanga – A pista, em asfalto, fica no município de Itaporanga. Sua extensão é de mil metros e a largura é de 24 metros.

Pedro Simões Pimenta – O município de Cuité também conta com uma pista de pouso que possui 1.150 metros de extensão por 30 metros de largura. Apesar do tamanho, a pista é de terra.

Pedro Vieira Moreira – A pista de pouso do município de Cajazeiras possui 1.600 metros de extensão por 30 metros de largura. Foi toda construída em asfalto.

Sousa – Em Sousa, no Sertão paraibano, a pista de pouso possui 1.075 metros de comprimento e 30 metros de largura, toda em asfalto.

Fonte: Anac

Aeródromo de Sousa, no Sertão, possui uma pista com 1.075 metros de extensão e 30 de largura





Programa vai contar com Secretaria de Segurança Pública, Ministério Público, Sistema de Justiça, defensorias e assistência social

Defensores dos Direitos Humanos terão proteção do Estado

Na Paraíba, pelo menos 10 profissionais precisam dessa assistência para seguir atuando em segurança

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

O Programa Estadual de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas da Paraíba (PPDDH-PB) vai promover assistência e proteção aos defensores e defensoras dos direitos humanos e familiares. “Uma liderança quilombola que, na luta pela demarcação de território, sofre uma ameaça de latifundiários ou proprietários das terras vizinhas, por exemplo. Então, a equipe do PPDDH-PB vai fazer análise de risco do caso e, a partir daí, será responsável por fazer articulação com a rede de proteção podendo atuar junto ao Inbra e órgãos relacionados pelo processo de demarcação e desapropriação de terra”, explica a técnica de Referência do PPDDH na Paraíba, Natasha Batusich.

Saindo do anonimato

Uma rede essencial para que o protegido continue atuando. “Pode ser a mais diversa possível, mas certamente vai contar com a Secretaria de Segurança Pública, Ministério Público, sistema de Justiça em geral, defensorias, assistência social...”. E, segundo a entrevistada, esse é um dos grandes desafios do programa, diferente de outros onde a vítima passa a viver no anonimato. “A prerrogativa do programa é atuar na origem do problema, daquilo que gera a violência para que ela não se repita”.

Na Paraíba, o programa será executado pela Casa Pequeno Davi, que firmou termo de cooperação com a Secretaria do Estado e Desenvolvimento Humano (SEDH). Natasha Batusich acredita que a estadualização trará melhorias importantes para o programa. “Maior capilaridade porque a gente está no território, conhece os conflitos e passa a poder fazer esse acompanhamento de forma mais presencial com os defensores protegidos”. Natasha destaca que o Governo da Paraíba, através da SEDH, tem hoje um olhar de proteção aos defensores dos direitos humanos. “Temos o Provita, PPCAAM, Comitê de Erradicação do Trabalho Escravo, atua contra o tráfico e desaparecimento de pessoas e com acesso à documentação básica que é também um direito humano, entre outros”.



Comissão atuará nas denúncias sobre ameaças

Entendendo que grande parte dos defensores atua nos conflitos fundiários, o Governo do Estado, através da SEDH, implantou a Comissão Estadual de Prevenção à Violência no Campo e na Cidade (COECV). “É uma importante ação de complementaridade. O objetivo é atuar junto a esses conflitos, considerando que os conflitos fundiários mexem com uma estrutura econômica muito forte na Paraíba e em todo o país”, coloca Natasha.

A comissão, composta por 15 membros de órgãos e instituições estaduais, federal e sociedade civil, atua recebendo denúncias sobre quaisquer ameaças, atentados e atos de violência extrajudicial em conflitos agrários; de-

envolvendo estudos, projetos e ações coordenadas com vistas a prevenir, combater e erradicar a violência no campo e na cidade.

Provita

Na Paraíba, 41 pessoas são assistidas e protegidas pelo Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas Ameaçadas, que atua desde o ano passado. O Provita consiste em proporcionar proteção e assistência a pessoas ameaçadas ou coagidas em virtude de colaborarem com investigação ou processo criminal. Para participar do programa, a vítima deve aceitar e cumprir normas de conduta estabelecidas em termo de compromisso.

No caso do Provita, a discricção é essencial. “A proteção é sigilosa, trabalhamos com uma coisa chamada mapa de risco, onde é avaliado todo território brasileiro para poder colocar o protegido”, explica Janaina Gouveia, técnica de referência do programa, responsável pela articulação com entidades a fim de executar o Provita no Estado.

A entrevistada conta que a porta de entrada acontece via Ministério Público, Poder Judiciário, autoridades policiais, órgãos públicos ou ainda entidades que trabalham na defesa dos direitos humanos, podendo a pessoa ser protegida por dois anos com possibilidade de prorrogação.

Programa atende crianças e adolescentes sob ameaça

O PPCAAM tem por objetivo preservar a vida das crianças e dos adolescentes ameaçados de morte, com ênfase na proteção integral e na convivência familiar. Atualmente são 58 crianças e adolescentes protegidos, sendo 57% desse total vítimas de ameaças por envolvimento com o tráfico de drogas. Nesses casos, as vítimas assinam um termo de sigilo, podendo ser transferidos para outra cidade ou até mesmo outro Estado, inclusive podendo ser acompanhados da família.

Objetivo

Proteger crianças e adolescentes ameaçados de morte, com ênfase na proteção integral e na convivência familiar

A identificação da ameaça e a inclusão no programa são realizadas por meio do Poder Judiciário, Conselhos Tutelares, Ministério Público e Defensoria Pública sendo estas instituições também responsáveis pela aplicação da garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes. Os dados apontam a relevância do programa que de 2015 a 2019 conseguiu proteger 359 crianças e adolescentes com prevalência de meninos entre 15 e 17 anos, negros e com baixa escolaridade.

Duas décadas de luta por terra e moradia digna

Você acredita que toda pessoa tem direito à vida? Que ninguém deve ser escravizado e que o direito ao trabalho e ao repouso deve ser respeitado? Que saúde e bem-estar é direito de todos? Então, você é um defensor dos Direitos Humanos, conjunto de direitos criados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, que reconhecem que, apesar de todas as diferenças, existem aspectos básicos da vida humana que devem ser respeitados e garantidos.

No Brasil, a defesa pelos direitos básicos e essenciais para uma vida humana com dignidade pode representar perigo. Na Paraíba, pelo menos 10 defensores dos direitos humanos precisam de proteção para que sigam atuando. João (nome fictício) é um

deles. Morador do Agreste paraibano, o homem que é impedido de voltar ao município onde viveu por 30 anos, sabe que a luta por terra e moradia digna pode custar a vida. “Perdi dois irmãos, um assassinado, em 2009, e outro, em 2019, e sou ameaçado de morte. No município de origem, eu só posso ir escoltado”. Defensores dos direitos indígenas e quilombolas também estão entre os protegidos.

Tudo porque ele luta, há 20 anos, pelo direito de cerca de mil famílias retornarem para seus municípios de origem. Há duas décadas, essas pessoas tiveram que deixar suas casas para que fosse construída a barragem Argemiro de Figueiredo, mais conhecida como barragem de Acauã. “Fomos retirados dessas

áreas nos municípios de Aroeiras, Natuba e Itatuba para dar lugar a barragem. Fomos relocados para uma área que não tinha água e com casas de péssima qualidade, uma espécie de favela rural”. Foi, a partir daí, que a luta por terra e moradia digna começou e, claro, passou a incomodar. O ápice se deu após sete anos de tentativa de diálogo. “Em 2009, nós ocupamos uma terra improdutiva onde passamos dois meses”, foi quando aconteceu a morte do primeiro irmão de João, assassinado a tiros e cujo crime até hoje não foi desvendado. “Não sabemos quem foram os mandantes nem os executores”. Dez anos depois, João perdeu mais um irmão que também lutava por dignidade e melhor qualidade de vida do assentamento.



Algodão de Jandaíra tem grande potencial turístico

Município do Curimataú se destaca, também, por diversos registros de civilizações antigas e pela caprinocultura

Sara Gomes
saragomesreporter@gmail.com

Localizado no Curimataú paraibano, há 160km de João Pessoa, o município de Algodão de Jandaíra foi batizado com esse nome em homenagem à comunidade Jandaíra, atraindo muitos comerciantes que vinham de diversas regiões comprar o algodão de Jandaíra. Com 27 anos de emancipação política e muitos anos de história, o município é potencialmente turístico. As serras e inúmeras formações rochosas são repletas de gravuras rupestres, ideais para a visitação e a prática do rapel e esportes de aventura.

Além disso, o município apresenta um patrimônio histórico cultural pronto a ser explorado com a secular

Capela Sagrado Coração de Jesus, as fachadas das casas antigas e as ruínas do Cemitério de Jandaíra.

A economia do município sempre girou em torno da agricultura de subsistência, funcionalismo público e pecuária (suínos, ovinos e bovinos), mas a caprinocultura

/// Nos anos chuvosos, há uma grande produção desses alimentos, que são usados para consumo e vendidos o excedente. Já os caprinos são resilientes e se adaptam facilmente às condições climáticas dessa região ///

é seu ponto forte. De acordo com o guia local, João Soares, o município já possuiu grandes lavouras de algodão e do sisal, mas com a severidade da seca e a praga do bicudo, os principais produtos agrícolas que permaneceram foram fava, feijão e milho.

“Nos anos chuvosos, há uma grande produção desses alimentos, que são usados para consumo e vendidos o excedente. Já os caprinos são resilientes e se adaptam facilmente às condições climáticas dessa região”, afirmou.

Havia em Algodão de Jandaíra 2.567 habitantes em 2019, segundo o IBGE. De clima seco e com baixos índices pluviométricos, sendo a caatinga como vegetação nativa e inserida no Semiárido brasileiro.

Foto: João Soares/Divulgação



Capela Sagrado Coração de Jesus

A centenária Capela Sagrado Coração de Jesus foi idealizada por Sebastião Braga. Ela começou a ser edificada no ano 1913 com o apoio do morador Vicente Ferreira, sendo concluída em 1917

Foto: João Soares/Divulgação



Rua Francisco Braga, em Algodão de Jandaíra, apresenta um ar bucólico e tranquilo, típico de cidade do interior



História de antigas civilizações

Algodão de Jandaíra tem sua formação histórica, política e cultural relacionada ao avanço dos colonizadores no Agreste paraibano por volta do século 17, mas sua história remonta às civilizações que habitavam essas terras. Apesar da ausência de registro escrito na literatura convencional, a arte rupestre está presente em muitas paredes de pedras da região, entre elas: Pedra Furada, Pedra do Poço, Serrote da Acauã e Pedra do Cabloco - sendo esta última o ponto turístico mais conhecido.

O guia local João Soares revela que o município foi cenário de um massacre indígena nas proximidades de um conglomerado de sítios arqueológicos. “Segundo a tradição oral, tribos indígenas como caxexa e cariri habitavam essa terra, e mesmo não existindo documentos fidedignos que comprovem isso, os traços indígenas são notáveis na face de muitos moradores”, explicou.

Em 1957, Algodão de Jandaíra torna-se povoado de Remígio quando este ganha a sua emancipação política do território de Areia. Foi elevado à condição de distrito no dia 18 de janeiro de 1962,

mas a emancipação política só aconteceu no dia 29 de abril de 1994.

Personagem

Segundo informações do Instagram ‘Crônicas de Algodão’, criado por João Soares, José Américo de Almeida nasceu em Areia no dia 10 de janeiro de 1887, no Engenho Olho D’água, onde passou sua primeira infância. Ele foi romancista, escritor, poeta, cronista, advogado, professor e sociólogo.

A sua família era proprietária do Sítio Jandaíra, que ficava próximo da fazenda do seu tio Monsenhor Valfredo Leal, mais conhecido como Padre Valfredo. Sua família passava o inverno em Algodão de Jandaíra, já que o município era conhecido pela aridez e seu clima seco - ideal para a cura de doenças respiratórias como a tuberculose.

Em seu livro ‘Memórias, antes que me esqueça’ (1975), José Américo de Almeida descreve essa casa e alguns episódios vivenciados na infância.

Pré-história na Pedra do Cabloco

Distante 2,5 quilômetros a sudeste da sede do município, o Sítio Arqueológico Gruta do Cabloco (foto abaixo) encontra-se na face leste da Serra do Algodão. A gruta está localizada na propriedade de Antônio Sebastião Moreno e trata-se de uma concavidade formada na rocha, que lhe dão um aspecto de uma gigantesca colmeia. Para o condutor local João Soares, a riqueza do material arqueológico desta necrópole indígena é incontestável.

“O Sítio Arqueológico Gruta do Cabloco, com suas inscrições rupestres,

também serviu de necrópole. Segundo os registros, homens pré-históricos realizavam rituais fúnebres e a queima parcial dos esqueletos nesse local”, revelou.

O escritor José Américo de Almeida se refere à gruta, como um sombrio jazigo de um imenso e singular ossuário. Já os historiadores Horácio de Almeida e Irineo Joffily também fazem menção à Gruta do Cabloco nas obras “Brejo de Areia” (1958) e “Notas sobre a Paraíba” (1892), respectivamente.

Foto: João Soares/Divulgação



Pedra Furada e esportes radicais

A Pedra Furada (foto abaixo) está localizada a sete quilômetros de distância do perímetro urbano, em direção à Serra de Cima. A pedra apresenta duas cavidades frontais que muito lembram uma caveira. Em sua base existem

vestígios de antigas civilizações, diversas inscrições rupestres comprovam a existência de comunidades nativas em torno dessa formação rochosa. Também é um lugar para prática de rapel, escalada e turismo religioso.

Foto: Victor Lins/Divulgação





Documentário explora além do 'fogo morto'

Em produção há 10 anos, longa-metragem 'Moagem' registra a resistência de engenhos centenários no Alto Sertão da Paraíba



Audaci Junior
audaciuniao@gmail.com

"Acabara-se o Santa Fé". Famosa frase de fim de capítulo sobre o engenho do autoritário Seu Lula. Eram chamados de "engenho de fogo morto" aqueles locais que paravam de produzir o açúcar, a riqueza da época. Publicado em 1943, *Fogo Morto* — romance surgido no segundo período do modernismo, a fase regionalista — é considerado uma das obras-primas de José Lins do Rego (1901-1957) e ocupa um lugar de destaque nas veredas desse período literário, ao lado de livros igualmente importantes como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953).

Nos dias de hoje, muitos poderiam supor que o universo vivido pelo menino nascido em Pilar estaria totalmente extinto. Mas a caldeira ainda ferve e a fornalha ainda lambe o céu com fogo e baforadas de fumaça. A força motriz de uma região, que encantava outro "menino de engenho", o cineasta Ramon Batista, continua a girar suas engrenagens e é captada pelas lentes do diretor para o longa-metragem *Moagem*, que está em produção há pelo menos uma década em Nazarezinho, no Alto Sertão da Paraíba.

"Sempre fui apaixonado por engenhos desde pequeno. Às vezes até chegava a faltar aula para ir ao engenho de João Raimundo,

que ficava próximo a minha casa. Infelizmente, esse parou de rodar no início dos anos 2000", lamentou o documentarista. "Sempre fui fascinado pelo cheiro da garapa sendo cozinhada, do próprio engenho rodando e do fluxo de gente entrando e saindo para comprar rapadura. Quando criança, eu me lembro que pegava queda de corpo e apostava corrida na bagaceira do engenho velho de Raimundo".

A ideia de radiografar as atividades de engenho na região surgiu em 2011, quando Ramon estava gravando seu primeiro documentário, *Fogo-Pagou*, sobre um cemitério abandonado no meio do Sertão cercado de lendas e histórias que são contadas pelos próprios moradores das redondezas.

Não sabia o realizador que outros fantasmas iriam habitar a localidade, vítimas da tecnologia. "Por coincidência, era o último ano que a caldeira do Engenho do Cedro (como é mais conhecido o Engenho João Luiz Ferreira, erguido no ano de 1813) iria funcionar. O engenho seria puxado por motor elétrico. Aí, o fotógrafo Bruno Sales e eu gravamos todo esse acontecimento e também pegamos o depoimento de Guilherme Luiz, o Zizinha, que é uma espécie de 'guardião do engenho'. Então, guardei esse material, mas pretendia montá-lo assim que tivesse oportunidade. Sempre quis fazer um filme sobre esse tema".

A princípio, *Moagem* seria um curta, mas as visitas e registros foram se acumulando na mesma "gaveta" que estava a despedida da caldeira do Engenho do Cedro, "decantando" como é para ser um documentário que se preze, nas palavras (e sabedoria) do veterano Vladimir Carvalho. "Em 2015 e 2017 gravei novamente o Engenho João Luiz com o fotógrafo Marcelo Quixaba. No ano passado, gravamos novamente, dessa vez os novos engenhos que surgiram e o efeito da pandemia. Este ano, vamos novamente", garante o cineasta, tornando o projeto em um longa-metragem que será lançado no ano que vem.

No seu auge, mais de 25 engenhos produziam naquela região, segundo Ramon Batista. Uma época em que certamente o jovem Zé Lins no outro lado do Estado nem sonhava que escreveria *Menino de Engenho* e outras obras do chamado 'Ciclo da Cana-de-Açúcar'. "Todos foram desativados por um bom tempo. Durante um grande período de mais de 10 anos, o único funcionando foi o Engenho João Luiz", explica o realizador. "De 2018 para cá surgiram novos engenho, um total de três atualmente, em Nazarezinho. Nossa rapadura tem um doce diferenciado, o que faz ser procurada por toda a região", aponta o cineasta, complementando que há mais dois engenhos de seu conhecimento, funcionando na Zona Rural de

Em Nazarezinho, o Engenho João Luiz foi levantado no ano de 1813: já foi puxado por mão de obra escravizada e por tração animal, chegando à caldeira locomotiva e, nos dias de hoje, à elétrica



São José da Lagoa Tapada, município muito próximo de Nazarezinho.

Nos dias de hoje, as edificações são verdadeiras testemunhas históricas da evolução do processo de moer cana, a exemplo do Engenho João Luiz, que, de 1813 para a realidade atual, já foi puxado por mão de obra escravizada, por tração animal oriundo de bois, chegando na caldeira locomotiva até a elétrica. "O engenho ficou dos anos 1960 até o final dos anos 1980 desativado, até que Zizinha, um dos herdeiros, veio de São Paulo para morar aqui e, junto com o primo, colocou o engenho para funcionar novamente", explica Ramon Batista. "O Engenho João Luiz representa resistência porque durante mais de 10 anos era o único engenho funcionando em Nazarezinho, movendo a economia do sítio e gerando vários empregos".

O centenário engenho divide a roda econômica com outros novos, que aceitam cartão de crédito, caso o cliente queira optar por esse pagamento. "É o caso de Jucélio, dono de um dos engenhos mais novos da região, o Maria Dalzira, do sítio Serrote dos bois", cita. "Mais

do que um registro histórico, tenho consciência que estou registrando também as pessoas e suas vidas, imortalizando momentos para as novas gerações".

A produção audiovisual também vai explorar a vivência adaptada para a crise sanitária, um dos aspectos que torna mais emblemático o sentido de resistência dos engenhos sertanejos. "Durante a pandemia, muitos trabalhadores estão usando máscara, além de não existir mais o pote coletivo, onde todos bebiam água juntos. Agora, cada um com sua garrafinha", revela.

Na concepção de Ramon Batista, *Moagem* terá uma narrativa "simples como o povo de Nazarezinho", porém poética. O longa-metragem

vai abordar desde a vontade de degustar uma rapadura até todo o testemunho da produção da iguaria nordestina. "A primeira parte do filme será a que registrei com o diretor de fotografia Bruno Sales. O restante será as gravações de 2015, 2017, 2020 e deste ano", conta.

Além dos festivais pelo país, o documentário já tem compromisso para a sua estreia em 2022: o 'Cine-Sítio', projeto criado pelo próprio diretor para mostrar também a resistência do audiovisual paraibano. "É uma mostra itinerante que acontece na Zona Rural de Nazarezinho, percorre os sítios da região. Também sou organizador de cantorias com poetas repentistas que faz parte da programação".



Diretor Ramon Batista (de boné) com a sua equipe, no ano passado, registrando as atividades da produção de rapadura de Guilherme Luiz (centro), mais conhecido como Zizinha, herdeiro e uma espécie de 'guardião' do Engenho João Luiz

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Hegemonia do futebol brasileiro

O Brasil tem três times (Flamengo, Palmeiras e Atlético-MG) entre os quatro semifinalistas da Copa Libertadores da América, e outros dois (Atlético-PR e Bragantino) entre os semifinalistas da Copa Sul-Americana.

São as duas principais competições de clubes do nosso continente. Nunca antes o futebol brasileiro foi tão dominante nas competições da Conmebol. Isso, em grande medida, se explica pela diferença econômica entre os clubes e os seus países, que vem se aprofundando.

Flamengo, Palmeiras e Atlético-MG são hoje os "mais ricos do país". O Flamengo, em 2019, teve um faturamento próximo a 1 bilhão de reais.

A pandemia afetou um pouco a arrecadação em 2020 e 2021, mas o clube continua com boa saúde financeira. Na última janela de transferência, contratou dois jovens jogadores da Premier League: Kenedy e Andreas Pereira. Reforços para um time que conta com vários jogadores com passagem pela seleção brasileira e clubes europeus.

Há uma enorme probabilidade que o Flamengo também contrate o zagueiro David Luiz (até o dia em que escrevi esse artigo as negociações estavam em andamento).

Em 2021, o Atlético-MG, com investimento pesado do empresário Rubens Menin, repatriou o paraibano Hulk.

Ele é hoje um grande destaque do futebol brasileiro na temporada. Talvez o melhor jogador do campeonato brasileiro.

O Galo Mineiro contratou ainda o argentino Nacho Fernandez, que foi um dos melhores jogadores do River Plate na

Era Marcelo Gallardo, e Diego Costa, ex-atacante do Chelsea, do Atlético de Madrid e da seleção espanhola.

O Palmeiras não fez grandes contratações este ano, é verdade, mas trouxe de volta o atacante Dudu que estava emprestado ao Al-Duhail do Catar.

O elenco alviverde é muito forte e homogêneo.

O clube paulista goza de um patrocínio generoso da Crefisa, acima da média do mercado.

A hegemonia brasileira naturalmente anda desagradando os concorrentes sul-americanos.

Existem rumores que movimentações nos bastidores visam alterar as regras da competição para tentar impedir sucessivas finais entre equipes brasileiras.

Ano passado, Palmeiras e Santos fizeram a final no Maracanã. Em 2019, o Flamengo se sagraria campeão em Lima, no Peru, num jogo épico contra o River Plate.

Tudo indica que teremos três campeões brasileiros seguidos da Libertadores (2019, 2020, 2021), sendo duas dessas finais disputadas por times do Brasil.

Na última semana, o Corinthians anunciou a contratação de William, do Chelsea, e Roger Guedes, que estava no Shandong Taishan. O alvinegro já tinha contratado o meia Renato Augusto. A perspectiva é que o desempenho da equipe aumente e que venha a disputar as principais competições, rivalizando com Flamengo, Palmeiras e Atlético-MG.

Enquanto isso, as demais equipes sul-americanas assistem atônitas e amedrontadas as movimentações brasileiras no mercado da bola.

Estética e Existência

Klebber Moux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Arte de ser útil

Joseph Rudyard Kipling (1865-1936) nasceu em Bombaim, na Índia. Foi reporter, autor de poemas, contos, ensaios e romances. Sua obra exalta a beleza e os detalhes da Índia. Ele recebeu o Nobel de Literatura em 1907, tornando-se o primeiro autor de língua inglesa a receber esse prêmio e, até hoje, o mais jovem a recebê-lo. É considerado o "inovador na arte do conto curto". Seus livros para crianças são clássicos da literatura infantil. Kipling foi um dos escritores mais populares da Inglaterra, em prosa e poema, no final do século 19 e início do 20. Ele rejeitou a Lâurea de Poeta Britânico e o título de Cavaleiro, entretanto, tornou-se conhecido como "profeta do imperialismo britânico", porque suas obras apresentam o culto a glória militar. A poesia de Kipling dramatiza a guerra como uma aflição primitiva, que desencadeia raiva e terror. No início da Primeira Guerra Mundial, nos anos de 1914, Kipling escrevia panfletos e poemas para motivar os soldados britânicos e apoio político a Inglaterra, a fim de reintegrar a Bélgica, que estava ocupada pelos soldados alemães. Naquele período, suas contribuições literárias favoreceram a vitória da Inglaterra na Primeira Guerra Mundial.

O crítico literário britânico Douglas Kerr (1951) escreveu: "Kipling é um autor que pode inspirar discordâncias apaixonadas e seu lugar na história da literatura e da cultura ainda está longe de ser definido. Mas à medida que a era dos impérios europeus retrocede, ele é reconhecido como um intérprete incomparável, ainda que controverso, de como o império era vivido. Isso, e um reconhecimento crescente de seus extraordinários talentos narrativos, faz dele uma força a ser respeitada". Seu poema *Se* (*If*, no original) é símbolo dos Cadetes da Academia da Força Aérea Britânica. Uma de suas obras, *O Livro da Selva* (1894), foi adotado pelo fundador do Escotismo, o general do exército britânico Robert Baden-Powell (1857-1941). Robert apresentou uma educação complementar que fortalece a união das famílias e instituições. Seus objetivos mais importantes é estimular o respeito e a solidariedade nas crianças de 7 a 11 anos, que são conhecidos por lobinhos. Esse livro de Kipling é cons-

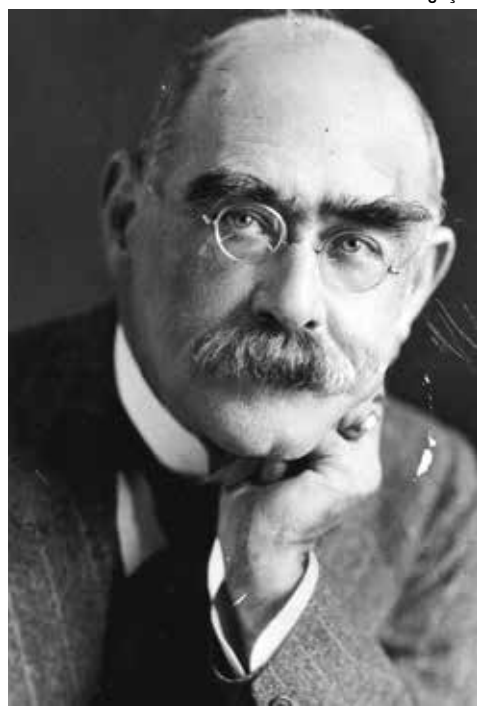


Foto: Divulgação

Kipling: "Se és capaz... de dá valor e brilho... tua é a Terra"

tituído de uma coleção de sete contos, inicialmente publicados em revistas de 1893 e 1894. As publicações originais contêm ilustrações. Dos sete contos, os três primeiros relatam a história de Mogli, um rapaz indiano criado por lobos. O livro é conhecido por ter sido adaptado em um filme produzido pela Walt Disney Company e lançado em 1967. No Brasil, o livro foi publicado pela primeira vez em 1933 pela Companhia Editora Nacional como parte da Coleção Terramarear e foi traduzido pelo escritor Monteiro Lobato (1882-1948) e intitulado *O Livro da Jângal*. Também foram traduzidos os contos: *Mowgli*, *O Menino-Lobo*; *Os Irmãos de Mowgli* e *O Avanço da Jângal*, já citado.

Em sua autobiografia, Kipling lembraria com tristeza os tempos de criança quando morou na Índia. Essa angústia influenciou toda sua obra literária. Ele escreveu: "Se você interroga uma criança de 7 ou 8 anos sobre suas atividades diárias, especialmente quando ela quer dormir, essa criança se contradiz com satisfação. Se cada contradição for tomada como uma mentira no desjejum, a vida não é fácil. Eu experimentei um bocado de intimidação, mas isso era tortura calculada – tanto religiosa quanto científica. Ainda assim, isso me fez dar atenção às mentiras que eu, cedo, achei necessário contar: e isso, eu presumo, é a base do meu esforço literário."

Concluo com o poema *Se* (1895), do poeta anglo-indiano Rudyard Kipling:

Se és capaz de manter a tua calma, quando / todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa. / De crer em ti quando estão todos duvidando, / e para esses, no entanto, achar uma desculpa. // Se és capaz de esperar sem te desesperares, / ou, enganado, não mentir ao mentiroso, / Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares, / e não parecer bom demais, nem pretensioso. // Se és capaz de pensar –sem que a isso só te atires, / de sonhar –sem fazer dos sonhos teus senhores. / Se, encontrando a desgraça e o triunfo, consegues / tratar da mesma forma a esses dois impostores. // Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas, / em armadilhas as verdades que disseste, / E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas, / e refazê-las com o bem pouco que te reste; // Se és capaz de arriscar numa única parada, / tudo quanto ganhaste em toda a tua vida, / E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada, / resignado, tornar ao ponto de partida. // De forçar coração, nervos, músculos, tudo, / a dar seja o que for que neles ainda existe. / E a persistir assim quando, exausto, contudo / Resta à vontade em ti, que ainda ordena: "Persiste!" // Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes, / e, entre Reis, não perder a naturalidade, / E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes, / se a todos podes ser de alguma utilidade. // Se se és capaz de dar, segundo por segundo, / ao minuto fatal todo o valor e brilho, / tua é a Terra com tudo o que existe no mundo / e – o que mais é muito mais – tu serás um homem, meu filho!

■ Sinta-se convidado à audição do 334º Domingo Sinfônico, deste dia 5, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o regente e as peças do compositor erudito alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883). Ele afirmou: "Se tivéssemos uma verdadeira vida não teríamos necessidade de arte. A arte começa precisamente onde cessa a vida real, onde não há mais nada à nossa frente. Será que a arte não é mais do que uma confissão da nossa impotência?"

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Lygia Clark na composição

A artista plástica brasileira Lygia Clark, é um estímulo à vida. Só isso já definiria a grandeza dela, conhecida nos quatro cantos do mundo.

Uma exposição de obras raras comemora seu centenário – *Lygia Clark (1920-1988) 100 anos*, na Pinakothek Cultural, em Botafogo, Rio de Janeiro, que leva o espectador a percorrer o universo da artista – as influências de Burle Marx e grandes mestres da pintura.

O evento acontece em colaboração com a Associação Cultural 'O Mundo de Lygia Clark' e ficará aberto até o dia 23 de outubro. Vou lá. Tenho que ir. Com curadoria de Max Perlingeiro, a exposição reúne 100 obras entre pinturas, desenhos, gravuras, bichos, trepantes, obra mole, casulo, objetos relacionais, fotografias e documentos, em sua grande maioria inéditas ao público brasileiro.

Vi na TV que a mostra contém as telas em preto e branco, que deram identidade à artista. Dos quadros para obras batizadas como trepantes, que misturam metal e troncos de madeira ou ainda os objetos moles. A borracha tratada com o carinho da genialidade. Genialidade é pouco para a obra de Lygia Clark.

Ela está na composição. A suavidade de um retrato de família. São os primeiros traços da jovem mineira que viria a se tornar uma das artistas mais importantes do mundo.

As 100 peças selecionadas são obras de colecionadores, a maioria nunca vista pelo público. Elas ajudam a contar a história de LC que revolucionou a arte brasileira.

"Os quadros de Lygia Clark não têm moldura de qualquer espécie, não estão separados do espaço, não são objetos fechados dentro do espaço: estão abertos para o espaço que neles penetra e neles se dá incessante e recente: tempo", disse o poeta Ferreira Gullar sobre seu trabalho.

As esculturas em alumínio iluminam espaços e carimbam a arte de Lygia Clark no centro dos gigantes. Eram os seus trabalhos de estimação, chamados carinhosamente de bichos. Bichos com vida. Para ela, essas dobradiças faziam com que as esculturas se mexessem como queriam, ganhassem formatos diferentes. Elas dão vida ao alumínio. Não é incrível? Esta seleção de bichos é uma das mais raras do mundo.

Lygia Clark nasceu em Belo Horizonte em 1920, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1947, e iniciou seu aprendizado artístico com Burle Marx (1909-1994). Já na década de 50 passou a viver em Paris, onde estudou com Fernand Léger (1881-1955), Arpad Szenes (1897-1985) e Isaac Dobrinsky (1891-1973).

Lygia trocou sua pintura gradualmente pela experiência com objetos tridimensionais. Lygia Clark revolucionou a relação entre obra-espectador, propondo que as pessoas tocassem nas peças produzidas por ela, tornando-se, assim, personagens ativos e não meros contempladores da arte.

A série *Bichos*, de 1960, veio com força nas construções metálicas geométricas que se articulam por meio de dobradiças e requerem a coparticipação do espectador. Por isso é fundamental visitar a exposição para fazer parte do conjunto da obra.

Lygia Clark na composição da arte sensorial e dos objetos relacionais. Sua prática fará que, no final da vida, a artista considere seu trabalho definitivamente alheio à arte e próximo à psicanálise.

A partir dos anos 1980 sua obra ganhou reconhecimento internacional com retrospectivas em vários países e em mostras antológicas da arte internacional do pós-Guerra.

Como bem disse o poeta Ferreira Gullar, sua pintura não "imita" o espaço exterior. Pelo contrário, o espaço participa dela, penetra-a vivamente, realmente. É uma pintura que não se passa num espaço metafórico, mas no espaço "real" mesmo, como um acontecimento dele.

Lygia Clark em si já é uma obra de arte.

Kapetadas

1 - Luz no fim do túnel? Tá mais cara.

2 - Eu é que não alimento ilusões. Elas também não me enchem a barriga.

3 - Som na caixa: "Eu nunca sonhei com você / Nunca fui ao cinema / Não gosto de samba / Não gosto de chuva / Nem gosto de sol, Lygia, Lygia", Tom Jobim.



Foto: Divulgação

No Rio, exposição de obras raras comemora o centenário de Lygia Clark

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

No Pavilhão do Chá, mais que encontros de cinema

Na capital paraibana, com a arquitetura urbana de alguns prédios ainda preservada nas formas originais, mesclando os divinos estilos barrocos com o modernismo, são obras que, felizmente, ainda podem ser contempladas e resgatadas em simples imagens. E, de há muito, vimos cotejando essas feições estéticas, até cenográficas, em trabalhos que só nos dão prazeres visuais e históricos sobre uma pólis de mais de quatro séculos de existência.

Obras de naipes característicos, de aparência singular, como é o caso do antigo Pavilhão do Chá e seu coreto, na Praça Venâncio Neiva; da balastrada das Trincheiras; do gracioso Castelhinho de Jaguaribe; do coreto e obelisco da Praça da Independência; dos chafarizes da Bica e adjacências; da exuberância arquitetônica do Liceu Paraibano (uma das paixões visuais modernistas do amigo Manoel Jaime Xavier); dos antigos Correios da Praça Pedro Américo e do Teatro Santa Roza, dentre outros, são marcos que nos orgulham e sempre nos motivaram a documentá-los. Isso, sem contar com a riqueza visual do casario do Varadouro e seu Centro Histórico; esse, “a nossa joia rara”.

Não sem razão, lá pelos idos de algum tempo atrás, peregrinamos pela cidade, justamente buscando “feições” arquitetônicas diferenciadas para as locações de *Américo – Falcão Peregrino*. Uma experiência que se repetiu, sistematicamente, quando cogitamos da possibilidade de se completar uma trilogia sobre a cidade e sua urbanidade. Uma trilogia, digo, começando com *Antomarchi*, a partir das memórias de Mirabeau Dias, advindo em seguida o *Américo*. Ambos, histórias sobre



Pavilhão do Chá, no Centro da capital paraibana, onde as artes acontecem

fatos acontecidos nas primeiras décadas do século passado, e culminando agora com *Poltrona Rasgada*. Audiovisual esse que nos traz um fato bastante ruidoso e peculiar, que ocorreu nos anos 1950 em um dos cinemas da capital, repercutindo negativamente nos próprios cidadãos, amplamente divulgado pelas emissoras de rádio e jornais.

Pois bem, cenografias urbanas interessantes para o cinema; igualmente importante para a cultura de um modo geral.

Na semana passada, cooptado a um encontro no Pavilhão do Chá, sob um véis de interesse literário, também cinematográfico, presenciei ali uma atmosfera cultural bastante simbólica, de nostálgicos

saraus. Gostoso ver nos rostos dos presentes o quanto estavam felizes. Não só por presenciarem as apresentações de músicas armoriais, de declamações poéticas, mas também de algumas ginastas. Visto que, o próprio espaço propicia tamanha diferença para a cultura e as artes. Bem posta a ideia de sediar, no antigo Pavilhão do Chá, celebrações culturais como aquela.

Como se não bastasse, tive o prazer de reencontrar alguns velhos amigos de “batente”, coisa que, de havia muito, não acontecia. Moral da questão: no Pavilhão do Chá, mais do que encontros de cinema, demais artes acontecem... – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexzsantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Diário de horrores

Carlos Alberto Azevedo não é um antropólogo comum. Há, nele, alguma coisa de artista e de pensador sempre tocado pelo espanto de existir, consigo mesmo e com o outro, em meio à pluralidade dos saberes. Seja no que escreve acerca dos resíduos arqueológicos do nosso patrimônio ecológico e paisagístico, seja no compromisso com os valores históricos e arquitetônicos de nossos monumentos, seja nos seus passeios pela geografia literária e estética, persiste, natural e espontaneamente, o gosto de um olhar empático para com os processos de criação humana, assim como a percepção do elemento poético nutrido a vitalidade das coisas. A antropologia, enquanto ciência que se ocupa do homem em seus procedimentos culturais, não elide, nele, a possibilidade de integrá-la ao âmbito transversal da interdisciplinaridade, para, nela (a interdisciplinaridade) abrigar instrumentos de observação que podem capturar os objetos sociais na dinâmica das interconexões que sempre ocorrem na tessitura da própria existência.

Penso assim porque leio e releio as páginas de seu mais recente livro, *Tristes tempos: o coronavírus & eu* (João Pessoa: Ideia, 2021), de título à Lévi-Strauss, considerado por ele mesmo uma espécie de “relato documental” sobre o tempo da pandemia. A obra pode ser vista como um diário escrito entre 18 de março de 2020 a 23 de março de 2021, numa técnica de pura bricolagem, através da qual o autor se apropria dos mais diversos registros discursivos, para compor sua narrativa de horrores e como que refletir sobre o absurdo que nos envolve dentro dessa tragédia universal. Notícias de jornal, palavras de amigos, fragmentos de livros, recados aleatórios, citações, flagrantes, observações, avisos, constatações, pensamentos, enfim, cortes e recortes de mensagens deslocadas de seu contexto original, com a finalidade, no entanto, de condensar, já em outro parâmetro expressivo, a visão, o desconforto, as inquietações, a compreensão do autor face ao caos que o coronavírus deflagou com o seu veneno letal. Aqui, o leitor vai acompanhando o desenrolar da tragédia a partir das mensagens do dia a dia, dos diálogos eventuais, dos telefonemas, e-mails, redes virtuais e outros meios à distância, ao mesmo tempo em que vai se habituando aos imperativos de comportamentos inesperados que a higienização, o distanciamento e o isolamento sociais exigem enquanto medidas profiláticas e de salvação.

Vejam alguns exemplos. À página 36, diz o narrador: “Vale a pena ver novamente: *Morte em Veneza*, filme de Luchino Visconti, que se passa em Veneza assolada pela peste. Está disponível online – um presente de Páscoa para os cinéfilos que estão em confinamento domiciliar”. À página 75, faz a seguinte sugestão de leitura: “O primeiro livro que sugiro que se leia pós-covid-19 é *Ter ou Ser?*, de Erich Fromm. O mundo pós-pandemia trará transformações impensáveis – será, sim, sem sombra de dúvidas, a sociedade do SER. Mais humana. Mais solidária e eficiente”. E à página 183, revela: “Terminei de ler Raymond Williams: *O campo e a cidade*. Faz uma anatomia da sociedade rural inglesa, inclusive analisa muito bem a comunidade cognoscível da escritora Jane Austen, onde os relacionamentos sociais eram do tipo face a face”.

Piñando detalhes, emitindo opiniões, costurando ideias, elaborando conceitos, noticiando os pequeninos espantos de sua vida interior e os confrontando com a objetividade trágica desses “tristes tempos”, Carlos Alberto Azevedo pesa os percalços e pensa as consequências do fenômeno cósmico, sem desconsiderar as componentes da atual conjuntura histórica do mundo. Subjaz ao fio condutor de todas as notas registradas, não importa a origem semântica de seus dados ou de suas conclusões, um persistente sentimento de exílio, uma incisiva convicção de que a tragédia em que mergulhamos como habitantes do planeta, conduz, dentro de si, uma tragédia mais intensa e mais dramática. O próprio autor nos chama a atenção para isto já no pequeno prefácio por ele mesmo escrito, quando assinala, de maneira pertinente: “(...) a nossa maior tragédia não é ser contaminado pelo vírus, hoje ou amanhã, é, sim, não poder conviver normalmente com o outro. Deixar de sentir verdadeiramente o outro”.

Sabe-se que existe, hoje, vasta e variada bibliografia sobre a covid-19. Obras científicas, filosóficas, literárias, jornalísticas vêm procurando analisar e interpretar os sortilégios desse flagelo mundial em múltiplas perspectivas. Não é para menos. O homem, de repente, se viu bafejado pelo hábito maligno do monstro, pela força destruidora da peste, pelos estranhos vocativos de um insólito rito de passagem. É natural, portanto, que o fato, incontornável em sua letalidade, faça brotar os germes luminosos do pensamento. Creio que o escritor e antropólogo Azevedo, com estes *Tristes tempos: o coronavírus & eu*, compreendeu bem o chamado de sua consciência, trazendo, a seu modo, diria disciplinado e lúdico, uma contribuição decisiva para os que vivem essa realidade, desejando, é óbvio, sobre ela refletir. Refletir para não se desesperar, pois, se este livro me parece um diário de horrores, nem por isto deixa de se manifestar, em suas páginas, certa esperança no ser humano. Leia-se a anotação do dia 23 de março de 2021: “Leitor, nada mais tenho a dizer. Fiz um relato documental completo dos tempos difíceis em que estamos (ainda) vivendo. No momento, leitor, só quero uma coisa: voltar novamente à minha essência humana. Ser gente. Poder abraçar e beijar”.

A essência humana! Não seria uma procura antropológica e poética?



A trajetória da atriz Zezita Matos

Recentemente, o canal no YouTube do Centro Cultural Banco do Nordeste exibiu um documentário sobre a trajetória da atriz Zezita Matos, presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC). O audiovisual, que traz por título *Essa história não é só minha*, tem a direção de Murilo Franco.

O documentário foi apresentado nas comemorações do aniversário de Zezita, que deu uma entrevista ao *Jornal A União* e falou sobre a decepção que vem tendo com o Governo Federal, a partir de seu desprezo com a cultura de um modo geral. E assegurou: “Permaneço sendo uma operária das artes. Essa é a tarefa: não posso dizer não”. O regozijo de todos da APC à nossa presidente.

Em cartaz

ESTREIAS

AFTER - DEPOIS DO DESENCONTRO (After We Fell. EUA. Dir: Castille London. Romance e Drama. 16 anos). Embora a história de amor entre Tessa Young (Josephine Langford) e Hardin Scott (Hero Fiennes-Tiffin) tenha passado por muitas complicações, desta vez o problema é mais complexo do que nunca. Agora que Tessa tomou uma das decisões mais importantes de sua vida, tudo mudou completamente. Os segredos que vêm à tona sobre suas famílias colocam em risco seu relacionamento e seu futuro juntos. Embora a jovem saiba que Hardin a ama, os dois estão cercados de ciúme, ódio e perda. Será que o amor entre os dois será o suficiente para manter seu relacionamento? CINEPOLIS MANAÍRA 4: 13h10 (leg.) - 17h45 (leg.) - 20h15 (dub.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h50 (apenas qui. e sex.) - 16h30 (apenas qui. e sex.) - 19h (apenas qui. e sex.) - 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h20 - 17h20 - 19h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h20 - 18h20 - 20h20.

UMA NOITE DE CRIME: A FRONTEIRA (The Forever Purge. EUA. Dir: Everardo Valerio Gout. Terror. 16 anos). Adela (Ana de la Reguera) e seu marido Juan (Tenoch Huerta) vivem no Texas, onde Juan trabalha como ajudante de fazenda para a rica família Tucker. Juan impressiona o patriarca de Tucker, Caleb (Will Patton), mas isso alimenta a raiva e o ciúme do filho de Caleb, Dylan (Josh Lucas). Na manhã seguinte ao expurgo, um gangue mascarado de assassinos ataca a família Tucker, incluindo a esposa de Dylan (Cassidy Freeman) e sua irmã (Leven Rambin), forçando as duas famílias a se unirem e lutarem enquanto o país se transforma em caos e os Estados Unidos começam a se desintegrar em torno deles. CINEPOLIS MANAÍRA 8: 18h40 (dub.) - 21h10 (leg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 17h40 - 19h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h40 - 20h40.

PATROLHA CANINA: O FILME (Paw Patrol: The Movie. EUA. Dir: Callan Brunker. Animação. Livre). O filhote Ryder e seus amigos têm um grande desafio: impedir o novo prefeito da cidade, Humdinger, de causar muitos problemas. Juntos e equipados com muita tecnologia, a Patrulha Canina luta para salvar os moradores da Cidade da Aventura. CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h (exceto qui. e sex.) - 15h10 (exceto qui. e sex.) - 17h20 (exceto qui. e sex.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15 (exceto qui. e sex.) - 16h30 (exceto qui. e sex.) - 19h (exceto qui. e sex.) - 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 13h30 (de sáb. a qua.); CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h30 (de sáb. a qua.).

SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS (Shang-Chi and the Legend of the Ten Rings. EUA. Dir: Destin Cretton. Ação, Aventura e Fantasia. 12 anos). Shang-Chi (Simu Liu) é um jovem chinês que foi criado por seu pai em reclusão para que pudesse focar totalmente em ser um mestre de artes marciais. Entretanto, quando ele tem a chance de entrar em contato com o resto do mundo pela primeira vez, logo percebe que seu pai não é o humanitário que dizia ser, vendo-se obrigado a se rebelar e traçar o seu próprio caminho. CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h15 (apenas qui. e sex.) - 16h15 (apenas qui. e sex.); CINEPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 14h - 17h - 20h; CINEPOLIS MANAÍRA 9 - MacroX: 14h30 (dub.) - 17h30 (dub.) - 20h30 (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 13h30 - 16h30 - 19h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h30 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30.

CONTINUAÇÃO

O ESQUADRÃO SUICIDA (The Suicide Squad. EUA. Dir: James Gunn. Super-Herói, Ação, Aventura e Fantasia. 16 anos). O governo envia os supervilões mais perigosos do mundo para a remota ilha de Corto Maltese, repleta de inimigos. Armados com armas de alta tecnologia, eles viajam pela selva perigosa em uma missão de busca e destruição com o Coronel Rick Flag. CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 19h20; CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 18h10; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 19h10; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h10.

FREE GUY: ASSUMINDO O CONTROLE (Free Guy. EUA. Dir: Shawn Levy. Comédia, Fantasia e Ação. 12 anos). Um caixa de banco (Ryan Reynolds) preso a uma entediante rotina tem sua vida virada de cabeça para baixo quando descobre que é um personagem em um jogo interativo. Agora, ele precisa aceitar sua realidade e lidar com o fato de que é o único que pode salvar o mundo. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.) - 16h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h30.

INFILTRADO (Wrath of Man. EUA. Dir: Guy Ritchie. Ação e Thriller. 16 anos). Um misterioso homem conhecido como Harry (Jason Statham) trabalha para uma empresa de carros-fortes e é responsável por trans-

ferir milhões de dólares em dinheiro todos os dias pela cidade de Los Angeles. Um dia, quando tentam assaltar seu caminhão, o homem consegue se livrar do assalto utilizando habilidades impressionantes. Seus companheiros passam a questionar de onde ele veio e suas motivações para estar ali. Assim que o mistério envolvendo Harry se desenvolve, um plano maior é revelado. CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h20 - 18h15 - 21h; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h10; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h40.

A LENDA DE CANDYMAN (Candyman. EUA. Dir: Nia DaCosta. Terror. 16 anos). Em um bairro pobre de Chicago, a lenda de um espírito assassino conhecido como Candyman (Tony Todd) assolou a população anos atrás, aterrorizando os moradores do complexo habitacional de Cabini Green. Agora, o local foi renovado e é lar de cidadãos de alta classe. O artista visual Anthony McCoy (Yahya Abdul-Mateen III) e sua namorada, diretora da galeria, Brianna Cartwright (Teyona Parris), se mudam para Cabini, onde Anthony encontra uma nova fonte de inspiração. Mas quando o espírito retorna, os novos habitantes também serão obrigados a enfrentar a ira de Candyman. CINEPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 15h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h50; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 17h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h.

PEDRO COELHO 2 - O FUGITIVO (Peter Rabbit 2: The Runaway. EUA. Dir: Will Gluck. Animação. Livre). Bea, Thomas e os coelhos construíram uma família improvisada. Quando o coelho arteiro decide se aventurar para além do jardim, encontra um mundo onde não é mais o protagonista rebelde e suas travessuras não são admiráveis. Agora, sua família arrisca tudo para conseguir achá-lo, enquanto ele encara uma jornada de autoconhecimento. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h40; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 13h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h40.

O PODEROSO CHEFINHO 2: NEGÓCIOS DA FAMÍLIA (The Boss Baby: Family Business. EUA. Dir: Tom McGrath. Comédia e Animação. Livre). Os irmãos Tim e Ted, agora estão adultos e vivendo vidas separadas. Enquanto Tim construiu uma vida calma no subúrbio com sua esposa, Carol, e as filhas, Tabitha e Tina, Ted se transformou em um mega empresário que resolve todos os problemas com dinheiro. Mas quando Tim descobre que sua filha caçula também é agente do BabyCorp, ele precisará da ajuda do irmão mais novo para lidar com a situação. CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h20.

Serviço

• Funes (3211-6280) • Mag Shopping (3246-9200) • Shopping Tambaí (3214-4000) • Shopping Partage (83)3344-5000 • Shopping Sul (3235-5585) • Shopping Manaira (Box) (3246-3188) • Sesc - Campina Grande (3337-1942) • Sesc - João Pessoa (3208-3158) • Teatro Lima Penante (3221-5835) • Teatro Ednaldo do Egypcio (3247-1449) • Teatro Severino Cabral (3341-6538) • Bar dos Artistas (3241-4148) Galeria Archidy Picado (3211-6224) • Casa do Cantador (3337-4646)

Bailarina Ana Botafogo ganha biografia escrita pelo próprio pai

Uma das maiores dançarinas clássicas brasileiras, artista está completando 40 anos de Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Roberta Jansen
Agência Estado

Uma das maiores bailarinas clássicas brasileiras, Ana Botafogo está completando 40 anos de Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1981, aos 24 anos, ela se tornou a primeira-bailarina da companhia. Iniciou uma jornada profissional que passaria por grandes clássicos do balé, como *O Lago dos Cisnes*, *Giselle*, *Coppélia*, *O Quebra-Nozes*, entre outros, dando destaque ao país na dança mundial.

A história está em *Ana Botafogo: Palco e Vida*, livro biográfico assinado pelo pai de Ana, o médico-cirurgião Ernani Ernesto Fonseca, de 95 anos. Ele acompanhou bem de perto a carreira da filha, colecionando fotos, notícias, cartazes e programas ao longo de mais de quatro décadas. Quando descobriu todo o material no apartamento do pai, a própria Ana se espantou.

“Um belo dia, botei uma pessoa para organizar a minha vida, as minhas coisas, e achamos um monte de recortes de jornal dentro de caixas, que ele estava juntando”, contou a bailarina. “Eu sabia que ele estava fazendo a pesquisa, mas não tinha noção de que era aquilo tudo, fiquei surpresa com a quantidade. Até os 89 anos ele ainda trabalhava, mas foi fazendo a pesquisa em paralelo.”

Ernani Fonseca fala do seu trabalho no prefácio da obra. “Neste livro, proponho contar a história que ainda não foi contada e que, presumivelmente, jamais seria, pois, em grande parte, pertence ao acervo exclusivo de minhas recordações e de minha vivência”, escreve. “O que sei, o que vi, o que senti e o que muitas vezes deduzi da vida particular e artística de minha filha, durante os anos em que eu

e sua mãe a acompanhamos quase dia a dia.”

Desde os primeiros passos de Ana na vida e no balé, o livro acompanha a trajetória pessoal e profissional da bailarina. Mas não apenas isso, como frisa Ana.

“Meu pai não buscou informações apenas sobre mim, mas sobre tudo o que aconteceu de mais importante na dança no Rio, no Brasil e no Theatro Municipal”, diz. “É um registro histórico importante.”

Com 908 páginas, o livro foi concluído há cerca de cinco anos, mas a família esperava pelo melhor momento para lançá-lo. A oportunidade surgiu com a parceria com o Instituto Bees of Love. Parte do dinheiro da venda dos livros será destinada à reforma da maternidade do Hospital Miguel Couto, no Rio.

“Estávamos esperando o melhor momento, houve muitas dificuldades nos últimos anos. Sofremos muito no Municipal durante um período em que os salários não eram pagos; então achei que não tinha clima para um lançamento desses, de alegria, de vida”, revela Ana. “Quando começamos novamente a mexer no

passado, veio a pandemia. Mas agora é o momento. Papai está com 95 anos, quero que tenha a alegria de lançar este livro.”

O livro, claro, será lançado no Theatro Municipal, mas num espaço externo, por conta da pandemia.

“O teatro tem uma importância muito grande na minha vida, é o lugar onde passei mais tempo da minha vida”, constatou Ana. “Foi através das produções do Municipal que recebi convites para dançar em vários locais do Brasil e também do exterior.”

Ana parou de dançar profissionalmente há seis anos, mas continua trabalhando no teatro. De 2015 a 2018, inclusive, dirigiu a companhia. “Com a pandemia, tudo ficou ainda mais difícil”, diz ela. “Só voltamos a trabalhar presencialmente na semana passada e, mesmo assim, apenas algumas pessoas.”

Os espetáculos para o público seguem proibidos, mas o palco já foi liberado para ensaios. Ainda assim, afirmou Ana, a pandemia terá um impacto grave em toda uma geração de bailarinos. Muitos tiveram que abandonar a profissão para sobreviver.

“É um momento muito triste, muito delicado para a dança de uma maneira geral”, contou. “Todos os nossos bailarinos ficaram em casa. Claro que fizeram exercícios, mantiveram seus corpos trabalhando, mas a dança precisa de espaço, precisa de um piso adequado para saltos, de um lugar para correr, do contato físico. Precisamos voltar aos teatros. O artista em geral sente falta do público, precisa do público para se aperfeiçoar, se superar na interpretação. A dança não é só exercício físico. A dança é a reunião da parte física com a interpretação do ator.”

“Meu pai não buscou informações apenas sobre mim, mas sobre tudo o que aconteceu de mais importante na dança no Rio, no Brasil e no Theatro Municipal”, disse a bailarina



Imagem: Divulgação



Foto: Divulgação

Amanhã, Academia Paraibana de Ciência da Administração lança obra sobre visão organizacional nas animações Disney

Da Redação

Amanhã, a Academia Paraibana de Ciência da Administração (APCA) promoverá o lançamento do livro digital *A Magia da Administração - uma visão organizacional nas entrelinhas das animações Disney*, dos acadêmicos Luciane Albuquerque (atual vice-presidente da APCA) e Bruno Xavier. O evento será virtual, a partir das 18h, pelo canal oficial no YouTube da entidade.

A obra foi idealizada pela administradora Luciane Albuquerque que há mais de 10 anos estuda a Cultura Disney, tendo convidado, para compor a autoria deste *e-book*, o professor e seu ex-aluno Bruno Xavier, tendo em vista que ele tem estilo e escrita parecidos com os dela. Juntos escolheram as 10 produções de animações da Disney que

fazem parte da obra: *Mulan*, *Vida de Inseto*, *Monstros S/A*, *Os Incríveis*, *Carros*, *Ratatouille*, *Wall-E*, *A Princesa e o Sapo*, *Detona Ralph* e *Zootopia*. O objetivo é inspirar professores do curso de Administração a trabalharem temáticas utilizando tais animações.

Luciane Albuquerque tem mestrado e doutorado em Psicologia Social pela Universidade do Porto/Portugal. Já Bruno Xavier, que é CEO da Tango Alfajores, tem especialização em Produtividade e Gestão do Tempo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Incentivo digital

Desde o ano de 2011, quando foi fundada e então sob a presidência do administrador Lúcio Mariano, a Academia Paraibana de Ciência da Administração tem apoiado a publicação de livros cujos

autores sejam profissionais da administração.

A partir de 2017, na gestão Mário Tourinho e Luciana Rabay, a entidade instituiu a Comissão de Publicações e Produção Científica, sendo ativa, também, na edição de livros no formato digital: no mesmo ano lançou *A dinâmica da administração no contexto atual*, reunindo artigos científicos de administradores paraibanos, dentre os quais Lúcio Mariano, César Emanuel e Luciane Albuquerque, coautora de *A Magia da Administração*.

Em 2019, dois *e-books* foram lançados: *Tendência Operacional Mercadológica*, de autoria dos administradores César Emanuel e Juan Alves Dantas; e *Precificação de Imóveis e seus elementos agregadores de valor sob a visão do consumidor*, de Suellen Fabres e Pierre Lucena Raboni.

Imagem: Divulgação



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no YouTube da APCA

Citando 10 produções oriundas da Disney, objetivo do livro é inspirar os professores do curso de Administração a trabalharem temáticas utilizando as animações



Gado Bravo vive última semana de campanha para nova eleição

Normas adotadas pelo Tribunal Regional Eleitoral no pleito de 2020 serão reproduzidas no próximo domingo

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

“Como se trata de um eleitorado pequeno, em menos de uma hora poderemos anunciar os resultados”. A previsão foi feita nessa sexta-feira pelo juiz da 49ª Zona sediada em Queimadas, Jeremias Melo, ao tratar da última semana de disputa política vivida pelo município de Gado Bravo, a 177km de João Pessoa, onde, no próximo domingo, Marcelo Paulino (PL) e Fernando Morais (PP) disputam a prefeitura em eleições suplementares.

Ele explicou que isso pode ser previsto sem comprometimento da segurança

e da lisura do pleito e baseado exclusivamente no reduzido trabalho de apuração em relação a outros pleitos mais amplos, e inclusive aproveitou para anunciar para sábado ou sexta-feira, com a presença do presidente do TRE-PB, desembargador Joás de Brito Pereira, a realização dos procedimentos de auditoria com eleição paralela e verificação da segurança das urnas.

Jeremias Melo, que é juiz da Comarca de Queimadas onde se incluiu o município de Gado Bravo, informou que, como em todas as eleições, além da participação dos técnicos do setor de informática, esses procedimen-

tos do sábado contam com fiscalização dos partidos que participam da disputa, e que o objetivo maior da Justiça é garantir a lisura e a segurança do voto do eleitor. “A programação está sendo rígida em tudo e vamos chegar ao domingo com tudo pronto para a maior tranquilidade das eleições”, disse.

O magistrado disse também que, como em toda eleição, tem registrado alguns incidentes e reclamações oriundas de ambas as partes em disputa, mas que “os candidatos estão se comportando dentro das normas” e que a campanha está tranquila. “Realmente já houve denúncias sobre indícios de irregu-

laridades envolvendo um dos candidatos, mas uma operação policial foi realizada a tempo e agora o processo está com o Ministério Público para depois ser julgado pela Justiça”, disse.

O juiz Jeremias Melo também contou que, minutos antes da entrevista, havia acabado de sair de duas reuniões sobre outras providências relacionadas às eleições de Gado Bravo, uma dessas reuniões, juntamente com os quatro candidatos (dois a prefeito e dois a vice). “Em face do naturalmente acirramento dos ânimos nos últimos dias de campanha, reafirmamos as últimas orientações e alertas princi-

palmente sobre propaganda eleitoral irregular. Não admitiremos abusos”, afirmou.

A outra reunião, segundo o juiz eleitoral de Gado Bravo, se deu com representações dos setores de Segurança Pública e da Saúde na região. Ele previu que nesta segunda ou terça-feira será definido a quantidade de policiais da região que serão escalados para trabalhar em Gado Bravo da sexta-feira até a apuração e divulgação dos resultados das eleições, do domingo para a segunda-feira de manhã.

A outra reunião, segundo o magistrado, se deu com representantes da Secretaria de Saúde e para tratar da se-

gurança sanitária por causa da pandemia. Segundo ele, as mesmas normas adotadas pelo Tribunal Regional Eleitoral nas eleições de 2020 serão reproduzidas nas eleições de Gado Bravo, apesar do clima da pandemia parecer menos grave.

As concentrações, sobretudo em recintos fechados continuam proibidas, e, para votar, o acesso só será permitido de máscara. “De certa forma, fica tudo mais fácil ou menos difícil porque estamos apenas pondo em prática o que a Justiça já fez nas eleições do ano passado, inclusive aqui mesmo em Gado Bravo”, completou Jeremias Melo.

Temperatura da reta final

Como acontece em toda cidade pequena do interior às vésperas de uma eleição de prefeito, a temperatura na cidade de Gado Bravo está elevadíssima. Acionada pelo Ministério Público, a própria Polícia Federal já se fez presente há poucos dias e, na ocasião, promoveu apreensões no “quartel” de campanha e numa empresa de publicidade de Campina Grande que trabalha para um dos candidatos.

Trata-se do atual presidente da Câmara de Vereadores e prefeito interino da cidade que disputa o pleito pelo PL, Marcelo Paulino. Sua chapa tem como candidato a vice Edmark Araújo (Cidadania), que vem a ser irmão de Evandro Araújo, vitorioso nas urnas no ano passado, mas que teve posse vetada pela Justiça por se enquadrar na Lei da Ficha Limpa.

A outra chapa tem como candidato o comerciante Fernando Morais. Ele era candidato a vice na chapa de Evandro em 2020, e também já foi

prefeito da cidade. Ele tem Ednaldo de Boa Vista (PSDB) como companheiro da chapa que, na campanha, está naturalmente colocada como de oposição.

Apesar de várias tentativas da reportagem, nenhum dos dois candidatos a prefeito chegou a ser localizado para falar sobre o andamento da campanha e a disputa do domingo. Vereadores conhecidos de ambos alegaram basicamente que, como o eleitorado do centro da cidade de Gado Bravo é muito pequeno, os candidatos concentram as campanhas de manhã e à tarde pelos sítios do interior, onde os serviços telefônicos são frágeis.

Esses mesmos vereadores e outras pessoas que moram em Gado Bravo acreditam que o resultado será apertado e que, mesmo a poucos dias do pleito, não há favoritos. As convenções partidárias que homologaram as duas chapas aconteceram no dia 25 de julho passado.

+ Números das eleições e operação da PF

Situado no Agreste da Paraíba e a 177km de João Pessoa, o município de Gado Bravo conta, pelo último censo, com 8.316 habitantes e, nas últimas eleições de novembro do ano passado, registrou a participação de 6.225 eleitores.

Evandro Araújo, que é do Cidadania e que teve a eleição anulada, obteve 48,36% (2.783 votos); Dr. Paulo (PSDB) ficou Dr. Paulo, 38,49% (2.215 votos), enquanto que o terceiro colocado, Zé de Cazuzza (PL) recebeu apenas 13,15% (757 votos). Os votos em branco somaram 141 (2,27%), os nulos 329 (5,29%) e as abstenções totalizaram 877 o correspondente a 12,35% dos votos.

O dia mais quente da campa-

nha foi mesmo o 24 do mês passado quando a Polícia Federal cumpriu dois mandados de busca e apreensão relativos a uma investigação contra a Prefeitura Municipal. Os mandados foram expedidos pelo Juízo da 049ª Zona Eleitoral de Queimadas e, na ocasião, foram vistoriadas a sede da prefeitura e uma empresa de comunicação em Campina Grande.

De acordo com a Polícia Federal, o objetivo da operação era colher provas de possíveis crimes envolvendo abuso de poder econômico e uso indevido de recursos públicos para custear despesas de campanha.

Além de Gado Bravo, mais dois

municípios da Paraíba tiveram posse de prefeitos eleitos questionada na Justiça Eleitoral. Um deles foi Princesa Isabel que foi resolvido ainda em dezembro e permitiu a posse de Ricardo Pereira, reeleito pelo Cidadania; e o outro foi Cachoeira dos Índios, cujo processo ainda está para ser apreciado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Em Cachoeira, o vencedor foi Allan Seixas (PSB) também enquadrado na Lei de Ficha Limpa. Ele obteve 52,26% (3.150) dos votos válidos, contra 47,74% (2.878) obtidos pela candidata Quinha Moura (PP). Lá, o Poder Executivo também está sendo comandado interinamente pelo presidente da Câmara.



IBGE vai realizar teste para o Censo 2022 na ilha de Paquetá

Recenseadores entrevistarão os moradores dos quase 1.300 domicílios do local entre os dias 6 e 24 de setembro

Daniela Amorim
Agência Estado

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) conduzirá a partir da desta segunda-feira (6) um teste preparatório para o Censo Demográfico 2022, na Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro. Os recenseadores entrevistarão os moradores dos quase 1.300 domicílios da ilha entre os dias 6 a 24 de setembro, informou o órgão estatístico, em nota.

O objetivo é avaliar os aplicativos e os sistemas desenvolvidos para o levantamento censitário, além das três modalidades de coleta de dados: presencial, pela internet e por telefone.

Segundo o IBGE, a Ilha de Paquetá foi escolhida para o teste porque mais de 85% da população local já receberam as duas doses da vacina contra o coronavírus.

O órgão afirma que os recenseadores farão as entrevistas domiciliares "seguindo todos protocolos de saúde, incluindo uso de máscara e protetor facial".

"Os moradores visitados poderão confirmar a identidade dos recenseadores do IBGE pelo site respondendo.ibge.gov.br ou pelo telefone 0800-721-8181, das 8 às 20 horas, todos os dias. O sigilo das informações prestadas ao IBGE é garantido por lei", ressalta a nota do órgão estatístico.

Na última terça-feira, 31, o IBGE alertou que o Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) 2022 apresentado pelo Governo Federal ao Congresso Nacional não traz os recursos necessários para a realização do Censo Demográfico em 2022.

Em maio, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que o Governo Federal tem obrigação de realizar o Censo Demográfico. Desde então, o IBGE alerta para a necessidade de recomposição do orçamento tanto para as etapas preparatórias ainda em 2021 como para a verba necessária para a operação de coleta em 2022.



Foto: Agência Estado

O IBGE escolheu a Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro, para realizar o teste porque mais de 85% da população local já receberam as duas doses da vacina contra o coronavírus

+ Instituto apresenta proposta orçamentária de R\$ 2,293 bi

O IBGE informou que elaborou no primeiro semestre deste ano a proposta orçamentária de aproximadamente R\$ 2,293 bilhões para a realização do Censo Demográfico em junho de 2022. No entanto, o valor destinado no PLOA 2022 ficou em R\$ 2 bilhões, cerca de R\$ 293 milhões aquém do necessário.

"Ao IBGE caberá atuar junto ao Congresso Nacional, num trabalho de mobilização e convencimento sobre os interesses públicos relacionados ao Censo Demográfico, para que a União assegure o que foi determinado pelo STF, qual seja, as condições necessárias e suficientes para a realização do Censo Demográfico em 2022

(cristalizadas no valor de R\$ 2.292.907.087,00)", escreveu o órgão estatístico, em nota divulgada na terça-feira.

Na nota, o IBGE lembra ainda que a decisão do STF determinou que o poder executivo, em articulação direta com o Congresso Nacional, assegurasse "os créditos orçamentários suficientes" para a realização do Censo.

Realizado a cada dez anos, o Censo Demográfico visita todos os cerca de 71 milhões de lares brasileiros. O levantamento foi orçado inicialmente pela equipe técnica do IBGE em mais de R\$ 3 bilhões, para ir a campo em 2020.

Em meio a pressões do governo pela redução no orçamen-

to, os questionários originais foram enxugados, e a verba encolheu para R\$ 2,3 bilhões.

Quando foi adiado devido à pandemia para 2021, o Governo Federal reduziu ainda mais esse montante previsto, para R\$ 2 bilhões. No entanto, apenas R\$ 71 milhões foram aprovados pelo Congresso Nacional, e o Orçamento sancionado e publicado no Diário Oficial da União trouxe um veto do presidente Jair Bolsonaro que cortou esse valor para apenas R\$ 53 milhões, o que inviabilizava até os preparativos para o levantamento ir a campo em 2022. Mais tarde, após a decisão do STF, o IBGE conseguiu assegurar uma complementação orça-

mentária para os preparativos neste ano.

As informações recolhidas pelo Censo servem de base, por exemplo, para o rateio do Fundo de Participação de estados e municípios, sendo essenciais também para políticas de saúde, como a necessidade de alocação de profissionais e equipamentos para atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e planejamento de políticas educacionais.

Os dados são usados ainda como base para pesquisas amostrais, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do próprio IBGE, que levanta informações sobre o mercado de trabalho, como a taxa de desemprego, e até para pesquisas eleitorais.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

O estranho caso da barata transfigurada em ser humano

Como parte do meu estágio de estudos sobre esse inseto caseiro noturno e asqueroso, li o livro "A barata", do autor inglês Ian McEwan. Quando as baratas dominarem o mundo, tomara que leiam a obra de Ian e meu relatório que começa assim: "Naquela manhã, ao acordar de um pesadelo onde hordas de milicianos dominavam o país, o evangélico pentecostal Costinha viu-se transformado no ministro da Saúde precária e disfuncional do país, segundo homem de confiança do Grande Mito, depois do Generalíssimo Marechalíssimo Heleno de Troia, aquele que introduziu um cavalo nas fortificações da cidadela desvigorada da soberania popular".

Costinha sofreu uma mutação incrível. Antes, tratava-se de um simplório zé ruela semianalfabeto e militante do movimento religioso inimigo da cultura e da ciência. Graças à contrarrevolução política, religiosa, econômica e científica, foi alçado à categoria dos grandes mestres da nova ordem. Anteriormente não passava de um elemento repugnante, escondendo-se nos buracos e fossas do fascismo, segregacionismo e da tirania mascarada com palavras de ordem tiradas a fórceps da Bíblia. Após a metamorfose, tornou-se um inseto poderoso e maligno como a barata fazendeira de "MIB -

Homens de preto". Costinha acaba sendo autor da lei que institui o voto telepático, extrassensorial. O crente ora a Deus, recebe orientação e encaminha seu voto metafísico para o Diretor Geral Eleitoral da Nova Ordem, o pastor Malafalsa. Tudo na mais absoluta segurança e paz de necrópole.

Mundo de Franz Kafka virado ao contrário, a ocorrência validou a crônica de Luiz Fernando Veríssimo: "Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Pensar, para a ex-barata, era uma novidade. Antigamente ela seguia seu instinto. Agora precisava raciocinar". As almas das baratas transformadas em seres humanos são, geralmente, bobas e insensatas, descobrindo-se miraculosamente capazes de explicar o sentido da vida e de como estancar o progresso da humanidade. O deus da nova ordem manda olhar somente para seu próprio umbigo e se preocupar apenas com o individualismo, o narcisismo e a inquietação consigo mesmo. Tudo o mais é comunismo. Enxotados pela nova ordem das baratas alucinadas de verde e amarelo, os cientistas, professores e artistas foram se refugiar no que restou da floresta esturricada, onde a cultura, a ética, as flores e frutos começam por milagre a rebrotar.

Feliz porque enterrou a aurora e abateu a soberania popular, Costinha dá de garra de sua Bíblia e do seu fuzil AR 15 refrigerado a ar e alimentado com o gás que falta na cozinha, disposto a disparar 30 tiros entre uma oração e outra, enquanto sua mente semiautomática repete mantras sobre Estado mínimo, combate à corrupção e liberdade individual. Em estado contemplativo, repete o plano para que Estado intervenha no Estado, assim o Estado dá o golpe militar no Estado, desconstruindo o Estado e fortalecendo o Estado para introduzir o voto auditável, que é uma espécie de salvação do Estado em estado puro de Velho Testamento, segundo prescrições da Nova Ordem Cavernista Baratazeira, uma seita cujo líder supremo tem o tecido cerebral e sistema nervoso semelhante ao da barata.

Deitado eternamente em berço bolorento, o povaréu apenas assiste à caravana das baratas irrompendo pelas ruas perversas e arruinadas, em cujas frestas de batentes das portas deterioradas se esconde meia dúzia de humanos que ainda não se converteram ao mundo dos insetos e insistem em não aceitar a resolução oficial de que o estado de barata não degenera o homem: o homem é que deteriora e perverte o inseto. E a verdade é o que sai da boca da barata líder. Todo aquele que não acolher tais crenças é pecador. No caso, comunista.

Recusa de vacina pode levar a demissão por justa causa?

TRT-SP manteve decisão de empresa que dispensou funcionária, ratificando entendimento de empregadores

Bianca Zanatta
Agência Estado

Com o avanço da vacinação contra a covid-19 no país, muitas empresas que mantiveram o time em home office até agora estão voltando a operar no presencial. Apesar de a imunização ser comprovadamente a forma mais eficaz de se proteger do vírus, no entanto, o fato de algumas pessoas recusarem a vacina tem obrigado o mundo corporativo a se posicionar para garantir um ambiente coletivo seguro.

Com a previsão de reabrir seus escritórios em outubro, a Microsoft dos Estados Unidos já anunciou que vai exigir o comprovante de vacinação de todos os funcionários e visitantes para que possam entrar nos prédios da companhia a partir de setembro. Facebook e Google também informaram, no início do mês, que os colaboradores que retornarem ao presencial deverão estar vacinados.

No Brasil, o Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo (TRT-SP) manteve recentemente a justa causa aplicada à demissão da funcionária de um hospital que não quis se vacinar. A justificativa foi que, apesar de a vacinação não ser compulsória, a imunização em massa é a única maneira de frear a pandemia. Nesse caso, para proteger a saúde do coletivo, as empresas têm o direito de restringir a frequência ou o exercício de atividades de quem não aceitar entrar na dança - e até de demitir por

justa causa, dependendo do motivo da recusa.

“A empresa não pode forçar o empregado a se vacinar, mas, se ele não o fizer, poderá sofrer consequências trabalhistas”, afirma Rodrigo Takano, sócio do departamento trabalhista do Machado Meyer Advogados.

“Caso a empresa estabeleça a vacinação como uma condição para a proteção da saúde e segurança dos seus empregados no ambiente do escritório e o empregado se recuse a se vacinar, ele estará violando uma norma interna e inviabilizando o seu trabalho no ambiente coletivo. Nesse contexto, o empregador tem legitimidade para dispensar o empregado por justa causa”, ele esclarece, lembrando que o próprio Ministério Público do Trabalho emitiu um guia técnico defendendo a possibilidade de as empresas tornarem obrigatória a vacinação de empregados contra a covid-19.

Sob a ótica do trabalhador, o especialista ressalta que ele não poderá ser punido por não se imunizar se houver prescrição médica que contraindique a vacina, mas o acesso presencial à empresa pode ser limitado. “Em comparação com outros programas nacionais de vacinação, como o da H1N1 (Influenza), a obrigatoriedade de vacinação é a mesma, porém, no contexto de pandemia e calamidade pública vivenciados, há um rigor maior de toda a sociedade no que concerne a exigir e fiscalizar a vacinação individual em razão da tutela da coletividade”, reitera.



Foto: Marcus Antonius

A pandemia, que gerou o estado de calamidade pública, levou a sociedade a exigir, com mais rigor, a vacinação individual contra a covid, considerando o efeito na coletividade

Proteção é coletiva

Diretora da Sociedade Brasileira de Imunizações e médica do corpo clínico da CE-DIPI, a pediatra Silvia Bardella Marano explica que, apesar de nenhuma das atuais vacinas contra a covid-19 eliminar o estado de portador do vírus, a pessoa que se imuniza não adoece com a mesma frequência que aquela que está desprotegida - e, se contrair o vírus, as chances de transmissão são inferiores.

“Além dos anticorpos, quem se vacina desenvolve vários graus de resposta contra aquele agente e as chances de o vírus se multiplicar são muito menores”, afirma.

“Quando você opta por não se vacinar, além de representar um risco maior de infecção, a chance de desenvolver variantes é gigante porque o vírus tem uma facilidade muito grande de mutação. A cada nova pessoa infectada, pode gerar desde uma mutação mais branda até uma infecção grave, inclusive com o risco de as vacinas pré-concebidas não funcionarem mais e a gente ter que começar novamente do zero”, alerta a especialista.

Conscientização

Em Goiânia, a Consciente Construtora promoveu campanhas de conscientização sobre a importância da imunização para seus colaboradores. Como resultado, a grande maioria dos funcionários das obras e do setor administrativo já recebeu a primeira dose e deve estar completamente imunizada até setembro. Dos 190 operários, apenas quatro optaram por não tomar a vacina.

No caso da healthtech Dandelin, como a equipe é jovem, por enquanto somente os dois sócios-fundadores já estão 100% imunizados e voltaram a frequentar o escritório em formato híbrido. “Com o avanço da vacinação, optamos por deixar opcional o retorno ao escritório, mas somente para aqueles que tiverem tomado as duas doses da vacina e aguardado os 14 dias para que a imunização esteja completa”, explica o CEO Felipe Burattini.

Retorno ao trabalho no escritório

O avanço da vacinação contra a covid-19 no Brasil tem mudado cada vez mais as expectativas no mercado de trabalho. Metade dos profissionais que atualmente trabalham em home office esperam retornar ao escritório nos próximos seis meses. Os jovens com menos de 25 anos, chamados de geração Z, são os mais entusiasmados dessa ideia por acreditarem que o presencial vai impulsionar a carreira deles. Essas percepções fazem parte do Índice de Confiança do Trabalhador, pesquisa realizada mensalmente pelo LinkedIn.

Das mais de 400 pessoas que responderam à consulta em julho, 51% afirmam que já foi comunicada que deve voltar ao escritório nesse período. Outras 40% dizem que receberam sinalizações de que poderão trabalhar em casa no longo prazo e/ou optar por horários flexíveis.

A perspectiva é positiva aos jovens, em especial, que encontraram desafios para entrar no mercado de trabalho depois de se formarem no final de 2019 e ao longo de 2020. Voltar ao presencial é a chance que eles enxergam para construir coletivamente, uma das características da geração Z.

De acordo com a pesquisa, o que mais encoraja esse público são a ideia de avanço profissional e os benefícios oferecidos no ambiente. Dois terços deles também afirmam que podem se arrumar para o trabalho é mais um incentivador. Já os millennials, com idades entre 25 e 39 anos, são mais motivados pela oportunidade de co-

laborar pessoalmente e a socialização com colegas e clientes. Essa também é a percepção da geração X (entre 40 e 54 anos) e dos baby boomers (a partir dos 55 anos).

As diferenças geracionais também se apresentam na ideia de ter um espaço exclusivo para as tarefas do dia a dia. Enquanto os mais novos gostam dessa divisão, os 50+ não veem tanta vantagem, assim como não acreditam que serão capazes de tirar proveito dos benefícios do ambiente físico quando comparado ao trabalho remoto.

Uma pesquisa da consultoria Maturi em parceria com a NOZ Pesquisa e Inteligência, por exemplo, mostrou que 80% dos 1.883 entrevistados sentem-se preparados ou extremamente preparados para trabalhar única ou parcialmente em casa. No entanto, 58% ainda se vê pouco apto a lidar com as tecnologias necessárias a esse contexto.

Quanto aos baby boomers que poderiam retornar ao presencial, o levantamento do LinkedIn diz que a sensação de conforto associado ao período pré-pandemia, com o sentimento de que agora tudo parece como antes, é um dos principais fatores que os motivam a voltar.

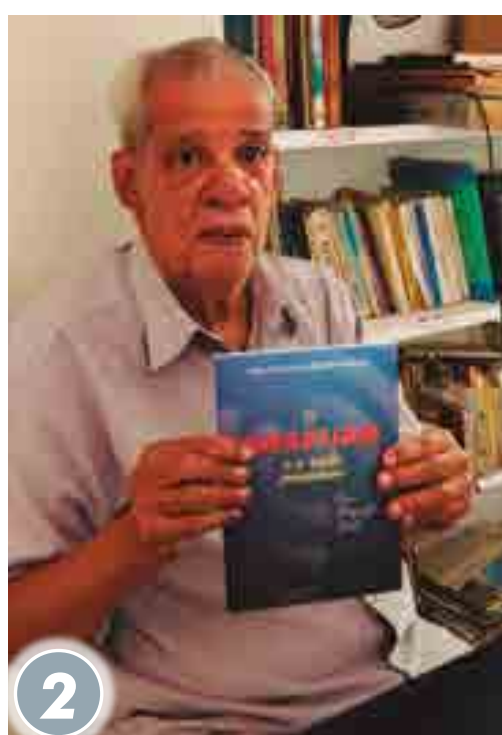
Os ventos a favor da retomada dos escritórios reforçam o sentimento de confiança desses profissionais, cujo índice ficou em 63 pontos em julho. O resultado é cinco pontos abaixo do registrado em janeiro deste ano, quando o nível de segurança em relação ao próprio emprego teve queda nos últimos meses de 2020.

EDITAL DE LOTEAMENTO URBANO - LOTEAMENTO BELA VISTA - MUNICÍPIO DE PIANCÓ - ESTADO DA PARAÍBA.
O Sr. LEANDRO AUGUSTO RODRIGUES, Oficial de Registro de Imóveis de PIANCÓ/PB, Faz saber a quem possa interessar, para todos os fins de direito, que OBED PEREIRA MATIAS DA SILVA, brasileiro, casado no regime da comunhão parcial de bens, empresário, filho de Severino Matias da Silva e Maria Pereira Matias, nascido em quatorze de julho de mil novecentos e oitenta e dois (14/07/1982), cédula de identidade nº 2710589 SSP/PB, inscrito no CPF/MF nº 043.226.834-01, e sua esposa, MARIA GÉSSICA MENDES DE ANDRADE PEREIRA, brasileira, casada, filha de Adriano Andrade de Souza e de Sandra Regina Mendes da Cruz Souza, nascida em 25 de setembro de 1999, portadora da cédula de identidade nº 4.252.184 SSDS/PB, inscrita no CPF/MF nº 134.420.474-04, residentes e domiciliados na Rua Pedro Ângelo, nº 98, Centro, Município de PIANCÓ, Estado da Paraíba, na forma da lei, depositou neste CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS, situado na Rua Elzir Matos, 117, Centro, Município de PIANCÓ, Estado da Paraíba, toda documentação necessária e requereu o Registro do Loteamento denominado LOTEAMENTO BELA VISTA, localizado na Propriedade Saboeiro, Bairro Pedro Lima de Azevedo, Município de PIANCÓ, Estado da Paraíba, com área total de 76.083,57m², a ser desmembrada da Propriedade Saboeiro, Bairro Pedro Lima de Azevedo, Município de PIANCÓ, de propriedade dos depositantes acima, com matrícula sob o nº 9185, Livro 2AZ, fls 92, deste Ofício de Imóveis, tendo apresentado requerimento, certidão de aprovação, mapas, memoriais, etc, nos termos do artigo 18 e 19 da Lei 6.766 de 19/12/1979, e demais legislações atinentes a espécie. É publicado este EDITAL para conhecimento de terceiros interessados, confrontantes ou não, para que, caso queiram, apresentem impugnação no prazo de 15 dias contados da última publicação, que será publicado por 3 vezes, ressaltando que, transcorrido o prazo, será dado prosseguimento regular ao registro do loteamento, nos termos do requerimento e do previsto na lei federal 6.766/79. A documentação encontra-se a disposição dos interessados na Sede deste Cartório. O LOTEAMENTO BELA VISTA será constituído de quinze (15) quadras dividido em duzentos e quarenta e seis (246) lotes, tendo a quadra 01, 20 lotes; a quadra 02, 28 lotes; a quadra 03, 19 lotes; a quadra 04, 28 lotes; a quadra 05, 08 lotes; a quadra 06, 29 lotes; a quadra 07, 12 lotes; a quadra 08, 28 lotes; a quadra 09, 28 lotes; a quadra 10, 07 lotes; a quadra 11, 04 lotes; a quadra 12, 09 lotes; a quadra 13, 8 lotes; a quadra 14, 04 lotes; a quadra 15, 14 lotes; para o Município foi destinado uma área de 1.200,00m², quadra 05 - lote 09. Dita área encontra-se na matrícula sob o nº 9185, Livro 2AZ, fls 92, deste Cartório de Imóveis, tudo conforme croqui abaixo. Decorrido o prazo de 15 dias da terceira publicação do presente edital, sem que haja impugnação por parte de pessoas, autoridades ou entidades interessadas, será efetuado o registro do já mencionado loteamento. Dado o passado neste Município de PIANCÓ-PB, em 01 de setembro de 2021. Leandro Augusto Rodrigues - Oficial de Registro de Imóveis de PIANCÓ-PB.



Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

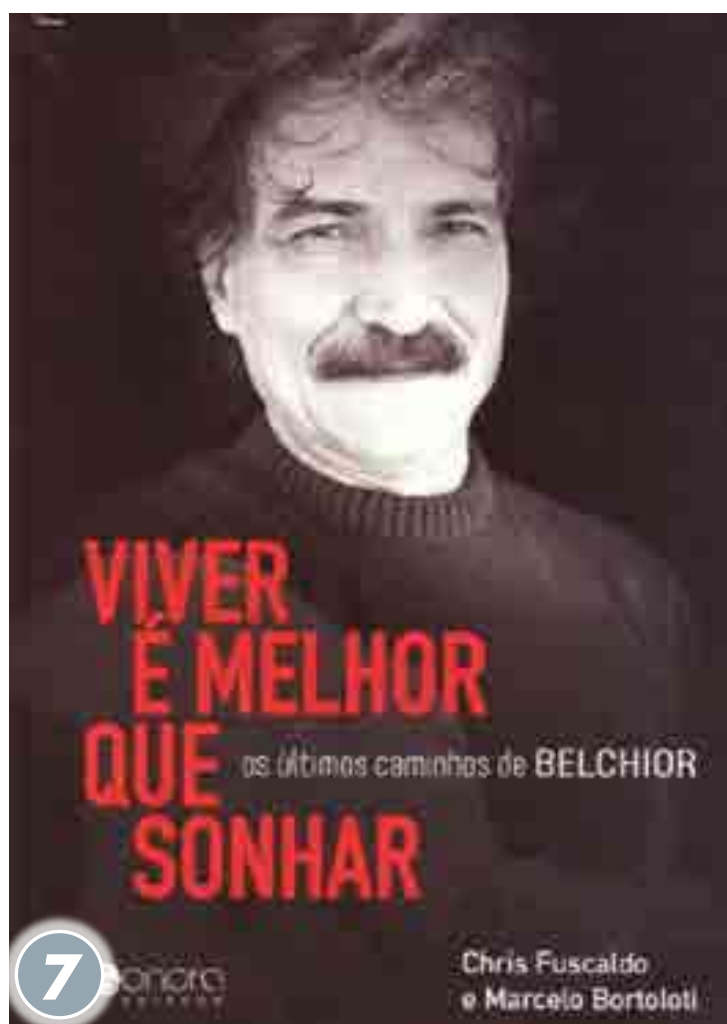


1 A estudante do curso de Arquivologia da UEPB, Carla Cristina Faliz Volga (na foto, com os jornalistas Fabiano Vidal, Afra Soares e Sônia Yost de Freitas), foi figura importante na organização do Arquivo e Museu da Imprensa Wills Leal, espaço cultural que foi inaugurado na sexta-feira (dia 3), na sede da API, em João Pessoa. O Arquivo, o grande legado na gestão do presidente João Pinto, deve ser ampliado com a nova diretoria, liderada pelo jornalista Marcos Wéric, que toma posse no próximo dia 10 de setembro.



2 O dinâmico escritor José Octávio de Arruda Mello lançou, recentemente, o livro "A Arapuan e o rádio paraibano – Uma biografia dual". O trabalho faz um resgate da história do rádio paraibano, por meio de sua biografia e do seu irmão, Otinaldo Lourenço, com enfoque central numa das emissoras mais antigas da Paraíba, onde eles tiveram importante e efetiva participação.

3 O Garden, badalado e tradicional unidade hoteleira de Campina Grande e que tem como diretor o competente Ewerton Crispiniano, será palco para um *petit comité* por ocasião do aniversário do colunista social Oliveira Filho (foto).



4 A Construtora Alliance premiou, pelo quinto ano consecutivo, os jovens empresários Eudes Fernandes, Gabriel Teixeira e Caroline Teixeira, proprietários da Imobiliária Pé na Areia. O motivo? Homenagear a imobiliária pela excelência dos serviços ofertados aos seus clientes. Em tempo: Andressa Fernandes é filha do Secretário de Comunicação de João Pessoa, Marcos Vinícius.

5 O livro "História de Campina Grande: de aldeia a metrópole", obra resultante da parceria entre o professor e atual presidente do Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG, Vanderley de Brito, com a fundadora e presidente de honra de entidade cultural, Ida Steinmuller, apesar de ainda não ter sido lançado oficialmente, já está sendo comercializado na Rainha da Borborema e pelos Correios.



6 Sales Dantas, Lúcia Padilha, João Medeiros, Walter de Vasconcelos Dias Filho, Vanina Dias Feitosa, Marconi Medeiros, Percival Brito, Kubitschek Pinheiro, Arnaldo Pogi Lins, Dandara Costa e Glicia Rangel Colares, são os aniversariantes da semana.

7 O professor Francelino recomenda, para os que estão reclusos e também para os que gostam de música, a leitura de um livro em que os jornalistas e professores, autores Chris Fuscaldo e Marcelo Bortoloti, procuram esclarecer o "desaparecimento" do cantor Belchior (in memoriam). Segundo ele, a leitura é absorvente, conduzindo o leitor aos meandros de um caminho quase surreal daquele "rapaz latino-americano"...



8 A jovem empresária Sandina Lira Zerlotini festejou quatro meses de casada com Thiago Zerlotini, no Magic Kíndon, o belo parque da Disney, em Orlando, nos EUA.

9 A eleição da Academia Paraibana de Letras, que aconteceu na última sexta-feira (3), será decidida em segundo turno. A presidente da entidade, Ângela Bezerra de Castro, na foto com intelectuais Helder Moura, Andrea Nunes e Cleanto Gomes, já marcou o novo pleito para o dia 10 de setembro. Desta maneira, a Cadeira de número 26, será decidida entre os escritores Helder Moura e Cleanto Gomes.



10 Os representantes da família Leal, Teocrito, Antonieta, Antonio Leal e Ana Maria, na foto entre o então presidente de a API, João Pinto, prestigiaram a inauguração do Arquivo e Museu da Imprensa Wills Leal. Na ocasião, esta colunista e a jornalista Vilma Giuseppe foram nomeadas diretora e vice-diretora, respectivamente, do espaço cultural que abriga grande parte da história da imprensa paraibana.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
3204-0423
98708-8189

Paraíba produz o melhor abacaxi e é 2º em plantio

Estado é responsável por quase 19% do que é cultivado do Brasil e fruto chega a ser 20% mais caro por conta da qualidade registrada

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A produção de abacaxi na Paraíba segue contribuindo fortemente para a economia do Estado, que se mantém como segundo maior produtor da fruta no país, responsável por 18,9% do resultado nacional, conforme a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Com uma área colhida de 10.912 hectares espalhados pelos municípios do Litoral, da Zona da Mata e do Agreste, a abacaxicultura conferiu uma renda de mais de R\$ 345.276.000,00 para a Paraíba, com base em uma produtividade de 30.689 frutos por hectare, em dados de 2018, segundo o IBGE.

A produção da Paraíba repre-

/// Sem medo de errar, o melhor abacaxi produzido no Brasil é o da Paraíba. Mesmo sem a demanda que existia antes, o Estado segue forte na produção e tudo isso se deve à nossa qualidade ///

Eliazar Oliveira
Pesquisador da Empaer

senta 51,49% do que é cultivado no Nordeste entre 2012 e 2018, período em que, no Estado, houve crescimento de 13,66%, principalmente, em razão do aumento de 11% na área de plantio. A estiagem nesse espaço de tempo teve reflexo negativo (3,36%) na produção regional, de acordo com o Compêndio de Estudos da Conab, que trata sobre a participação do abacaxi no desenvolvimento econômico nas regiões.

No quesito produção da fruta, a Paraíba é uma das principais mesorregiões produtoras, e os municípios de Itapororoca e Pedras de Fogo estão entre as localidades com produção superior a 50 milhões de frutos em 2018.

O pesquisador da Empresa Pa-

raibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), Eliazar Felipe de Oliveira, especialista na área de abacaxi, no município de Sapé, confirmou que, mesmo passado por redução, a produção de abacaxi na Paraíba ainda tem uma boa contribuição na economia estadual.

“Com a produção que nós temos do abacaxi pérola, estamos muito bem, e isso se deve à qualidade do abacaxi que produzimos. Sempre alertamos aos produtores para manter a qualidade. É a doçura, o tamanho, aspectos que fazem com que a Paraíba se mantenha nesse patamar”, comentou.

Tradição

O fruto produzido no Estado vem dos municípios de Jacaraú, Sapé, Santa Rita, Mamanguape, Pilar, Itabaiana, São Miguel de Taipu, Pedras de Fogo, Duas Estradas, Araçagi, Mari. Atualmente, Itapororoca ocupa o primeiro lugar na produção de abacaxi, de acordo com Eliazar Oliveira, da Empaer.

Ele afirmou que o Estado sempre produziu abacaxi, seguido por Pernambuco, em menor quantidade. Por aqui, a produção começou a ganhar destaque na década de 60, mas em 1932 já havia plantações. Naquele ano, começou o processo de crescimento, produzindo para todo o Brasil. Hoje todos os estados produzem. Por isso, não há demanda.

“O fator principal de nós continuarmos sendo um dos principais produtores de abacaxi é por causa da qualidade do abacaxi que nós produzimos, mas precisamos sempre de mais incentivos para fortalecer a pesquisa e não perdermos a qualidade”, ressaltou o pesquisador, lembrando que não há mais empresas que atuam na produção.

Ele explicou que o comércio de abacaxi é feito através de terceiros. “Vêm do Rio de Janeiro, São Paulo, compram o abacaxi. Vendemos para todo o Brasil e, pela qualidade, o nosso abacaxi é mais caro. Em Belo Horizonte, por exemplo, o valor do abacaxi da Paraíba é 20% acima dos demais”, disse.



Foto: Embrapa

Além do tamanho adequado, o abacaxi plantado no Estado possui doçura e qualidade ideais exigidos pelo mercado consumidor interno

+ Santa Rita tem maior custo de produção

O custo com a produção de abacaxi tem relação direta com a tecnologia utilizada no plantio e envolve desde a preparação para plantar até chegar ao resultado final. O ciclo é de 18 meses entre o plantio e o início da colheita. A fruta deve ser comercializada imediatamente após ser colhida.

Entre os municípios avaliados em termos de custos, Santa Rita foi o escolhido na Paraíba. O total do custeio na safra 2019/2020, utilizando tecnologia média, envolve mão de obra, administrador, fertilizantes, agrotóxicos, mudas e totalizou R\$ 23.173,04 por hectare e R\$ 526,66 por tonelada. O valor total dos custos inclui ainda despesas administrativas, juros de financiamento, e há os custos variáveis como depreciações, manutenção, encargos sociais.

De acordo com a Conab, o custo de produção em Santa Rita, Região Metropolitana

de João Pessoa, e a área de abrangência em março/2019 indica que o custeio, mesmo representando 88% do custo operacional, se apresenta 28,61% maior do que em Conceição do Araguaia (PA). Isso ocorre porque em Santa Rita o custo de mão de obra é cerca de 41% maior, e os gastos com fertilizantes são superiores em 66,78% em relação ao custo paraense. A vantagem de Santa Rita está no resultado da produtividade que atinge 44 toneladas por hectare.

No município, a produtividade tem se mantido constante e o custo de produção não tem se alterado. Essa situação, segundo a Conab, pode ser interpretada como uso de método padrão de plantio e colheita que tem influenciado nos resultados.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Precisamos de soluções para colhermos resultados positivos

Estamos em um estágio avançado no processo de vacinação da população brasileira para o combate à covid-19. Isto nos traz uma certa segurança quanto ao aspecto da sobrevivência humana. Gera novo ânimo e um melhor clima de confiança para retomada da normalidade da vida nos níveis social, produtivo e empresarial.

Afirmar meses atrás, aqui nesta coluna, que uma crise pandêmica possui pelo menos três aspectos temporais a serem vencidos. O primeiro é o da sobrevivência humana e dos negócios produtivos. O segundo diz respeito a recuperação das perdas ocasionadas pela crise. O terceiro se refere à fase da superação, ou seja, a retomada do ritmo de crescimento da economia, com uma distribuição socialmente mais justa, para alcançarmos um novo patamar de desenvolvimento.

Com a cobertura plena da vacinação junto à população brasileira, teremos vencido parte destes desafios. Garantimos a sobrevivência de negócios em alguns segmentos produtivos e também assistimos

a falência de muitos outros. Alguns dados recentes foram publicados em diversos veículos de comunicação, afirmando que recuperamos as perdas e voltamos ao patamar econômico de antes de pandemia. Reside nesta informação uma continuidade das fracionadas vitórias que estamos acumulando rumo à superação das nossas dificuldades.

O atual momento ainda é preocupante, porque as sequelas da crise recaem sobre pessoas que passam por extremas dificuldades, haja vista não terem recuperado suas fontes de renda. Outras irão vivenciar esta mesma realidade quando terminar o auxílio emergencial e também não conseguirem se colocar no mercado de trabalho.

Diante deste cenário, surge uma necessidade urgente de se encontrar soluções que possam dar respostas no curto prazo, no que diz respeito ao funcionamento da nossa economia. As perguntas são: o que fazer? Por onde começar? A quem compete

a responsabilidade? Como contribuir, faço algumas recomendações que entendo pertinentes para o problema em questão.

Quanto a primeira pergunta (o que fazer?), entendo que não dá para se esperar resultados imediatos em função de programas ou investimentos que demorem dois anos, ou mais, para serem implantados. Daí, vamos aproveitar a estrutura produtiva existente, que não precisa de novos investimentos para voltar a produzir com larga capacidade de absorção de mão de obra e consequente geração de renda. Assim teremos respostas no curto prazo.

Podemos começar por aqueles segmentos produtivos que, apesar da crise, não deixaram de ser competitivos. Vamos abrir o diálogo com estes segmentos e identificar suas carências atuais, para formulação de políticas públicas e estratégias de gestão que possam recarregar as baterias operacionais destes empreendimentos.

A responsabilidade de pensar, propor e executar as necessárias soluções, não são

exclusivas do setor público ou da iniciativa privada. O esforço deve ser conjunto, objeto de uma ação compartilhada, envolvendo governos, empresários, legisladores, profissionais com expertise em planejamento e gestão, para que se tenha, no mínimo, um tripé que gere equilíbrio e efetividade na execução destas estratégias.

É preciso se exercitar a capacidade de cooperação entre as forças produtivas em cada território desta nossa nação. Às vezes as vaidades institucionais, aliadas às limitações de gestores que ocupam cargos estratégicos em importantes entidades de fomento ao desenvolvimento, terminam por inibir determinadas iniciativas que nos fazem muita falta.

Melhor se sairá deste momento de dificuldades que vivenciamos atualmente, àqueles municípios, estados, regiões ou nações, que compreenderem e exercitarem a cooperação como alternativa qualificada, com força suficiente para se sobrepor aos efeitos da crise.



Foto: Rômulo Carvalho

Mercado nacional é o principal comprador do abacaxi local

Maior produtor do Nordeste, a Paraíba tem forte influência no processo de comercialização do fruto pelo país

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

O abacaxi paraibano se destina principalmente ao mercado interno, ou seja, é consumido dentro do país. De acordo com a Conab, o Estado, que é o maior produtor da região Nordeste, tem forte influência no processo de comercialização, em especial, por conta do calendário de colheita, de julho a janeiro, que antecipa a oferta em relação a Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. A entressafra no Nordeste é entre fevereiro e abril.

A Conab informou ainda que os preços de exportação do abacaxi fresco e seco e do preparado e conservado, com origem no Pará, são 8,50 e 9,68 vezes, respectivamente, o preço recebido pelo produtor da Paraíba, o índice é menor, mas o preço ainda assim é vultoso. O preço de comercialização do abacaxi pelo produtor é superior ao custo em 64% no Pará e 90% na Paraíba.

Ainda segundo a Conab, a exportação tem especificidades diferentes do mercado interno, sendo a qualidade o principal critério na

comercialização. O que se pretende ressaltar é que a qualidade da fruta começa no processo de produção e se estende em toda cadeia produtiva. Nessas condições, os preços recebidos pelo produtor são superiores à média daqueles que são comercializados no mercado interno.

Valor bruto

Na Região Nordeste, o destaque está nos estados da Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte. A Paraíba é grande produtor de abacaxi e a receita bruta da fruta é maior que todos os produtos utilizados no cálculo do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP). Os maiores estados produtores estão representados por Minas Gerais, Pará e Paraíba.

Em Santa Rita, as principais atividades que perfazem o PIB municipal são o serviço, a administração e a indústria. Na área da agropecuária, a cana-de-açúcar e o abacaxi têm participação preponderante. Em Araçagi, Lagoa de Dentro e Cuité de Mamanguape, na Paraíba, o abacaxi tem participação efetiva na atividade agropecuária.



Pandemia e valor do frete afetam vendas

Sapé foi considerada a 'terra do abacaxi', mas hoje o município perdeu esse posto, somando menos de 300 hectares de área plantada. Quem era comprador de abacaxi de Sapé está saindo da cidade para comprar a fruta em estados como Pará, Rondônia, Bahia e até no Rio de Janeiro, onde hoje também há cultivo do abacaxi.

O frete é mais barato do que da Paraíba para São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. "Quem sai aqui de Sapé e vai para lá comprar esse abacaxi garante que a fruta não é boa como a daqui, mas infelizmente, por causa do frete, do clima, eles preferem plantar em outros estados", comentou João Antônio Alves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sapé e secretário da Agricultura Familiar da Fetag-PB.

Por isso, não temos mais nem 60% do que era plantado nos anos 80. "Esse é o motivo que levou muitos produtores a deixarem de cultivar na Paraíba. O plantio agora é em outros estados", afirmou.

Mesmo com toda dificuldade enfrentada em razão da estiagem e da pouca demanda, o abacaxi da Paraíba permanece com grande representatividade e isso se deve à qualidade do produto. Com um índice pluviométrico anual de 1.500 milímetros no Litoral, no interior, há dificuldade de chuva. Por outro lado, as 200 horas/mês de luz solar favorecem a produção do melhor abacaxi do Brasil, segundo Eliazar Oliveira, pesquisador da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

Mesmo com pouca chuva, a irrigação contribui para manter a lavoura e assim manter o mercado. Com o canal de irrigação da transposição, as áreas em torno do canal podem ser aproveitadas, aumentando a produção.

O pesquisador lembrou que, nesse pon-

to, surge outra dificuldade. "Somos auto consumidores e há um lado problemático que é o transporte, o custo fica muito alto. Se aumentarmos a produção, vai abarrotar o mercado e a produção vai se perder como ocorria nos anos 70, 80", constatou.

Os custos da produção são muito altos e, segundo ele, para que o produtor pudesse sobreviver economicamente o valor de cada fruto deveria estar acima de R\$ 2,00, mas não chega a isso, ficando em torno de R\$ 1,50. "Não temos perspectivas para exportação em grande escala porque não temos variedade para exportar e existe produção em todo o país", esclareceu.

O produtor João Antônio Correia, de 53 anos, trabalha há 15 com abacaxi. Em cinco hectares de terras, ele conta com quatro trabalhadores, mas reclama que o investimento está ficando muito alto. "Hoje fica em R\$ 35 mil por hectare. Um ano e meio depois, tudo dando certo, o lucro fica entre R\$ 5 mil e R\$ 10 mil por hectare", calculou.

No entanto, além dos custos, existe a praga da fusariose e o mercado de preço que mantém a unidade por R\$ 1,50 em média há mais de dez anos. Aumentou o custo com adubo químico. Um saco de 50 quilos, que saía por R\$ 100 há um ano, custa o dobro agora. "Continuo sendo agricultor porque não sei fazer outra coisa. A pandemia afetou o setor e o comércio não ajuda porque o Brasil inteiro produz", observou.

Estiagem

Baixo índice de chuvas em áreas em que há plantio também prejudica a produção



Foto: Roberto Guedes

Abacaxi produzido nas cidades paraibanas é bastante aproveitado pelo consumidor local

Pesquisa feita no Estado é premiada

Um dos principais inimigos do abacaxi é uma doença conhecida por fusariose. Ela afeta a plantação e gera uma perda entre 30% e 40% da produção. Em 2019, o pesquisador da Empaer, Rômulo Carvalho, apresentou o resultado de um estudo mostrando que o uso de taninos - rico em polifenóis - é eficiente no controle da doença. O resultado foi apresentado no Congresso Mundial de Aplicação de Polifenóis realizado na Itália e classificado em primeiro lugar entre trabalhos científicos de 40 países.

A ideia da pesquisa, segundo o cientista, que estuda o uso de taninos há mais de 20 anos, era substituir os agrotóxicos na aba-

caxicultura, oferecendo uma alternativa aos fungicidas. Em 2001, ele iniciou as pesquisas com taninos da árvore Acácia Negra. Mais adiante, estudou o uso das árvores Quebraço, Tara e Castanheiro. A última apresentou maior capacidade de inibir a doença.

Os polifenóis são substâncias de grande valor nutricional e medicinal encontradas em maior quantidade nas frutas vermelhas, uvas, frutas cítricas, azeite de oliva e em cascas de árvores. As substâncias são de grande interesse científico entre pesquisadores de todo o mundo, gerando encontro anuais para trocar experiências sobre as descobertas.



O mestrado em química vinha funcionando com 45 estudantes e apenas três deles recebendo bolsa. O edital Capes/Fapesq de 2020 trouxe seis novas bolsas de mestrado, mais uma do PNPd, além de R\$ 64 mil para o custeio das pesquisas

Governo do Estado investe em pesquisas nas universidades

Bolsas financiadas pelo Governo da Paraíba promovem estudos em áreas desde medicina regenerativa a floricultura

Renato Félix
Assessoria da Sect

Elane da Silva Salvador é estudante do mestrado em Química na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) desde março de 2020. Morando com a família em Campina Grande, ela não chegou a precisar arranjar um emprego em tempo integral para se sustentar, mas ainda deu aulas de reforço e vender semijoias. Em maio deste ano passou a receber uma bolsa, o que a ajuda a focar no seu projeto de pesquisa acerca de aplicações biomédicas na medicina regenerativa e na engenharia de tecidos. “A bolsa ajuda muito, muito, muito mesmo”, afirma. “Se o foco era 50%, ela aumenta mais 50% (risos). Sem as bolsas, isso limita as idas ao laboratório, gera desmotivação e dificulta o processo do desenvolvimento da pesquisa”.

Elane passou em maio a receber uma das bolsas

do edital Capes/FapesqPB para pós-graduação, um dos editais através dos quais o Governo do Estado vem incentivando a pesquisa nas universidades. Na semana passada, mais um edital da Fapesq foi divulgado, com aporte de R\$ 20 milhões do Tesouro Estadual, e 326 bolsas distribuídas entre Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), UEPB e Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), para alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

“Com esse edital, vamos ter investimentos em pesquisa em quase todos os eixos estratégicos do Estado”, diz Francisco Jaime, pró-reitor de graduação da UEPB. “A gente trabalha muito para que essas pesquisas sejam alinhadas com as necessidades estratégicas do Estado: sejam pesquisados os problemas e encontradas soluções”.

O mestrado em química vinha funcionando com 45 estudantes e apenas três deles recebendo bolsa. O edital Capes/Fapesq de 2020 trouxe seis novas bolsas de mestrado, mais uma do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), além de R\$ 64 mil para o custeio das pesquisas. E, em 2021, mais duas de mestrado – uma das quais, a de Elane Salvador.

No recente edital da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB), divulgado semana passada, a destinação das bolsas foi a seguinte: para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 84 bolsas de mestrado, 77 de doutorado e 26 de pós-doutorado; para a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 35 bolsas de mestrado, 34 de doutorado e 12 de pós-doutorado; para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 28 bolsas de mestrado, 18 de doutorado e 6 de pós-doutorado;

para o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), uma bolsa de pós-Doutorado; e para a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), cinco bolsas de pós-doutorado.

Cada bolsa de mestrado receberá R\$ 1.500 mensais, com duração máxima de 24 meses; cada bolsa de doutorado, R\$ 2.200 mensais com duração máxima de 36 meses. E o valor mensal da bolsa de pós-doutorado é de R\$ 4.100, com duração máxima de 12 meses podendo ser renovada por mais 1 ano.

Na semana passada, mais um edital da Fapesq foi divulgado, com aporte de R\$ 20 milhões do Tesouro Estadual



Elane da Silva Salvador é estudante do mestrado em Química na UEPB

Estudo da UEPB pode ajudar na regeneração de ossos e cartilagens

Pesquisas relacionadas ao meio-ambiente, tanto no Semiárido quanto no Litoral, soluções para a agricultura e na área da saúde estão entre os temas dos estudos que o financiamento de bolsas pelo Governo do Estado, através da FapesqPB, podem abordar. É o caso da pesquisa da mestranda da UEPB, Elane Salvador, que procura encontrar meios para ajudar células a se

regenerarem.

“O estudo é focado na parte de ossos e cartilagens”, conta ela. “Ossos e cartilagens possuem um processo de autorregeneração. No entanto, esse processo pode se tornar limitado: com o tempo, com a idade, por causa de algum tipo de patologia. Por esses motivos, pode acontecer um desgaste da cartilagem e dos ossos”.

A pesquisa, então, procura desenvolver um material que “incentive” as células a se regenerarem. Para chegar aí, ela pesquisa materiais conhecidos como coacervados, definidos como um aglomerado de moléculas proteicas envolvidas por água. Os coacervados são conseguidos através de interações entre biopolímeros de cargas opostas. Biopolímeros são com-

postos químicos produzidos a partir da ação de seres vivos ou de matérias-primas de fontes de energia renováveis.

“A interação entre polifosfato e cálcio tem se mostrado promissora para aplicação em medicina regenerativa”, afirma a pesquisadora. “Células-tronco, quando inseridas nesse meio de coacervação, foi observado que há maior proliferação”. O mate-

rial também tem sido biocompatível: isso é importante para não gerar reações ou rejeições.

A pesquisa ainda está em desenvolvimento, mas a expectativa é que esse biomaterial possa induzir células regeneradoras a agirem com mais eficiência. “Ele poderá ‘conduzir’ as células”, conta ela, que pretende seguir com a pesquisa no doutorado.

Bolsas de pós-graduação ajudam a Paraíba a manter pesquisadores

Esse investimento por parte do Governo do Estado surge em um cenário no qual o Governo Federal corta investimentos na pesquisa. “Temos que realçar a importância do Estado no reconhecimento do nosso sistema estadual de pós-graduação”, conta Roberto Germano, presidente da Fapesq. “A aplicação do novo método de distribuição de bolsas pela Capes penalizou alguns programas – sobretudo cursos com conceitos mais baixos, 3 e 4 – trazendo prejuízo, sem dúvida nenhuma, para

o desenvolvimento científico e tecnológico do estado da Paraíba. Dessa forma você praticamente dificulta o acesso dos alunos que não têm como se manter na universidade sem bolsa”.

Para ele, o programa lançado pelo Governo do Estado possui um viés muito claro de fortalecer esses programas que foram penalizados com a nova sistemática de distribuição de bolsas da Capes. “A comunidade reconhece a importância desse apoio insti-

tucional”, afirma. “Mas temos que reconhecer que a grande importância desses editais é a fixação de talentos humanos, talentos jovens, através da bolsa de pós-doutorado. Que tem sido reduzida, tanto pela Capes quanto pelo CNPq”.

As bolsas de pós-doutorado totalizam 50 do total de 326 distribuídas pela FapesqPB através do edital mais recente. “E este montante de bolsas tem um significado muito importante para fixar esses recém-doutores aqui no próprio Estado

da Paraíba, contribuindo com o desenvolvimento científico e tecnológico dessas instituições e dos projetos de pesquisa realizados por esses cursos”, opina.

Ele também chama a atenção para, além de projetos mais gerais, a interação dos programas de pós-graduação com as necessidades do Estado. “Sobretudo em setores que a gente considera estratégicos para o desenvolvimento”, diz Germano. “Como, por exemplo, um foco na requalificação do Centro antigo de João Pessoa,

envolvendo projetos dentro da área de arquitetura, história...”.

Outras abordagens incentivadas dizem respeito a setores produtivos como o da floricultura, caprinocultura – com a questão de leite de cabra e queijos finos. “Além de outros temas importantes, como o desenvolvimento tecnológico para a cachaça”, conta. “São áreas que estão sendo contempladas para que esses programas possam destinar essas bolsas para desenvolver teses com esses focos”.

Separação e reciclagem do lixo: questão de cidadania

Adoção da coleta seletiva preserva o meio ambiente, além de gerar emprego e renda para milhares de pessoas

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

Se o lixo é um dos maiores problemas da humanidade e dos mais debatidos atualmente, o que fazer dele é um grande desafio. Enquanto uns se debruçam nessa questão, outros tantos fazem vista grossa para o problema, que é global, e já está influenciando a vida e a dinâmica do planeta.

Para se ter uma ideia da gravidade, dados divulgados pelo Fundo Mundial para a Natureza, organização não governamental internacional que atua nas áreas da conservação, investigação e recuperação ambiental, apontam que o Brasil produz anualmente 79 milhões de toneladas de resíduos sólidos, sendo o quarto em produção de lixo no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e da Índia. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos (Abrelpe), cada brasileiro produz, em média, 1,1 kg de lixo por dia. Apenas 60% tem destino correto, sendo o restante, que corresponde a quase 24 milhões de toneladas (equivalente a 168 estádios do Maracanã lotados), destinado de maneira inadequada.

E é justamente esse destino inadequado que tanto preocupa. Se é impossível pensar a vida moderna sem a produção de resíduos sólidos, é preciso reaproveitá-los ao máximo para que os impactos sejam minimizados, um trabalho que deve começar dentro de casa.

Bom para todos

Na casa da professora Beatriz Xavier, no bairro do Cristo Redentor, desde 2017, o lixo é armazenado separadamente. "Plástico, vidro, alumínio e papelão, tudo depositado em tambores que, geralmente, são esvaziados uma vez ao mês". Como mora próximo a dois galpões onde os catadores vivem da venda de recicláveis, não há dificuldades em relação à coleta do produto. "Aqui no bairro, os catadores passam com frequência. Muitas vezes, nós até avisamos quando o lixo já está disponível".

Bom para o planeta e também para os catadores, que já pegam tudo separado. "Não precisam ficar abrindo os sacos, procurando. Já tem a praticidade de recolher tudo certinho, bem separado. É bom para todo mundo".

Em um condomínio horizontal, localizado no bairro Jardim Cidade Universitária, um projeto para separação do lixo reciclável foi iniciado há cerca de cinco meses. O processo, que ainda está engatinhando, já tem gerado resultado mesmo ainda com pouca adesão por parte dos moradores. Sandra Lúcia faz parte do conselho do condomínio que reúne cerca de 65 famílias e conta satisfeita sobre o projeto. "Primeiro que o volume de lixo aumentou



muito durante a pandemia com as famílias em casa, e o processo de separação está sendo muito importante nesse momento. A reciclagem acaba diminuindo esse volume, que vai ser descartado, além de colaborar com o meio ambiente".

Lúcia conta que metade das famílias participa do processo, mas

sabe que é questão de tempo. "Esse primeiro momento é também de conscientização, nós vamos, assim que for possível, nos reunir para falar sobre a importância desse tipo de atitude para pessoas".

E tem mais, no condomínio, o resíduo sólido reciclável é vendido e o valor vai

para o caixa. A ideia é que a renda adquirida com o material separado pelos moradores, seja revertida em benefícios para o próprio projeto.

"Já temos R\$ 800 em caixa. O nosso objetivo agora é construir uma casinha para armazenar os tambores da forma correta, para proteger da chuva".

Como separar os resíduos em casa

■ O primeiro passo é separar os materiais orgânicos - de origem animal ou vegetal - dos materiais recicláveis: metal, papel, plástico ou vidro.

■ Em relação ao metal, é possível reciclar lacres e latas de alumínio, painéis sem cabo, arames, parafusos, pregos e outros tipos de ferragens.

■ Já os papéis, de modo geral, são recicláveis. Jornais, revistas, envelopes, cartazes, folhas de caderno, entre outros, desde que estejam limpos. Papel sanitário, papel carbono e etiquetas adesivas não podem ser reciclados.

■ Na categoria plástico, reaproveitam-se sacos e sacolas, garrafas pet, tampinhas, potes e embalagens, canos e tubos de PVC.

■ Vidros podem ser reciclados, mas há exceções. Não é possível reciclar lâmpadas, espelhos, tubos de TV, óculos e boxes temperados.

■ Seja para reciclar ou descartar é sempre importante embrulhar os itens cortantes em papel grosso para evitar acidentes com os coletores de lixo.

■ A orientação é que os materiais recicláveis sólidos sejam separados por grupos para facilitar a triagem por parte dos catadores.

■ A Emlur orienta para os que se valem da coleta seletiva que disponibilizem o material reciclável apenas no dia da coleta específica para que o produto não seja recolhido pelo caminhão compactador da empresa.

+ Trabalho associativo

No primeiro semestre de 2021, foram recolhidas em João Pessoa quase 700 toneladas de material reciclável. O volume é pouco expressivo se comparado às 130 mil toneladas de resíduos residenciais recolhidos no mesmo período. Os dados são da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), que informou já haver um projeto de reformulação e expansão da coleta seletiva na capital, ainda sem prazos.

No momento, a autarquia atua junto a cinco associações e, segundo o órgão, é oferecido suporte logístico com estrutura de galpões e alimentação diária para os associados, triciclos e caminhões para coleta de materiais, além de equipamentos como prensa, balança e fardamento. Em João Pessoa, a coleta seletiva acontece nos bairros de Altiplano, Bairro dos Estados, Bairro dos Ipês, Bessa, Cabo Branco, Conjunto Verde Mar, Condomínio Ipês I e II, Epitácio Pessoa, Manaíra, Miramar, Parte de Mandacaru, Pedro Gondim, Tambaú, 13 de Maio, Mangabeira, Bancários, Cidade Universitária, Anatólia, Jardim São Paulo, Água Fria, Castelo Branco e José Américo.

Os resíduos não selecionados, recolhidos pelos caminhões compactadores da Emlur, são destinados ao aterro sanitário metropolitano, no bairro de Mussurê, próximo ao Distrito Industrial, onde são separados. O que pode ser reaproveitado é destinado às cooperativas. A autarquia informou ainda que o material que chega através do projeto Cata-Treco - em que a população solicita a remoção de objetos da residência gratuitamente - que pode ser reciclado também é destinado aos galpões. Geralmente, são sofás, camas, mesas e outros materiais de difícil transporte.

Renda e consciência ecológica

Uma das associações responsáveis pelo recolhimento de resíduos sólidos recicláveis é a Associação dos Catadores de Reciclagem de João Pessoa (Ascare-JP), criada em 2011, onde trabalham 23 famílias. A cooperativa, localizada no bairro do Bessa, atua na orla da capital. Do Bessa ao Cabo Branco, o trabalho de recolhimento do lixo reciclável rende por mês cerca de 72 toneladas, que geram uma renda mensal que gira em torno de R\$ 1,2 mil por família.

O representante legal da Arcare-JP, Kelson Galdino, conta que a coleta acontece de segunda a sábado e que, apesar do volume de resíduos ter aumentado durante a pandemia, ainda está longe do ideal. "É de fato uma minoria que faz essa separação e o que a gente percebe é que são pessoas que vieram de outros estados para morar em João Pessoa e trouxeram esse hábito".

Galdino conta que o recolhimento dos produtos é feito através de bicicletas e carrinhos de tração humana, além de caminhões - são dois na cooperativa. "Podemos atender outros bairros, desde que tenha a quantidade mínima de 300 quilogramas de produto".

Ele explica que, depois de recolhido, o material passa por triagem e compactação para, em seguida, ser comercializado. "É essencial que haja educação, que as pessoas entendam que estão beneficiando toda uma cadeia que faz parte da economia sustentável e que passa pelo cuidado com o meio ambiente".

Da consciência para a ação, a ideia é que, conforme vá aumentando o número de pessoas dispostas a separar os resíduos sólidos recicláveis, maior e mais eficiente se torne o serviço de recolhimento, hoje realizado por cooperativas. "As pessoas precisam ter esse entendimento de que todos ganham com a cadeia produtiva da reciclagem".



Foto: Instagram/Sousa

Foto: Reprodução/TVTorcedor

Público nos estádios



CONTAGEM REGRESSIVA

Secretários Municipais de Saúde e Esporte buscam a viabilidade da flexibilização para o retorno do torcedor às praças esportivas

Enquanto João Pessoa e Campina Grande querem flexibilizar, Estado recomenda cautela em função da variante Delta, que já circula na PB

Ana Flávia Nóbrega

anafavia@epc.pb.gov.br

Sem contar com a presença de público desde o dia 15 de março de 2020, as cidades de João Pessoa e Campina Grande prepararam protocolos para tentar flexibilizar o retorno de torcedores aos estádios paraibanos na segunda quinzena de setembro. Essa, pelo menos, é a projeção dos secretários de saúde e esporte de João Pessoa e Campina Grande, municípios com equipes já praticamente garantidas nas fases seguintes do Campeonato Brasileiro das Séries C e D e Pré-Copa do Nordeste e amistosos preparatórios da Seleção Brasileira de Futebol Feminino anteriormente agendados.

Os jogos foram confirmados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pela Federação Paraibana de Futebol (FPF), previstos para os dias 18 e 21 deste mês. Mesmo com a organização, o governador João Azevêdo descartou a

Foto: Roberto Guedes



“Se for viável, criar um protocolo sanitário para servir de protótipo para outros eventos nacionais. Tenho, para mim, que seria muito útil. A gente tem que encarar a realidade”

Fábio Rocha
secretário de Saúde

presença de público para os jogos agendados da Seleção Brasileira contra a Argentina, marcados para 18 e 21 de setembro. Na última quinta-feira, o veto foi confirmado pelo chefe do Executivo. E, ainda, a Associação de Futebol Argentino (AFA) declarou, em nota, o cancelamento da presença do time na Paraíba. Até o fechamento desta edição, a CBF não confirmou o cancelamento das partidas ou substituição de adversário.

A partir da divulgação das datas, os secretários municipais de Saúde e Esporte dos dois municípios buscam a viabilidade da flexibilização pelo retorno dos torcedores para as praças esportivas.

Em João Pessoa, o secretário de Saúde Fábio Rocha afirmou ao JPB 1ª edição, da TV Cabo Branco, que pretendia lutar pela flexibilização de público no primeiro jogo da seleção feminina, no dia 18 de setembro, no Estádio Almeidão.

A intenção do gestor, seria utilizar o evento como teste para outros de maior porte na cidade. Um protocolo sanitário que possa garantir segurança está sendo desenvolvido pela Secretaria Municipal de Saúde, mesmo após a confirmação dos casos da variante Delta na Paraíba.

“Se for viável, criar um protocolo sanitário para servir de protótipo para outros eventos nacionais. Tenho, para mim, que seria muito útil. A gente tem que encarar a realidade, vamos fazer a experiência. Ou seja, só entra vacinado, com máscara e apresentando o cartão de vacinação. Vou defender isso [presença de público nos estádios] com unhas e dentes”, afirmou o secretário de Saúde.

Através da assessoria de imprensa da Secretaria de Esportes da capital, a questão ainda será discutida entre os responsáveis.

A Prefeitura Municipal da cidade, no entanto, sinalizou um caminho aberto para pensar a flexibilização. Na última quarta-feira, foi publicado um novo decreto com um conjunto de medidas de enfrentamento e prevenção à pandemia de covid-19, abrindo caminho para a realização de eventos esportivos e sociais.

Nos próximos dias serão emitidas notas técnicas sanitárias para reger a realização destes eventos, em virtude da avaliação de que os índices de novos casos confirmados e de ocupação de leitos na rede hospitalar atingiram níveis moderados. De acordo com o prefeito Cícero Lucena, a esperada normatização para a realização de eventos esportivos e sociais será anunciada nos próximos dias. “A Secretaria de Saúde do Município, por meio da Vigilância Sanitária, está elaborando notas técnicas sanitárias com protocolos adequados para o funcionamento desses eventos esportivos e sociais com a presença de público”, informou.

Além do primeiro jogo preparatório da seleção brasileira marcado para o dia 18, a cidade possui ainda o Botafogo-PB que vive um bom momento na Série C do Campeonato Brasileiro, com projeção de brigar pelo acesso. Além de calendário na pré-Copa do Nordeste, marcado para outubro. Caso haja liberação após o período de vigência do decreto estadual, o Belo teria ainda dois jogos da fase classificatória da terceira divisão para cumprir, sendo dia 19 de setembro, o único dentro de seus domínios, no Almeidão.

Já em Campina Grande, o secretário Cleudson Rodrigues (Dinho) afirmou que o decreto em vigência ainda não possibilita a retomada do público ao estádio, mas buscará a flexibilização que possibilite a retomada

Foto: Roberto Guedes



“ [A liberação] não é recomendável em função da circulação da variante Delta e vamos levar isso para a consideração da Procuradoria Geral do Estado”

Geraldo Medeiros
secretário de Estado da Saúde

e beneficie os clubes profissionais da cidade que ainda possuem agenda para o ano, bem como os clubes amadores.

Em entrevista ao Jornal **A União**, o secretário de Esportes informou que tanto o prefeito da cidade, Bruno Cunha Lima, quanto o secretário de Saúde, Felipe Reul, já tomaram conhecimento sobre a intenção de flexibilização para a segunda quinzena de setembro. Uma reunião entre os gestores e membros do corpo técnico da tomada de decisões a respeito da covid-19 será realizada assim que o prefeito encerrar a agenda política que cumpre no Estado do Rio de Janeiro.

“A minha intenção já é muito clara, é a de flexibilizar para beneficiar também os clubes profissionais de Campina Grande e os amadores. Vamos estudar essa possibilidade, mas infelizmente barramos no decreto estadual até o dia 15. Assim que Bruno [Cunha Lima] chegar, teremos uma reu-

não para pensar e articular a situação”, declarou Dinho.

O presidente do Campinense Clube, Phelipe Cordeiro, mantém as esperanças de que os torcedores possam voltar para as arquibancadas do Estádio Amigão nas partidas de mata-mata do rubro-negro pela quarta divisão do Campeonato Brasileiro.

“Esperamos que a gente possa contar com a torcida, principalmente pelo lado financeiro, para que ele [o torcedor] possa ajudar no suporte que o clube tanto necessita. Já tivemos um ano de dificuldades. E mais importante ainda é o fator da torcida em si, a gente quer poder contar com a vibração com essa presença em campo, algo que faz mais de um ano que a gente não tem, então a gente precisa que o torcedor vista a camisa do Campinense para incentivar o clube nesse mata-mata que é tão importante”, comentou o mandatário da Raposa.

A segurança dos gestores

Foto: Samir Oliveira/Oliveira



“ Esperamos que a gente possa contar com a torcida tanto pelo lado financeiro, para que ele [o torcedor] possa ajudar no suporte financeiro que o clube tanto necessita.”

Phelipe Cordeiro
presidente do Campinense

res está ancorada no avanço da vacinação contra a doença no Estado. Em João Pessoa, 88,63% da população se encontra imunizada com pelo menos um imunizante e 44,22% de pessoas que encerraram o ciclo vacinal, total equivalente a 273.840 pessoas. Já na Rainha da Borborema, cerca 105.834 campinenses estão com o esquema vacinal completo.

O posicionamento das autoridades de saúde do Governo do Estado, no entanto, são contrárias ao entendimento dos gestores municipais. Segundo Geraldo Medeiros, secretário de Estado da Saúde, a medida não é recomendável.

“ [A liberação] não é recomendável em função da circulação da variante Delta e vamos levar isso para a consideração da Procuradoria-Geral do Estado”, ressaltou o secretário.

Na última terça-feira, a Paraíba confirmou o primeiro óbito, 25 casos e a transmissão comunitária da variante Delta. De origem indiana, a variante é considerada mais transmissível e mais letal.

No atual decreto estadual, em vigência até 15 de setembro, as praças esportivas geridas pelo Governo do Estado, como o Almeidão e Amigão, não estão liberadas para jogos com público. O decreto, levando em consideração a indicação da Secretaria de Estado da Saúde e do governador João Azevêdo, poderá ser renovado.

Nas próximas semanas, Valberto Lira, coordenador da Comissão Permanente Nacional de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios, se reunirá com representantes da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária e Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Paraíba, para avaliar a possível possibilidade de presença de público nas praças esportivas.

Passaporte digital da vacina e pulseiras eletrônicas podem ajudar os clubes na liberação gradativa do torcedor nos estádios



Foto: Divulgação/Panoramas

Empresas oferecem tecnologia para ajudar retorno do torcedor

Volta do público aos estádios vem gerando grande polêmica pelo país; criação do "passaporte digital" está em estudo

João Prata
Agência Estado

O retorno do público aos estádios tem gerado discussões e muita polêmica entre clubes, dirigentes e especialistas em saúde. O debate também atraiu empresas que estão tentando oferecer soluções tecnológicas para tornar a volta da torcida mais segura, como a criação de um passaporte digital da vacina e pulseiras eletrônicas que permitem pagamento e evitam o uso de dinheiro e cartões.

A Mooh!Tech, do brasileiro Everton Cruz, desenvolveu um software que permite às pessoas registrar testes de covid-19 e também incluir as doses da vacinação no aplicativo, que já é utilizado em diversos países europeus e, no Brasil, também está pronto para ser implementado nos estádios de futebol.

"Temos de saber usar a tecnologia como facilitador. Estamos debruçados no desenvolvimento desse software desde 2013. Agora, com a pandemia, a intenção é ajudar a manter os cuidados e criar bolhas seguras", diz Cruz.

Everton Cruz nasceu no interior da Bahia, mas vive desde os 13 anos em Paris, na França. Foi ainda adolescente para a Europa a fim de trabalhar como modelo e por lá permaneceu. Estudou ciências aeronáuticas e análise de sistemas. Trabalhou por anos na Microsoft até que teve a iniciativa de criar uma startup de soluções tecnológicas.

Sua primeira grande ideia demorou a sair do papel. Ele queria desenvolver em 2013 somente uma carteira de vacinação on-line que facilitasse a entrada de estrangeiros em países que exigem determinadas vacinas. Mas interrompeu a ideia por falta de investimento e nesse meio tempo criou

um sistema de segurança comercializado para polícia de Los Angeles e Lisboa e utilizado até pela CBF para monitorar as brigas entre torcedores.

Na pandemia, a ideia inicial ganhou novo contexto. A mulher, médica, ajudou na elaboração. Os testes iniciais foram feitos no Vietnã e cidades ao sul da França na reabertura do comércio depois de a covid-19 estar mais controlada. No Brasil, ele já tem o software vinculado ao Ministério da Saúde e homologado em todas as farmácias do país.

A carteira de vacinação digital permite que usuários e profissionais de saúde façam acompanhamento da imunização. A pessoa pode baixar o aplicativo, se cadastrar e, assim que receber a vacina, a dose é registrada automaticamente no app pelas Secretarias de Saúde. Com a carteira, é possível consultar o tipo de vacina aplicada, o lote de fabricação e a data em que a dose foi tomada.

A Federação Pernambucana e a Federação Cearense começaram a testar o passaporte de vacina para acesso dos torcedores aos estádios. Sport, Náutico, Ceará e Fortaleza também devem adotar a plataforma. Cruz disse que tem conversado com outras federações de futebol e também com a CBF. Faltam detalhes dessas instituições de quais critérios serão adotados.

Com o cadastro da Carteira de Vacinação Digital é provável que o torcedor faça check-in e adquira ingresso para a partida sem precisar apresentar nenhum outro tipo de documento sanitário para acesso ao estádio.

Pulseira eletrônica

- A Heatmap é uma empresa de marketing esportivo que está tentando implemen-

tar no futebol uma tecnologia desenvolvida pela empresa de tecnologia Meep, que desenvolve soluções para meios de pagamento.

O sistema já funciona no Estádio do Mineirão, na cafeteria da Arena MRV e no Allianz Parque, na parte de restaurante e eventos. Ela pode ser usada como cartão ou pulseira eletrônica, onde o torcedor carrega como um celular pré-pago e usa para fazer pagamentos sem ter de colocar senha ou sem usar dinheiro. Só por aproximação. Assim, evita o contato mais próximo com terceiros.

É deles a tecnologia da pulseira eletrônica de Fernando de Noronha, que gerou polêmica quando foi sugerida cores diferentes para diferenciar quanto cada um havia carregado financeiramente. A tecnologia permite também ao clube ou administrador do estádio monitorar os dados do seu cliente.

"Por exemplo, o clube pode monitorar que um torcedor toma cerveja sem álcool no bar, costuma ir aos jogos, mas ainda não está cadastrado como sócio-torcedor. De olho nisso, é possível oferecer vantagens para que ele seja sócio ou no dia do seu aniversário presenteá-lo com uma cerveja sem álcool no clube", exemplifica Renê Salviano, CEO da Heatmap.

A solução permite ao clube usar a tecnologia em qualquer estabelecimento. Segundo Salviano, a implementação de todo processo é rápida, demora entre 15 e 30 dias. "Houve aumento da demanda em 50% por causa no último ano. Na pandemia tem sido uma solução para evitar filas, aglomerações e para também que o clube conheça melhor o perfil do torcedor e a partir daí possa melhorar seus produtos."

Museu do Futebol ajuda os idosos com encontros virtuais

Gonçalo Junior
Agência Estado

Capaz de "declamar" a escalação do São Paulo de 1948 e, em seguida, comentar as últimas goleadas do Flamengo de Renato Gaúcho, o professor aposentado Delpino Veríssimo, de 84 anos, espera ansioso pelos encontros do projeto "Revivendo memórias", do Museu do Futebol.

Nas reuniões virtuais, ele ouve as histórias de ex-jogadores, troca figurinhas com pessoas de sua idade - o projeto é voltado para quem tem mais de 60 anos - e remexe nas suas próprias lembranças, sobre o futebol e a vida. É uma volta ao passado que ajuda a viver melhor no presente.

Idealizado para ajudar no tratamento de Alzheimer a partir de uma parceria com o Hospital das Clínicas, o projeto cresceu durante a pandemia, passou a ser mais digital e inclusivo, integrando idosos sem a doença, como Delpino. Quase todos os participantes formam um público fiel do projeto, que sempre pergunta sobre o encontro seguinte.

Nas reuniões virtuais, os profissionais do Núcleo Educativo do Museu usam reflexões, desafios lúdicos, conversas, jogos, atividades, contação de história e até exercícios físicos. O futebol é o carro-chefe, mas as conversas também giram em torno de música, literatura e atualidades. Tudo isso para ativar as memórias afetivas relacionadas aos acervos do museu.

"Como eu sei que minha mulher não gosta muito de futebol, eu coloquei na inscrição que nossa área de interesse eram assuntos diversos", diz o professor, casado com Etty Veríssimo da Costa. "Assim, ela também participa."

No mês passado, o programa teve um convidado especial: o ex-lateral Zé Maria, tricampeão mundial em 1970 com a seleção brasileira e tetracampeão pelo Corinthians. Essa edição foi marcante para o corinthiano Ruy Sérgio de Carvalho Silva, de 60 anos. Na várzea dos anos 1970, ele escolheu ser lateral-direito por causa do Super-Zé. Além disso, os dois - torcedor e ídolo - compartilharam as lembranças de um churrasco na Zona Norte em 1978. "Nós fomos em um Opala branco do Jairo. Eu contei para o Zé Maria e ele se lembrou. Foi emocionante", diz o analista de Data Center, referindo-se ao goleiro corinthiano falecido em 2019.

O ex-jogador Edmilson Machado da Silva, o Edmilson Pombinho, também participou do encontro com Zé Ma-

ria. Depois de construir uma carreira de sucesso de 1964 a 1980, em clubes como Botafogo, Paysandu e Bahia, o ex-lateral atua como coordenador de Esportes da prefeitura de Salvador. "No Brasil, a gente esquece da história, mas o Museu de Futebol luta contra esse esquecimento. Isso me gratifica muito", diz o ex-atleta, hoje com 69 anos.

Durante a pandemia, o programa mudou. A forma presencial foi substituída por atendimentos remotos, por telefone e videochamada. Com isso, ele ajuda a driblar a solidão, os medos e a ansiedade de um público ainda afastado para evitar a contaminação pelo novo coronavírus. "Os objetivos são minimizar o isolamento social, pela pandemia ou pela exclusão social, resgatar histórias de vida por meio da memória afetiva, ampliar a autoestima, dar protagonismo aos participantes e promover a inclusão social e digital desse perfil de público", afirma Ialê Cardoso, coordenadora do Núcleo Educativo do Museu do Futebol.

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



O ex-lateral tricampeão Zé Maria numa das homenagens feitas pela CBF

Botafogo busca reabilitação após três jogos sem vitória

Belo enfrenta o Tombense com o objetivo de encaminhar a classificação para a segunda fase do Brasileiro da Série C

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Sem vencer há três jogos dentro da Série C, o Botafogo terá, mais uma vez, jogando em seus domínios a oportunidade de encontrar o caminho das vitórias e retomar uma sequência positiva dentro da competição. Mesmo com esse intervalo sem vencer, o representante paraibano na terceira divisão segue no G4 da competição e depende apenas de suas próprias forças para avançar à próxima fase da disputa nacional e, assim, seguir firme em busca do acesso para a Série B. Para tal, a caminhada nas últimas quatro rodadas da primeira fase começa, hoje, às 20h no Estádio Almeidão, onde o time da estrela vermelha receberá o Tombense-MG, pela 15ª rodada da competição.

No último encontro entre o time paraibano e a equipe da cidade de Tombos, em Minas Gerais, vitória dos mineiros, por 2 a 0, em uma partida onde Rhuan, goleiro botafoguense, acabou falhando nos dois gols marcados pelo Tombense. Agora, jogando em João Pessoa, o Botafogo espera conquistar a revanche e somar três pontos que podem ser decisivos para as pretensões da equipe em buscar o acesso para a Série B.

Com 21 pontos somados, o Belo está na terceira colocação, um ponto atrás, justamente, do adversário de hoje e, em caso de vitória, a equipe poderá reassumir a liderança da chave. Por outro lado, com apenas um ponto de vantagem em relação ao 5º colocado, o Ferroviário do Ceará, primeiro time fora do G4, em caso de uma derrota ou até mesmo um empate, o Belo pode acabar a rodada

fora do grupo de classificação para a próxima fase.

Para Sávio, lateral botafoguense que vem sendo um dos destaques da equipe nesse Série C, o time da estrela vermelha precisa agora focar em retomar o nível de exibição que marcou a equipe nas seis rodadas em que o clube conseguiu se estabelecer invicto na disputa - sequência obtida entre a sexta e a décima segunda rodada. Para o jogador que vem atuando como ala no esquema da equipe - estabelecido pelo técnico Gerson Gusmão com uma linha de três zagueiros, esse é o momento do time paraibano entregar o seu melhor dentro de campo para sacramentar a classificação do Belo para a próxima fase da terceira divisão nacional.

"Eu acredito que nos últimos jogos, especialmente na partida contra o Floresta, acredito que os adversários estudaram bem a nossa maneira de jogar e conseguiram nos anular, principalmente na primeira etapa. Além disso, estamos na reta final do campeonato, onde as equipes passam a não se expor tanto e jogando na nossa casa, vemos os adversários muito fechados, vindo jogar, muitas vezes, por uma bola. Mas agora, nesses últimos quatro jogos, a gente precisa buscar impor o nosso ritmo, pois assim, tenho certeza que vamos conseguir conquistar essa classificação. Para esse jogo contra o Tombense, sabemos que será um confronto direto e um jogo muito difícil, pois eles têm uma equipe muito qualificada, mas o importante é que volte a imprimir o ritmo forte que vínhamos demonstrando dentro de casa, marcar forte e jogar quando tivermos a bola, fazendo isso, tenho certeza que vamos conquistar essa vitória", afirmou Sávio.

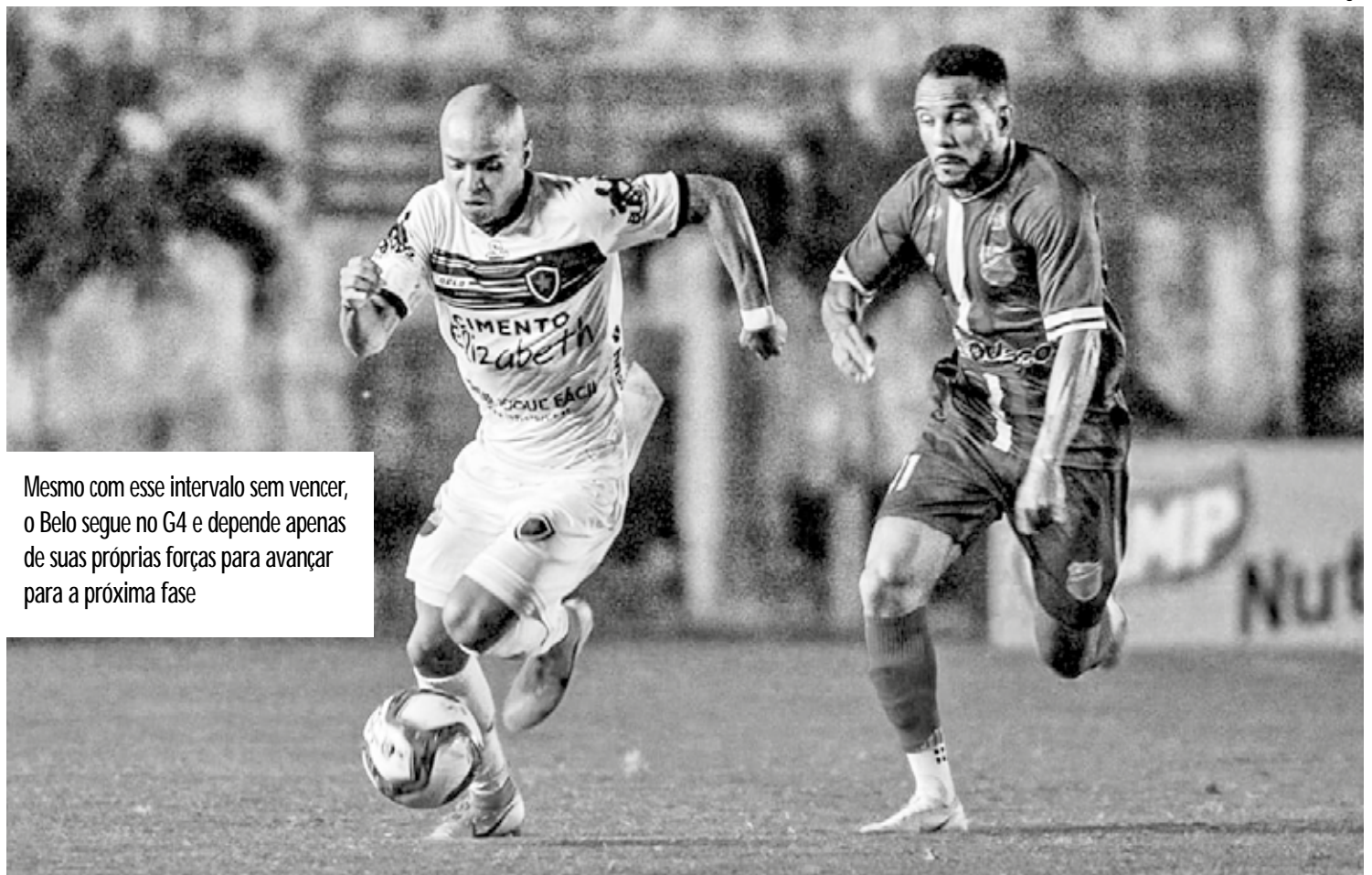


Foto: Guilherme Drovos/Botafogo

Mesmo com esse intervalo sem vencer, o Belo segue no G4 e depende apenas de suas próprias forças para avançar para a próxima fase

+ Sousa joga sua última cartada contra o Atlético

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Com três times paraibanos disputando a edição de 2021 do Campeonato Brasileiro da Série D - Campinense, Sousa e Treze, todos eles, dentro da mesma chave, o Grupo 3 da quarta divisão nacional - cada um deles chega para a rodada final da primeira fase da disputa com pretensões diferentes. Já classificada, a Raposa, que joga contra o Caucaia, busca tomar a segunda colocação que hoje é do América de Natal. O Sousa joga a vida em um confronto direto contra o Atlético Cearense precisando vencer para avançar de fase. Enquanto que o Treze, já sem chances de classificação, cumpre tabela, diante do líder da chave, o ABC, encerrando de forma melancólica uma tempo-

rada terrível para o clube. Todos os jogos serão às 15h, de hoje.

Já classificado para a próxima fase, o Campinense terá seu último compromisso na primeira fase da competição diante da frágil equipe do Caucaia, time que está na lanterna do Grupo 3. Nesse momento, o rubro-negro de Campina Grande encontra-se na terceira colocação da chave, empatado em número de pontos, vitórias e saldo de gols com o América de Natal, time que está na segunda colocação por ter um maior número de gols marcados na disputa e enfrenta o Central de Caruaru, penúltimo na tabela. Com isso, a Raposa chega na última rodada precisando vencer e fazer saldo para torcer por um tropeço do time potiguar e assumir a vice-liderança, colocação que lhe garantirá a vantagem de decidir em

casa, o primeiro mata-mata na fase seguinte.

No caso do Sousa, a matemática é ainda mais simples, na quinta colocação da chave, onde os quatro primeiros avançam para a próxima fase, o Dinossauro, após surpreender na rodada passada e vencer o ABC, dentro de seus domínios por 2 a 0, precisa, agora, de uma vitória simples para avançar de fase. O problema, é que o adversário joga dentro de seu campo e tendo a vantagem de se classificar, já que o Atlético Cearense é hoje o quarto colocado e soma dois pontos a mais do que o time do Sertão da Paraíba, hoje, com 16 na tabela. Por fim, já eliminado, após um empate na rodada passada com o Atlético Cearense, o Treze faz hoje a sua despedida da Série D, diante do ABC, jogo programado para o Estádio Frasqueira, na cidade de Natal.

Eliminatórias

Brasil enfrenta a Argentina hoje em São Paulo

Foto: Lucas Figueiredo/CBF

O Brasil tenta emplacar, hoje, oitava vitória consecutiva, pelas Eliminatórias da Copa de 2022 e diante do seu mais ferrenho rival, a Argentina, em jogo às 16 horas na Arena Neo Química, em São Paulo. O jogo chega a ter caráter revanche, uma vez que os argentinos se sagraram campeões da Copa América, no Brasil, em julho, derrotando o time brasileiro por 1 a 0, no Maracanã, no primeiro título de Lionel Messi pela Argentina.

Na última quinta-feira, as duas seleções saíram vencedoras na rodada. Se o Brasil derrotou o Chile por 1 a 0, a Argentina levou a melhor sobre a Venezuela, também atuando fora de seus domínios por 3 a 1. A rodada de hoje ainda terá os confrontos Equador x Chile, às 18h, em Casablanca; Uruguai x Bolívia, às 19h, no Campión Del Siglo; Paraguai x Colômbia, às 19h, no Defensores Del Chaco; e Peru x Venezuela, às 22h, no Nacional de Lima.



Seleção brasileira tem 100% de aproveitamento nas Eliminatórias para a Copa de 2022 e só levou dois gols em sete jogos



4º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA

agora é com você:
qual a música mais
popular?

fase final | 10 de set

vote e participe: festivaldemusica.pb.gov.br

acompanhe pelas redes sociais da FUNESC e da Rádio Tabajara 105.5 FM



radio tabajara



tvfunesc

festivaldemusica.pb.gov.br



homenageando Genival Macêdo

VOTE AQUI



APOIO



REALIZAÇÃO



FUNESC



Somos todos
PARAÍBA
Governo do Estado



Ilustração: Tônio



Foto: Reprodução



Ilustração: Tônio

O quadro 'Independência ou Morte', que ficou mais conhecido como 'O Grito do Ipiranga', em nada corresponde à realidade do futuro imperador, que andava, à época, numa "humilde" mula

O glamour do simples

Pintor paraibano Pedro Américo considerou

cena da Independência do Brasil "muito pobre" e a retratou de forma monumental e grandiosa

Lucilene Meireles

lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Num primeiro olhar, o famoso quadro 'O Grito do Ipiranga', do pintor paraibano Pedro Américo, retrata o momento em que Dom Pedro I proclama a independência do Brasil em relação à Coroa de Portugal. Na cena, sobre um belo cavalo puro-sangue, empunhando sua espada com a elegância de um lorde, o imperador declara que, a partir de então, o dia 7 de setembro de 1822 passaria a ser um marco na história do Brasil. De fato, se tornou, e esse capítulo todo mundo conhece, mas o que muitos não sabem é que nem tudo que está representado na pintura traduz o cenário real.

Na análise do presidente da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), Thélío Farias – que ocupa a cadeira de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, no Instituto Histórico e Geográfico de Areia (IHGA), terra do pintor –, Pedro Américo estudou com afinco a cena antes de traçar a obra hoje exposta no Museu do Ipiranga, em São Paulo. Buscou inspiração onde tudo aconteceu, foi até as margens do riacho do Ipiranga, em São Paulo, entrevistou testemunhas, como o coronel Antônio Leite Pereira da Gama Lobo e o capitão-mor Marcondes de Oliveira Melo, leu cartas, artigos, escritos. Teve acesso a capacetes e às fardas da guarda de Dom Pedro I. "Mas, por considerar a realidade muito pobre, pretendeu – e conseguiu – 'civilizar' a cena da independência do Brasil, dando-lhe o aspecto monumental e grandioso", constatou.

Transformar o cenário e até mesmo as vestes dos soldados e do próprio Dom Pedro I foram uma forma que o paraibano encontrou de emprestar "glamour" ao ato de nascimento do Brasil independente. "As historiadoras Lília Moritz Scharcz e Heloísa Starling afirmam que 'em nome da pátria, Américo assassinou a geografia' e dizem mais que, na tela 'nada corresponde à realidade: as vestes de Pedro I e da corte, a quantidade de gente, o Riacho do Ipiranga – devidamente aproximada –, e até a colina mais elevada", comentou Thélío Farias.

"A cena real é pobre, com o futuro imperador com dor de barriga, montado não em um cavalo alazão e sim numa simples mula, sem nenhum charme, que era a forma segura de subir a Serra do Mar numa época de caminhos íngremes, enlameados e esburacados", comentou. Conforme observou Thélío, a pobreza marcava as roupas e os rostos da comitiva do príncipe. "Pedro Américo considerou que retratar a verdade seria um desserviço ao Brasil. No imaginário do artista, e na vontade do próprio Império – que tentava conseguir uma sobrevida no imaginário nacional –, o quadro teria que ser grandioso, como o novo país que nascia", acrescentou.

"Imagine se a o quadro mostrasse o imperador se aliviando de uma diarreia e gritando ali mesmo a frase histórica para dois ou três amigos mal vestidos e montados em mulas. Que efeito esta obra traria? Certamente pouco se encaixaria como instrumento didático de educação pública e afirmação da nação", destacou Vanderley de Brito, historiador, arqueólogo e presidente do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG). Portanto, segundo ele, a visão teatral imaginada pelo artista, usando belíssimos cavalos em vez de mulas, uniformes elegantes e o personagem central em ato heroico e num casaco cheio de enfeites, em termos de composição, coaduna muito mais com o ato de proclamar a independência do Brasil de Portugal.

+ Artista não se importou com as críticas

No vernissage do quadro, em Florença, com a presença de Dom Pedro II, da Rainha Vitória e de dezenas de príncipes, reis e autoridades, o quadro foi aplaudido e reverenciado, enquanto que no Brasil as críticas foram severas pelo descompasso entre a realidade e a imagem pictórica pintada sessenta anos depois da Independência do Brasil. As críticas, porém, não abalaram Pedro Américo, que teria dito: "A realidade inspira, mas não escraviza o artista".

O areense, propositalmente, colocou Dom Pedro em posição compatível com a grandeza do evento histórico e com a importância do ato da independência: "O augusto moço não poderia ser representado com traços de quem sofria as incômodas cólicas de uma diarreia", teria dito o pintor. O mal estar foi o motivo da parada da comitiva às margens do Ipiranga.

No quadro 'Independência ou Morte' – nome oficial da tela que ficou conhecida como 'O Grito do Ipiranga', Pedro Américo tenta passar a mensagem de uma independência sem conflitos, feita na paz e negociada amigavelmente com Portugal, o que também não reflete a verdade. Mas a cena "americista", de acordo com Thélío, atendia ao objetivo do projeto nacionalista do Império e, numa época sem televisão, cinema e internet, a iconografia era de suma importância para influenciar o imaginário da nação e do seu povo.

O quadro de Pedro Américo, em grandioso tamanho, pretendeu enaltecer o príncipe Pedro I, colocando-o numa ação heroica, em ato de bravura, mas, ao mesmo tempo, numa atitude que recebeu a concordância da população, que aprovou a independência de forma pacífica e ordeira.

Os elementos ufanistas e pedagógicos da obra tornaram a arte do pintor tão impactante que se integrou ao imaginário social, histórico e popular

Foto: Arquivo Pessoal



Vanderley de Brito é presidente do Instituto Histórico de CG

da proclamação da independência brasileira em 1822. Todo brasileiro, ao pensar na independência, recorda a imagem do quadro de Pedro Américo, que já ilustrou a moeda circulante, livros escolares, cartão telefônico, inúmeras publicidades, abertura de novelas, placas, camisetas, filmes e seriados. "Com sua pintura histórica monumental, ousou afirmar que Pedro Américo criou a certidão de batismo do Brasil independente", comentou Thélío.

Foto: Wikipédia



Um pintor de história deve restaurar com a linguagem da arte um acontecimento que não presenciou e que todos desejam contemplar revestido dos esplendores da imortalidade

Pedro Américo

mais bonito, mais genérico". Monteiro Lobato, por sua vez, observando a tela, afirmou que "raras vezes a arte da pintura atinge tamanho vértice", listou.

No livro, Thélío Farias analisa a vida e obra do paraibano e também seus múltiplos talentos, não só de pintor, mas de escritor, cientista, caricaturista, ecologista, arquiteto, poeta, político, parlamentar, orador, entre outros. O livro deve ser publicado no final deste ano ou início de 2022, ano do bicentenário da independência.

Foto: Arquivo Pessoal



Thélío Farias é presidente da Academia de Letras de CG

Quadro encomendado

Pouca gente sabe, mas foi o próprio Pedro Américo quem sugeriu e se ofereceu para fazer o quadro num prazo de três anos. A proposta foi aceita pelo governo imperial que, naquele momento, sofria enfraquecimento frente às ideias republicanas. A intenção do pintor era se consagrar como autor de um quadro mostrando um momento decisivo da história da nação. Havia também interesse econômico, já que a encomenda foi feita por 36 contos de réis.

Sendo um pedido oficial, que teria como objetivo uma lição cívica e como personagem principal o pai do imperador em exercício, Vanderley de Brito afirmou que a obra não foi executada para traduzir o sentimento de uma nação, mas para atender a uma necessidade publicitária do governo imperial. Pedro Américo teve a missão de valorizar o evento e melhorar a imagem de Dom Pedro I para que inspirasse coragem e patriotismo aos brasileiros. "Portanto, ressaltar a relevância do evento e lhe dar suntuosidade era imprescindível", disse.

O quadro foi pintado em Florença, na Itália, e concluído em 1888, um ano antes do prazo, sendo aclamado como uma grande obra. As críticas vieram com a República, regime contrário à Monarquia.

"Mas devemos ressaltar que a obra de Pedro Américo é uma iconografia que busca estreitar as relações entre arte e poder político. Além disso, o quadro não tinha como ser historicamente fiel ao momento, pois foi pintado sessenta anos depois do evento", pontuou. As críticas à obra estão mais relacionadas às alegorias das vestimentas e montarias que, de fato, fogem à perspectiva do lugar e do momento. Conforme Thélío Farias, ele utilizou o que os artistas denominam de "licença artística", ou seja, a liberdade que o artista tem para sua interpretação do episódio e adicionar elementos imaginativos em função da estética e do simbolismo.

Para criar uma identidade e comungar dos mesmos valores de países europeus, a famosa pintura em óleo sobre tela obedece aos padrões do estilo da pintura histórica, inaugurado pelo pintor Jacques Louis David, que retratou episódios da Revolução Francesa no contexto napoleônico, e até tem notáveis comparativos com outras obras do estilo produzidas por diferentes artistas.

Portanto, de acordo com Vanderley de Brito, trata-se de uma tendência artística da época e, de forma mais abrangente, trabalhos como a pintura do teto da Capela Sistina, de Michelangelo, também podem ser enquadrados nos estilos de pinturas históricas, mas, de modo geral, todas remontam períodos anteriores à contemporaneidade e, por isso, enfrentam problemas de fidelidade à realidade do fato. Ele disse ainda que Pedro Américo, além de ter encaixado sua obra na tendência do momento, precisava carregá-la da necessária expressividade nacionalista, enobrecer e reafirmar a importância do evento da proclamação.

A obra precisava colocar em evidência a figura do regente Dom Pedro em contraste com os demais personagens. Por isso, ele aparece no alto da colina, sobre gramado verde, traje de gala nobre, tendo à sua retaguarda dez homens com trajes civis, acenando os chapéus em reverência ao ato heroico do príncipe, empunhando sua espada e proclamando a independência em desafio aos poderosos soldados da Guarda Real, também de espadas empunhadas. A cena, conforme Vanderley de Brito, direciona o olhar do observador para o herói, o dramático, dando a compreensão de que a proclamação foi um feito de um só homem.

"O quadro em si não pretende reconstruir um momento tal qual aconteceu, mas simbolizar a construção da nacionalidade de um território através do heroísmo e do triunfalismo de Dom Pedro", completou o historiador.

Arthur Achilles dos Santos

Intrépido jornalista que despertou a fúria do governador

Hilton Gouveia
 hiltongouveia@gmail.com

Ele foi batizado Arthur Achilles dos Santos, com os prenomes de dois heróis mitológicos da Europa: o grego Achilles e o saxão Arthur, que se tornou rei da Inglaterra. Intrépido, inteligente e portador de grande coragem pessoal, despertou a fúria do então governador paraibano José Peregrino de Araújo (entre 1900 e 1904), que mandou literalmente destruir 'O Comércio', um diário criado pelo ilustre jornalista em João Pessoa, com o apoio de seu genitor, o destemido Antônio Bernardino dos Santos, que não se intimidava em estimular o filho a denunciar as corrupções dos governantes paraibanos da época.

Coriolano de Medeiros cita que Achilles Leal, apesar do arrojo, escrevia tudo com responsabilidade tática e não aplicava a Lei de Talião nas respostas aos adversários, nem mesmo a Peregrino de Araújo, que mandou destruir seu jornal. Medeiros explica que 'O Comércio' foi, para Achilles, "o mais precioso de seus bens, onde escrevia o teor dos sentimentos de sua alma, necessariamente compatível com o seu talento". E adianta: "Ele reconstruiu 'O Comércio' dois anos depois do empastelamento e saiu-se bem, sendo forçado a fechá-lo por causa de uma grave crise econômica, embora o jornal estivesse vivendo o auge de sua glória. Era um homem que calculava, com inteligência e habilidade, tudo que ia escrever".

Outro jornal de Achilles, 'O Combate', foi também empastelado por mandantes do poder, tendo como executor da ordem o chefe de polícia Simeão Leal. Achilles, que demonstrava não temer represálias dos poderosos, foi perseguido, caluniado e invejado. Após a falência como dono de jornal, arranhou um emprego como diretor do Arquivo Público. O ambiente empoeirado contribuiu para que contraísse tuberculose. Morreu pobre, mas convencido de que "a desonestidade no âmbito da causa pública desapareceria com o surgimento de uma sociedade futura, munida de bons propósitos".



Arthur Achilles não temia represálias dos poderosos; foi perseguido, caluniado e invejado: por fim, morreu convencido de que um dia a desonestidade desapareceria do mundo político

Realizou retrospectiva internacional na virada do século quando até os rádios eram poucos

O jornalista e colunista do Jornal **A União** Gonzaga Rodrigues argumenta: "Os interessados em medir o nível cultural de Achilles, basta darem uma olhada na edição de 1899 do jornal 'O Comércio' e vão verificar que ele fez uma retrospectiva internacional, numa época em que não existiam internet, televisão e os rádios eram raros, onde eram analisados os pensamentos dos maiores sábios da época, a exemplo Marx, Hassert, Focault, Comte, Russel Fuerbach, Kierch Gaard, Lukacs, entre outros". Os principais pensadores do século XIX, entre outras palavras, constavam num jornal paraibano, na passagem de ano que marcava a virada para o século XX.

Arthur Aquiles dos Santos nasceu em Pedras de Fogo, na região sul da Paraíba, em 20 de junho de 1864. Morreu de tuberculose em Recife (PE), em 29 de abril de 1916. Abandonou o Curso de Direito na Faculdade do Recife, entusiasmado com a ideia de ser jornalista, a seu modo. Dedicou-se à imprensa, incentivado por seu pai, o influente advogado Antônio Bernardino dos Santos. Foi redator do jornal 'A Paraíba', aos 16 anos. Na gestão de Gama Rosa era oficial de Gabinete. Nessa oportunidade dirige os jornais 'O Comércio' e 'Voz do Povo'. Uma pequena rua do Centro da capital paraibana é batizada com seu nome.

Seu grande feito jornalístico também foi registrado nos jornais 'O Paraibano', 'Gazeta da Manhã', 'Gazeta da Paraíba' e 'Liberal Paraibano'. Revelou-se combativo mais do que o normal nos governos de Alvaro Machado e Venâncio Neiva. Denunciava as corrupções desses dois governadores em 'A Voz do Povo' e 'O Comércio'. Em seu jornal edita as primeiras poesias de Augusto dos Anjos. Isso atendendo a um pedido de seu filho, Santo Neto, amigo do poeta.



Foto: Marcos Russo

Gonzaga Rodrigues é apontado como "doutor" em assuntos relacionados a Arthur Achilles e garante: "Ele foi o jornalista mais combativo que surgiu na Paraíba"

Ao adotar o pseudônimo de Rostand começa a participar do Circulo Literário do Café Chique. Mantém a coluna 'Estrada do Carro'. Escreveu um testamento poético em 1907 - nove anos antes de morrer -, procurando restaurar parte dos valores e condutas que teve em sua vida, onde fica evidenciado o seu ressentimento em diversas fases de sua vida. Revelou-se homem guiado pela organização moral, sempre voltada para as camadas mais

pobres da sociedade. Os seus atos de vida pública obedeceram ao critério consciencioso de ser útil aos outros, principalmente à Paraíba. Em 1903, aos 39 anos, Achilles leu 'O Livro de Branca', uma homenagem de Abreu a Branca Dias, uma colona paraibana que, por recusar o amor de um clérigo, foi caluniada por ele e condenada à fogueira, pelo Tribunal da Inquisição. O jornalista e escritor José Octávio de Arruda Mello informa que Achilles, além

de inteligente e membro da Maçonaria, era um anticlerical destemido, que ousava criticar com veemência a intromissão da Igreja nos assuntos de estado, principalmente na política. "A princípio, ele era ligado a Epitácio Pessoa. Logo seu caráter combativo o levou a ser respeitado pelo povo e alguns políticos, inclusive Epitácio, que já começava a mandar na política paraibana", explica Octávio. "Falavam". Já o jornalista Gonzaga Rodrigues,

reconhecido como "doutor em assuntos sobre Arthur Aquiles", não hesita em afirmar que, a seu ver, ele foi o jornalista mais combativo que surgiu na Paraíba entre o final do século XIX e o início do século XX. "Um admirador adolescente frequentava a casa do Monsenhor Benvindo, ponto de reunião dos desafetos de Achilles, só para repassar as fofocas que falavam sobre o jornalista", diz.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Um cinquentão antenado com seu tempo

Eu ainda não era sequer projeto de vida, quando o Jornal da Paraíba nasceu em Campina Grande, em 5 de setembro de 1971, na Serra da Borborema. Idealizado por um grupo de amigos, o JP - como carinhosamente ainda gosto de chamar - se tornou minha casa profissional em 2001, de onde saí quase dez anos depois.

Passsei a fazer parte de um dos veículos da Rede Paraíba de Comunicação pelas mãos de Roelof Sá (querido mestre que hoje acompanha as notícias lá do céu). Também foi Roe quem me apresentou ao empresário Eduardo Carlos, assim que cheguei ao JP para assumir o cargo de secretária de redação. No jornal, encontrei amigos do tempo de universidade, que já faziam parte da redação, e fiz novas amizades ao longo de nove anos e oito meses, dos quais oito como editora-executiva.

A Eduardo Carlos, até hoje sou grata por ter me dado a oportunidade de conduzir um dos principais veículos de comunicação da Paraíba. No Jornal da Paraíba, cresci muito como profissional e fiz jornalismo de qualidade, dividindo dúvidas, ideias, dilemas, ansiosos e... manchetes com os colegas da redação.

Aliás, de editores a repórteres, de fotógrafos a motoristas, morro de saudades de todos. Dizem que redação é estressante. E é: mas também guarda muita beleza. Seja na busca por contar histórias que impactem a vida dos leitores, seja na divisão de quantos cachorros-quentes cabem a cada um nas memoráveis coberturas eleitorais, o que faz um jornal ser grande são as pessoas que ali estão. Queridos, ainda hoje sou grata a todos vocês!

O Jornal da Paraíba completa 50 anos neste domingo, 5 de setembro. É um cinquentão renovado, que sempre se manteve atento à contemporaneidade. Em 2001, por exemplo, com a estadiação e adoção do formato standard (antes era tablóide), foi o primeiro jornal impresso da Paraíba a lançar uma edição digital, ainda que o site se limitasse a reproduzir o conteúdo da versão de papel. Em 2003, os leitores do jornal tiveram acesso ao jornal digital no formato flip-page. Já em 2006, o JP lançou os Classificados Online.

Em 2008, uma ideia pioneira ganhou forma: o lançamento da Versão Digital para Deficientes Visuais. Dois anos depois, seria a vez da criação de uma

versão para Iphone e Ipad em HTML5. Em 2011, estreou a versão do JP Online (como a versão digital era chamada) para portáteis, como smartphones e tablets. Nesse mesmo ano, o JP ganha cara de site mesmo, não sendo mais apenas mera reprodução do impresso, e assume o desafio de veicular informações em tempo real. Além dessas inovações, outras marcariam a história do jornal, a exemplo da publicação da primeira edição com anúncios em 3D, quando o jornal chegou para os leitores com óculos especiais, oferecendo-lhes uma nova experiência de leitura. Ou o lançamento da revista de variedades Pitanga, em 2012, que circulou aos domingos durante dez meses.

Em 2016, as páginas de papel deram lugar aos bytes de forma definitiva, num processo disruptivo que, como a própria evolução digital do JP indica, começou bem antes. O fim do impresso foi fruto não apenas do agravamento da crise brasileira (muito pior do que a enfrentada hoje), mas também de um fenômeno mundial: a crise do modelo de negócio dos jornais impressos.

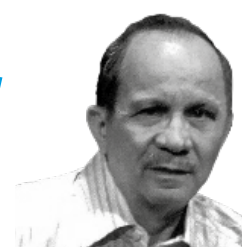
O JP de papel virou legado, com a última edição publicada em 10 de abril de



2016. Mas a história da marca Jornal da Paraíba continuou na plataforma digital. Que bom ter feito parte dessa trajetória! Aos amigos que continuam no batente, parabéns! Continuem levando adiante, quem sabe por mais 50 anos, informação de qualidade para os paraibanos.

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A pré-Jovem Guarda – conclusão

A participação de Sérgio Murilo Moreira Rosa (Rio de Janeiro, 1941-1992) foi primordial para avançar o gosto musical brasileiro no sentido de aceitação e seguimento dos passos do rock 'n' roll entre nós. Tornou-se o centro musical dos fins dos anos de 1950 e início dos anos de 1960, em uma fileira de que participavam Tony e Celly Campello, mas também em que surgiam Ronnie Cord (Ronaldo Cordovil), Carlos Gonzaga, Wilson Miranda, Alberto Pavão, Wanderley Cardoso, Ed Wilson (Edson Vieira de Barros), Bobby di Carlo (Roberto Caldeira dos Santos), Ronnie Von (Ronaldo Nogueira, cognominado, posteriormente, de "O Príncipe da Jovem Guarda"), Tim Maia, Demétrius (Demétrio Zahra Neto), The Clevers (depois, Os Incríveis), Golden Boys e muitos outros de cujos nomes facilmente o leitor se lembrará...

Sérgio Murilo começou a cantar, ainda criança, aos oito anos, participando do programa "Trem da Alegria", que migrou por várias emissoras cariocas (rádios Cruzeiro do Sul, Nacional, Mayrink Veiga e Tamoio) a convite do Trio de Osso, formado por Lamartine Babo e pelo casal Héber Bóscoli e Yara Salles, criado a partir do sucesso do então Trio de Ouro (formado por Nilo Chagas e pelo polêmico casal Herivelto Martins e Dalva de Oliveira). Daí, foram surgindo convites da mídia da época que disputava a presença de Sérgio Murilo, em função de apelos dos ouvintes. Tanto é que, já aos doze anos, foi-lhe confiada a apresentação, como animador infantil, de um programa na

TV Rio, do grupo Record. Aos quinze anos, era presença obrigatória no programa de auditório "Os Curumins", da Rádio Tamoio. Em 1956, já era apresentador do programa "Gente Importante" (com Sônia Müller). Mesmo antes de gravar o primeiro disco, já havia aparecido em alguns filmes anuais da antiga Atlântida, a exemplo de "Alegria de Viver", primeira película a usar um rock 'n' roll em sua trilha sonora, obviamente, com a interpretação do adolescente que, na comédia, ensinava os passos da nova dança à consagrada atriz Eliana Macedo.

Daí para o primeiro contrato com uma gravadora foi um pulo... e logo com a então poderosa Columbia (1958), onde gravou "Menino Triste" (um samba-canção) e "Mudou Muito" (uma toada). Mas não era essa a "sua praia". Os produtores entenderam isso, e em 1959, vem o seu primeiro grande hit "Marcianita", versão para uma canção de origem chilena, que se transformou num clássico do rock brasileiro, cujo sucesso foi maior aqui do que lá e que foi incluído no seu primeiro álbum. Em 1960, outro grande sucesso: "Broto Legal" (versão de Renato Corte Real para "I'm in Love", de H. Earnhart), e que também fez sucesso na interpretação de Celly Campello.

Fato marcante, na pré-Jovem Guarda: entre 1960 e 1962, já com pleno sucesso em sua carreira, Sérgio Murilo, ao lado de Sônia Delfino, recepcionou, em seu programa da TV/Tupi-Rio, os futuros e consagrados intérpretes Jorge Ben, Wilson Simonal, Wanderléa e até Roberto Carlos. Aliás, a bem da verdade,

em 1961, por votação popular realizada pela consagrada Revista do Rock, ele é escolhido como o "Rei do Rock no Brasil", sendo eleita Celly Campello como a "Rainha do Rock".

Outro registro: em 1959, ano efervescente do rock, Sérgio Murilo foi escolhido para ser o anfitrião de Neil Sedaka ("Oh! Carol"), o astro da hora, quando da vinda deste ao Brasil.

Por essa época, segundo os periódicos de então comentavam, ocorreria um dos famosos entreveros com a gravadora Columbia, segundo o qual, com a chegada de Roberto Carlos à gravadora, por cumeira interna, Sérgio desentendeu-se com a produção musical da empresa e fica sem gravar por dois anos (de 1962 a 1964). São dessa época as desavenças artísticas entre os dois e que foram assunto constante das revistas especializadas da época, mas nada pode ser avaliado fora do contexto. Aguardando o término do seu contrato, ele busca, com sucesso, enveredar pelas praças musicais latino-americanas. Migrando para outra gravadora, a RCA Victor, Sérgio vai-se firmando no mercado latino, centrando-se no Peru onde recebe o prêmio "Artista estrangeiro mais popular" e o "Microfone de Prata". É evidente que o rompimento com a Columbia arrefeceu o seu sucesso em nosso país e, de certa forma, redundou numa parada abrupta de sua ascensão musical.

Mesmo assim, alguns álbuns foram gravados para o mercado latino. Não se pode deixar de registrar as inúmeras regravações de hits internacionais, que já haviam sido registradas pelos intérpretes originais, como "Oh! Carol" (Neil Sedaka), "Personality" (Pat Boone), "The Diary" ("Put Your Hand on My Shoulder", "Adam and Eve" (Paul Anka), "Shame

and Scandal in Family" (Shawn Elliot), "Isty Bitsy Teenie Weene Yellow Polkadot Bikini" (Brian Hyland) e muitos outros.

Do seu play-list de versões, foram/são destaques os citados 'Broto Legal', 'Marcianita', além de 'Estúpido Cupido' ('Stupid Cupid'), 'Abandonado' (versão para 'Only the Lonely', de Ray Orbison), e muitos outros mais.

Como Celly Campello, ele também foi lembrado, com inclusão de hits seus na novela "Estúpido Cupido" (Globo, 1976).

Apesar de cortado pelas fâs, recluso que era e, paradoxalmente para um artista consagrado, averso a manifestações, optou por não se casar. Residiu nos States e na Itália, mas viveu seus últimos dias, como advogado, em Copacabana, ao lado de sua mãe.

Antes de nos deixar, Agnaldo Timóteo, falando sobre Sérgio Murilo, assim se expressou: "Por ser introvertido e diplomata, o sistema o devorou, como devora todos os que a ele não se submetem". Verdade!!!



Foto: Reprodução

Celly Campello e Sérgio Murilo em revista da época

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
Email: chefwalterulysses@hotmail.es

A base empresarial

É bem comum pessoas vendo empreendimentos do ramo da gastronomia sendo um sucesso e achar que, se seguir ou copiar a mesma coisa, o seu negócio também será sucesso também.

E a coisa não é bem assim. Hoje vivemos em um mundo globalizado onde a internet chega muitas vezes a ter em uma live um alcance maior do que uma rede de tevê. E, por incrível que pareça, existem emissoras que proibem seus funcionários de fazer o famoso #Publi em suas redes sociais. Parece até mentira, mas é pura realidade!

Hoje, empresas antes de serem abertas já criam a logomarca e já vão criando seu Instagram para começar a colocar conteúdos que possam chamar seguidores e, ao mesmo tempo, ser seus clientes no futuro,

já imaginando quem será o foco de seus clientes. Acho que muitos de vocês que vivem nesse mundo de redes sociais – de alguns sorteios em dinheiro, celulares, motos etc. – têm que seguir as pessoas que a empresa segue e marcar mais dois, três amigos. Isso é marketing. A empresa está usando esses meios para ser uma futura marca no Instagram ou até mesmo vender por um valor absurdo esse mesmo Instagram que vai chegar na média de um milhão de seguidores ou até mesmo mais. Termina virando um negócio lucrativo.

Se você está pretendendo abrir um negócio no ramo de gastronomia, vá já seguindo algumas dicas, como essa de já criar sua rede social e gerar conteúdo, para gerar essa expectativa, esse suspense. Outra: você terá que ter foco no negócio que você queira abrir e

que tenha um resultado favorável, só que esse resultado favorável vai depender de vários fatores, como capacitação de funcionários, local de negócio, tipo de público... São vários fatores que vão dizer se seu caminho está correto.

E ainda contratar um consultor em gastronomia antes, que pode ser um chef de cozinha executivo. Só ele vai guiar, com olhar especialista, o seu negócio da forma mais correta a seguir.

O velho guerreiro, na tevê, falava: “Na televisão, nada se cria, tudo se copia”. Isso fica só para a tevê, ok?

Inove, seja ousado. Se for para copiar, faça de sua forma, não seguindo a linha do outro. A melhor coisa é você parecer igual, porém, ter um diferencial, o que lhe torna especial.

Foto: Walter Ulysses



PRATO DO DIA

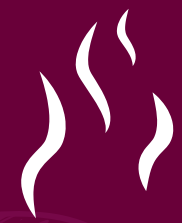
Arroz cremoso na nata e carne de sol

Ingredientes

- 1 colher (sopa) de óleo
- 1 cebola roxa picada
- 1 xícara (chá) de arroz branco lavado e escorrido
- 1 pitada de sal
- 1 xícara (chá) de leite de coco
- 1 xícara (chá) de queijo coalho em cubos
- 1 xícara (chá) de carne de sol desfiada e dessalgada
- 2 colheres (sopa) de coentro
- 3 colheres de nata e queijo coalho ralado para polvilhar

Modo de preparo

- Em uma panela média, aqueça o óleo e refogue a cebola até murchar. Junte o arroz e refogue muito bem até ficar brilhante. Acrescente o sal, o leite de coco e meia xícara (chá) de água; misture bem.
- Abaixar o fogo, tampe parcialmente a panela e deixe cozinhar até o arroz secar.
- Desligue o fogo, tampe a panela e deixe por mais cinco minutos para que o arroz termine o cozimento em seu próprio vapor.
- Em um recipiente refratário, misture o arroz, o queijo coalho, a carne-seca, o coentro e acrescente a nata; misture bem.
- Polvilhe o queijo coalho e leve ao forno médio-alto (200°C), preaquecido, por quinze minutos ou até gratinar. Sirva.



QUENTINHAS

Novidade em João Pessoa é a Maya Pizzaria Delivery, uma pizza ao forno de massa fina com um excelente molho de tomate. Além de uma variedade de sabores. Seu contato no Instagram: @mayapizzajp.

O Restaurante Dona Branca recebeu a fiscalização da VGS do município e foi autuado; recebeu alguns dias para poder rever algumas coisas erradas que estava no local. Com alimentação não dá para estar brincando.

PITADAS A GOSTO

A nata ou creme de leite é a gordura do leite, um tipo de laticínio, muito utilizada em culinária e confeitaria e também como principal ingrediente da manteiga.

No leite fresco em repouso, a porção gorda, menos densa que a água, forma uma camada de nata à superfície, que pode ser removida para uso posterior. Essa nata tem apenas 30% da gordura do leite. Nos países industrializados, no entanto, a nata é extraída do leite por centrifugação e depois tratada termicamente para se conservar mais tempo. As formas de tratamento térmico incluem a pasteurização, a esterilização e o UHT.

